

Eduardo Vieira Gonçalves

Museu Judaico de Belmonte.

Memória e Identidade Criptojudáica

Dissertação de mestrado em História, especialização em Museologia, orientada pela Prof. Doutora Irene Vaquinhas, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2016



Faculdade de Letras
Museu Judaico de Belmonte.
Memória e Identidade Criptojudáica

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Museu Judaico de Belmonte. Memória e Identidade Criptojudáica.
Autor/a	Eduardo Vieira Gonçalves
Orientador/a	Irene Vaquinhas
Coorientador/a	Xxx
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Museologia
Data	2016



RESUMO

A presença judaica na Península Ibérica e nomeadamente em Portugal remonta às origens da nacionalidade. Em Belmonte, um dos mais antigos municípios portugueses, a presença da comunidade judaica que ali reside confunde-se com a história da localidade. Da necessidade de preservar a memória e a identidade judaicas, aliada à necessidade de dinamizar as atividades culturais e seus potenciais económicos, surgiu a ideia de construir um museu judaico em Belmonte, há pouco mais de uma década.

O objetivo deste trabalho é avaliar o papel desempenhado pelo Museu Judaico de Belmonte, sua capacidade de identificação com as singularidades locais e a efetividade de suas ações, como uma instituição destinada à preservação da memória e da identidade judaica e criptojudáica.

Para atingir o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, buscando contextualizar a instituição museológica através de uma concepção da nova museologia, onde o museu é inserido na vida social, cultural e económica da comunidade.

A conclusão do trabalho possibilitou identificar a articulação do museu com as demais instituições do município e região, para bem cumprir sua missão. Verificou-se, também, sua integração, como parte de um importante projecto de desenvolvimento do turismo cultural na Beira Interior, na Região Centro de Portugal.

Palavras chave: Museu Judaico; História; Memória; Identidade Criptojudáica; Belmonte.

Abstract

The Jewish presence in the Iberian Peninsula and in particular in Portugal dates back to the origins of the nation. In Belmonte, one of the oldest Portuguese municipalities, the presence of the Jewish community that resides there is intertwined with the history of the town. From the need to preserve the memory and identity of the Jewish people, coupled with the need to stimulate cultural activities and their economic potential, emerged the idea to build a Jewish Museum in Belmonte just over a decade.

The aim of this study is to evaluate the role played by the Jewish Museum of Belmonte, its ability to identify with the local singularities and the effectiveness of its actions, as an institution intended to the preservation of memory and of Jewish identity and crypto Jews community.

To achieve the proposed objective were done a bibliographical, documentary and field research, seeking to contextualize the museological-directed institution through a conception of the new Museology, where the Museum is inserted in the social, cultural and economic life of the community.

The conclusion of the research made it possible to identify the relationship between the Museum with the other institutions of the city and region to fulfill its mission. It was found also their integration as part of an important project of development of cultural tourism in Beira Interior, in the central part of Portugal.

Key-words: Jewish Museum; History, Memory, Crypto Jews Identity; Belmonte

ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS	8
AGRADECIMENTOS.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE	
1. Considerações gerais.....	18
2. Algumas definições de memória.....	19
3. Memória e história.....	23
4. Os judeus e a memória coletiva.....	24
5. Os museus e outros locais de memória.....	26
5.1. O nascimento e o desenvolvimento dos museus em Portugal.....	28
CAPÍTULO II	
JUDEUS E JUDAÍSMO	
1. Breve histórico sobre o povo judeu.....	32
2. Do nascimento do judaísmo à diáspora judaica.....	34
3. Os judeus na Península Ibérica.....	35
4. Os judeus em Portugal.....	36
5. A Comunidade judaica de Belmonte.....	37
6. Os cristãos novos e as origens do criptojudaísmo.....	39

CAPÍTULO III

CONTEXTUALIZAÇÃO E RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

1. Contexto local e regional.....	44
2. A criação do museu como parte de um projeto de valorização do turismo cultural regional.....	46
3. Programas e Instituições relacionados com o quadro institucional.....	48
3.1. PETUR.....	48
3.2. PROVERE.....	49
3.3. Associação Judaica de Belmonte.....	51
3.4. Rede de Judiarias de Portugal.....	51
3.5. Rede de Aldeias Históricas de Portugal.....	52
3.6. Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico.....	53
3.7. Polo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela.....	54
3.8. Empresa Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social.....	55
4. Análise de outros espaços museológicos com temáticas semelhantes..	56

CAPÍTULO IV

O MUSEU JUDAICO DE BELMONTE

1. Missão.....	61
2. Histórico.....	61
3. Descrição, localização e estrutura física do edifício.....	64
4. Exposição permanente, discurso museológico e museografia.....	65
5. Tutela e Administração.....	66
6. Coleção.....	68
7. O museu e suas temáticas.....	69
7.1. A Inquisição portuguesa e os judeus da Beira Interior.....	69
7.2. A resistência e o criptojudaísmo.....	71
7.3. A obra de resgate.....	74
7.4. Personalidades ligadas à obra de resgate.....	75
7.4.1. Samuel Schwarz.....	75
7.4.2. Artur Carlos de Barros Basto.....	79
7.5. Principais festas do calendário litúrgico judaico.....	80

7.5.1. Rosh Hashanah (Festa do ano novo).....	81
7.5.2. Yom Kippur (dia da expiação, do perdão).....	82
7.5.3. Sukkot (Festa das cabanas).....	83
7.5.4. Shemin Atzeret.....	83
7.5.5. Simhat Torá (alegria da lei)	84
7.5.6. Hanukah (Festa das luzes).....	84
7.5.7. Tu B' Shevat.....	85
7.5.8. Purim.....	85
7.5.9. Pessah (Páscoa).....	86
7.5.10. Shavuot (Festa das colheitas).....	87
7.5.11. Tishá Beav (destruição do templo).....	87
7.5.12. Shabat.....	89
8. Público visitante.....	89
9. Principais eventos.....	93
10. Análise SWOT.....	94
10.1. Pontos Fortes.....	94
10.2. Pontos Fracos.....	95
10.3. Oportunidades.....	95
10.4. Ameaças.....	96
CONCLUSÃO.....	97
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	101
Anexo I - Tabelas.....	111
Anexo II - Figuras.....	125
Anexo III – Documentos.....	150

LISTA DE SIGLAS

ADTAHP – Associação de Desenvolvimento Turístico das Aldeias Históricas de Portugal

AIBTSE – Ação Integrada de Base Territorial da Serra da Estrela

AJB – Associação Judaica de Belmonte

APMCH – Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico

CHJF – Centro Histórico Judaico de Faro

CJB – Comunidade Judaica de Belmonte

EMPDS – Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social

ENMCH – Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico

ICOM - International Council of Museums

ICOMOS – International Council of Monuments and Sites

INE – Instituto Nacional de Estatística

NAMRC – Núcleo de Apoio aos Museus da Região Centro

OMT – Organização Mundial do Turismo

PCM – Património Cultural Material

PCI – Património Cultural Imaterial

PDTSE – Pólo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela

PETUR – Plano Estratégico para o Turismo na Serra da Estrela

PROT – Plano Regional de Ordenamento do Território

PROVERE – Programa de Valorização dos Recursos Endógenos

TC – Turismo Cultural

UBI – Universidade da Beira Interior

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

AGRADECIMENTOS

Ao completar esta importante etapa de minha vida acadêmica, pessoal e profissional, manifesto minha gratidão àqueles que fizeram parte desta jornada.

Aos meus pais, por me educar e transmitir os valores morais essenciais à minha formação.

A minha esposa e filhos, companheiros inseparáveis, em todos os momentos e fonte de inspiração, estímulo e alegria.

A minha orientadora, Professora Doutora Irene Vaquinhas, pelos valiosos ensinamentos, pela paciência e pela permanente disponibilidade em me orientar.

Aos Professores Doutores, Álvaro Garrido, Carlota Simões e Pedro Casaleiro, pelo incentivo transmitido durante a fase curricular do mestrado.

Aos Professores Doutores Antonieta Garcia, Elvira de Azevedo Mea, David Augusto Canelo e Jorge Rodrigues pela valiosa contribuição no levantamento das fontes.

Ao vereador Antônio Rocha, presidente da Câmara Municipal de Belmonte, por fornecer informações sobre seu projeto de governo.

Ao engenheiro Joaquim Costa, presidente da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social, por autorizar o acesso às instalações das instituições tuteladas pela empresa.

A Miguel Teixeira, engenheiro responsável pelo projeto de musealização do Museu Judaico de Belmonte, por esclarecer dúvidas sobre a concepção do projeto.

A Elisha Salas, rabino da comunidade judaica de Belmonte, por prestar informações sobre a frequência dos fiéis nas cerimônias litúrgicas.

A Manuel Marques, ex-pároco de Belmonte, pelo relato esclarecedor à respeito de sua experiência durante o prolongado convívio com a população local.

A José Levy Domingos, diretor do Gabinete Judaico da Câmara Municipal de Belmonte, por compartilhar experiências sobre seu trabalho junto à comunidade judaica local.

A Pedro Diogo, chefe do escritório da Rede de Judiarias de Portugal em Belmonte, por fornecer os dados quantitativos sobre a população judaica residente no município.

A Angélica Máximo, técnica da secção de arquivo, da Câmara Municipal de Belmonte, pela disponibilidade em auxiliar na pesquisa de documentação.

A Elisabete Mantegueiros, técnica da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social, pelos dados disponibilizados sobre o fluxo de visitantes nos museus de Belmonte.

A Elisabete Robalo, programadora cultural, do Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte, pelas informações prestadas sobre as atividades culturais do município.

A Palmira Rodrigues, antiga moradora de Belmonte, pela gentileza de me receber em sua casa e pelo testemunho sobre a vida no município ao longo dos últimos cinquenta anos..

A Maria João Oliveira, técnica responsável pelo acervo da Biblioteca Municipal de Belmonte, pela inestimável ajuda prestada no acesso aos periódicos.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho.

A Universidade de Coimbra por possibilitar a realização do sonho de uma vida.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o papel desempenhado pelo Museu Judaico de Belmonte na preservação da memória e da identidade da população judaica da região da Beira Interior, no centro de Portugal.

A presença de judeus nessa região pode ser percebida em função do movimento das levas migratórias que constituíram a diáspora judaica na Península Ibérica, provocada por perseguições religiosas que se intensificaram a partir da decretação da Inquisição castelhana, em novembro de 1478, e da determinação da expulsão dos judeus de todas as terras espanholas conforme o decreto de 30 de março de 1492.

Se, num primeiro momento, os judeus encontraram acolhida em Portugal, essa situação modificou-se em pouco tempo. O casamento de Dom Manuel com Dona Isabel de Castela, em 1497, trouxe como consequência o fim da tolerância para com os judeus em terras portuguesas. Em 1515, o rei português Dom João III solicitou ao papa autorização para a criação dos tribunais do Santo Ofício em Portugal, o que somente ocorreu, de forma oficial, em 1536, através de um édito do Papa Paulo III, dando início à Inquisição portuguesa. A comunidade judaica sofreu com as conversões forçadas a partir de então dando-se origem ao que ficou conhecido como criptojudaísmo, que iremos abordar de forma mais detalhada no decorrer deste trabalho.

O interesse pelo tema foi despertado no âmbito das disciplinas que integram a grade curricular do 2º ciclo em História, Especialização em Museologia. O desenvolvimento dos conteúdos temáticos permitiu perceber a importância dos museus de âmbito local na preservação da memória e da identidade das comunidades em que se situam. Apesar de estas se encontrarem afastadas dos grandes centros urbanos, os museus inserem-nas num contexto mais global, no quadro da história das sociedades em âmbito mundial.

Segundo Moreira “Os museus locais que, num passado recente, eram encarados como fatores menores na política cultural oficial, são hoje

reconhecidos pela União Europeia como elementos essenciais dessa mesma política”¹.

Os museus locais realizam uma diversidade de funções e dentre elas a de promover o resgate cultural de comunidades que isolaram-se ao longo do tempo para proteger os seus membros de perseguições de carácter político e religioso como é o caso dos judeus em Belmonte. Mesmo após o fim oficial da Inquisição em Portugal, em 1821, mantiveram-se afastados do convívio do restante da sociedade, quer por receio de novas perseguições quer como forma de manter inalteradas e sem sofrer influências externas suas manifestações culturais e seu modo de vida.

O fenômeno da massificação dos museus em Portugal, ou seja, o aumento significativo do seu número, em especial, os museus de tutela local (municipal ou de freguesia) e detentores de pequenas coleções, com forte apelo identitário, acentuou-se nas últimas décadas, em especial, a partir das novas condições criadas a partir de 25 de abril de 1974, com o processo de redemocratização e o surgimento de uma política de descentralização cultural e, mais recentemente, com a difusão do conceito de património cultural imaterial após a ratificação por Portugal, em 2008, da Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.

Segundo Cabral “Entende-se por património cultural imaterial, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”².

¹ MOREIRA, Fernando João. “O Processo de criação de um museu local”. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2006, nº. 25, p. 47.

² CABRAL, Clara Bertrand. *Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus conceitos*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 17.

É comum os museus locais disponibilizarem coleções a partir de objetos que identificam atividades desenvolvidas pelas comunidades locais, sejam elas laborais, recreativas e de lazer ou relativas a aspectos e rituais religiosos.

Nesse contexto, os museus que possuem esse argumento identitário, como linha condutora do seu discurso expositivo, passaram a despertar um maior interesse, não só das comunidades locais, como também dos turistas que os visitam e de pesquisadores em geral.

Convém também considerar a melhoria das acessibilidades e dos meios de transporte, a partir da década de 1990, com a implantação, em Portugal, de políticas públicas de mobilidade terrestre, o que permite deslocamentos mais rápidos e seguros até locais afastados, além do papel desempenhado por novos veículos de comunicação de massa, em especial, aqueles que utilizam *web sites* para divulgação de conteúdos, permitindo a um público cada vez mais diverso, em qualquer lugar do mundo, o acesso a informações sobre locais de forte apelo turístico.

É o caso das aldeias históricas de Portugal, grupo este composto por doze aldeias, sendo Belmonte uma destas aldeias e que, para além de suas belezas naturais, possuem um património de valor histórico, que tem despertado o interesse e a curiosidade do público em geral, contribuindo para o incremento do turismo no interior do país, incluindo-se esses museus nos roteiros de visitaçãõ. Esta situação foi facilitada com a criação, em 2009, da Associação de Desenvolvimento Turístico das Aldeias Históricas de Portugal (ADTAHP), a qual veio ao encontro das necessidades de reafirmação do objetivo inicial do projeto “Aldeias Históricas de Portugal”: a criação de um produto turístico-cultural de primeiro plano a nível nacional, como catalizador do desenvolvimento económico-social do território da Beira Interior. Esta e outras iniciativas trouxeram à região Centro de Portugal uma estratégia de crescimento e de valorização centrada nos valores da História, da Cultura e do Património.

Do ponto de vista dos pesquisadores em ciências sociais, a criação destas condições possibilitou uma mudança ou, pelo menos, uma diversificação do eixo geográfico no estudo dos museus e de seus fenômenos associados, deslocando seus locais de estudo para o interior, para zonas mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Uma característica também marcante da categoria de museus que aqui apresentamos é a sua vocação etnográfica, preservando a história e a memória das comunidades nas quais estão inseridos, sendo que o maior patrimônio a preservar, nestes museus, para além do valor dos objetos que constituem as suas coleções, é o patrimônio cultural imaterial.

Para Moutinho “Os museus locais, enquanto instituições sociais, atuam como instrumento de difusão cultural e patrimonial e ocupam um lugar fundamental no circuito cultural e na mediação entre cultura e sociedade, sendo que nessa condição, se revelam essenciais na preservação da identidade e da memória coletivas”³. Além disto, a participação comunitária no desenvolvimento do país tem uma forte sustentação nas políticas de intervenção a nível local, estabelecendo permanentemente uma relação estrutural entre cultura e desenvolvimento.

É na perspectiva de preservação de um patrimônio imaterial que buscamos inserir nosso objeto de estudo e é neste âmbito que pretendemos relacionar a história da comunidade judaica de Belmonte com a missão e os objetivos do Museu Judaico de Belmonte.

A exposição permanente do Museu Judaico de Belmonte retrata, a partir de objetos relacionados com a cultura judaica, uma parte da história dos judeus em Portugal, em especial das comunidades judaicas da Beira Interior, desde a primeira leva migratória, ainda no século XV, como também as questões que envolvem a sua permanência em Portugal, durante o período da Inquisição e a transmissão de sua identidade cultural através dos séculos até o tempo presente.

A inquisição em Portugal, embora não seja o alvo deste estudo, será objeto de análise na medida em que nos depararmos com os processos que envolveram os judeus da região da Beira Interior, até mesmo como forma de melhor contextualizar nossa pesquisa.

Embora façamos referência aos judeus, enquanto grupo social, convém destacar que a comunidade judaica, em Portugal e no mundo, é composta por agrupamentos humanos bastante heterogêneos, não havendo uma unidade do

³ MOUTINHO, Mário. “Museus Locais em Portugal após o 25 de abril”. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012, nº. 53, p. 8.

ponto de vista social. Nem sequer é possível estabelecer características étnicas comuns que os particularize.

A linha que une esses diversos agrupamentos e que os define como judeus é marcada por traços culturais comuns e a prática de uma religião monoteísta com seus rituais específicos. O lugar de preservação da memória judaica costuma ser a sinagoga, onde os membros da comunidade encontram-se, regularmente, para a realização de cânticos e orações, bem como para a leitura dos mandamentos contidos na Torá.

A missão preconizada para o Museu Judaico de Belmonte é a preservação dessa memória local, utilizando um discurso museológico apropriado, com a exposição de uma coleção com características etnográficas e identitárias, aberta à visitação pública, permitindo a difusão da cultura judaica para outros públicos, para além da Sinagoga.

A problematização de nosso trabalho consiste em perceber até que ponto esta missão tem sido cumprida, ou seja, será que o discurso museológico veiculado pelo Museu Judaico de Belmonte consegue transmitir a singularidade da identidade judaica da localidade? A população judaica local consegue perceber a representação de sua cultura nas exposições organizadas pelo Museu? As lideranças da comunidade judaica identificam-se com o discurso museológico? Existe, de facto, uma coerência entre o discurso museológico e as práticas religiosas e laborais locais? Ou ainda, o objetivo maior do museu é oferecer um produto de carácter comercial, voltado à visitação turística?

A necessidade de impor um limite temporal para o objeto de estudo levou-nos à opção de abordar o período compreendido entre a abertura oficial do museu, em 17 de abril de 2005, até o ano de 2015, quando esse museu completou dez anos de existência. A referência a períodos anteriores impõe-se, no entanto, como necessária para criar o pano de fundo onde se desenrola a pesquisa.

Em termos metodológicos, recorreu-se ao levantamento bibliográfico e documental, mediante pesquisa de fontes (manuscritas e impressas) em alguns arquivos, com destaque para o acervo do Arquivo e Biblioteca Municipal de Belmonte e do Arquivo do Museu Judaico de Belmonte.

Para uma melhor compreensão do objeto de estudo, bem como da função social e histórica do Museu Judaico de Belmonte, revisitaremos, inicialmente, a

bibliografia concernente aos conceitos de história, memória e identidade, com o objetivo de definir devidamente esses conceitos através da ótica de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema.

Adotaremos, como ponto de partida, os estudos sobre história e memória desenvolvidos por Jacques Le Goff⁴ e Pierre Nora⁵, consagrados historiadores franceses vinculados à corrente historiográfica da Nova História Cultural e a perspectiva do historiador do judaísmo Yossef Yerushalmi⁶ sobre o tema, além de outros autores com proximidades epistemológicas quanto a objetos de estudo e correntes de pensamento.

Na tentativa de estabelecer um contra-ponto com essas abordagens, analisaremos, dentre outros, os conceitos de memória coletiva, social e cultural, desenvolvidos nas obras do sociólogo francês Maurice Halbwachs⁷, do historiador inglês Paul Connerton⁸ e da socióloga alemã Aleida Assmann⁹.

Após a definição desses conceitos operatórios, proceder-se-á a uma breve contextualização sobre a história dos judeus e a sua integração em Belmonte, analisando-se o momento em que essas histórias se encontram e como transitaram até o presente. Para análise dessa matéria será de fundamental importância a abordagem dos estudos realizados por Amílcar Paulo¹⁰, David Augusto Canelo¹¹ e Maria Antonieta Garcia¹², dentre outros.

A terceira parte do trabalho incidirá na contextualização do Museu Judaico de Belmonte com outras instituições museológicas que possuem temáticas semelhantes. Também será analisada a sua inserção na comunidade local e regional, na articulação com outras instituições e, participação nos programas de valorização da cultura com a inclusão nos roteiros de visitação turística.

⁴ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Lisboa: Edições 70, 2000, Vols. I e II.

⁵ NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Moderna, 2006.

⁶ YERUSHALMI, Yossef Haym. *Zakhor: História Judaica e Memória Judaica*. Tradução Lina G. Ferreira. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁸ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1999.

⁹ ASSMAN, Aleida. *Cultural Memory and Western Civilization. Functions, Media, Archives*. Cambridge: University Press, 2011.

¹⁰ PAULO, Amílcar. *A dispersão dos Sephardim*. Porto: Nova Crítica, 1978.

¹¹ CANELO, David Augusto. *Judaísmo e Criptojudaísmo*. Belmonte: Câmara Municipal, 2008.

¹² GARCIA, Maria Antonieta. *Os Judeus de Belmonte, os caminhos da memória*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991.

A quarta e última parte do trabalho consistirá na análise do historial do museu, através do estudo dos diversos aspectos que lhe são inerentes. Serão avaliados, inicialmente, a estrutura física, a localização, missão institucional e órgãos de tutela. A seguir, serão analisadas a coleção e as temáticas que dão suporte ao discurso museológico, bem como as atividades desenvolvidas no período compreendido entre a sua inauguração, em 2005, e o momento em que completou dez anos de existência, em 2015.

Na conclusão do trabalho pretende-se avaliar a efetividade do papel desenvolvido pelo Museu Judaico de Belmonte na preservação da memória e da identidade dos judeus da região da Beira Interior.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

1. Considerações gerais

À primeira vista, a palavra memória remete-nos à lembrança de acontecimentos passados, algo inerte, que ficou preso no tempo. Porém sabe-se que a memória é dinâmica e permite a conexão entre as três dimensões temporais: ao ser evocada no presente, remete para o passado, mas sempre tendo em vista o futuro.

A memória é a matéria-prima do historiador, está nos alicerces da história, confundindo-se com o documento, com o monumento e a oralidade. É uma construção psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, que nunca é somente de um único indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. A história vivida de um lugar, de uma pessoa, um momento, um objeto arquitetônico, etc. pode transformar-se em um fundamento para o conhecimento do próprio cotidiano, onde a memória torna-se essencial para a ciência da mesma, podendo também, por decorrência de ações ou simplesmente por acaso, essa história ser dissolvida na lembrança e esquecida.

Em um contexto social, esses acontecimentos armazenados na memória constituem a base essencial para a compreensão da história dos diversos agrupamentos humanos, através do estudo de seus conflitos, disputas, conquistas, além de permitir a análise de seus aspectos identitários que os particulariza como grupo social.

História, memória e identidade são conceitos que se interligam, se complementam e integram num mesmo grupo de estudos, no contexto das ciências sociais. Historiadores, sociólogos e pesquisadores de diversas áreas têm-se debruçado sobre o tema e elaborado teses que permitem estabelecer comparações entre as diferenças conceituais e a forma como cada um percebe os fenômenos associados à memória coletiva, suas formas de armazenamento, assimilação e transmissão.

2. Algumas definições de memória

Jacques Le Goff em sua obra intitulada *História e Memória* constrói a trajetória do papel desempenhado pela memória em diferentes sociedades, analisando definições dadas por diversos pensadores e traçando a evolução do conceito de memória através dos tempos. Sua abordagem privilegia as formas de representação da memória e sua utilidade como instrumento de caracterização e de afirmação da identidade. "Pode-se descrever o Judaísmo e o cristianismo, religiões radicadas histórica e teologicamente na história, como religiões da recordação"¹³. O autor considera os livros que servem de referência para a prática religiosa essencialmente documentos de memória, sendo os rituais baseados na repetição a partir da memorização dos mandamentos.

O historiador do judaísmo Yossef Yerushalmi corrobora a ideia de que o judaísmo assenta no imperativo de lembrar. Ele mesmo aponta que "o verbo *zhr* (lembrar) aparece na Bíblia, em suas várias modalidades e tempos, nada menos do que 169 vezes, geralmente tendo como tema Israel ou Deus uma vez que a memória está a serviço de ambos"¹⁴. Jacques Le Goff e Pierre Nora retomam essa marca distintiva do povo judaico. "O povo hebreu — afirma o primeiro — é o povo da memória por excelência"¹⁵, afirmação desdobrada por Nora: "Pensemos nos judeus, confinados na fidelidade cotidiana ao ritual da tradição. Sua constituição em 'povo da memória' excluía uma preocupação com a história, até que sua abertura para o mundo moderno lhes impôs a necessidade de historiadores"¹⁶. O contexto dessas citações diz respeito à oposição entre memória e história, e o caso do judaísmo é, nesse sentido, exemplar, pois nele se revela que em dadas situações um abismo pode separar essas duas instâncias.

A memória judaica manteve-se viva por meio do ritual da tradição, notadamente pela leitura ritual do texto bíblico. O Antigo Testamento é rico em passagens que apelam ao dever da recordação e da memória organizada, como no Deuteronômio, o livro da lei no pentateuco, que estimula o crente a lembrar das lições de lavé, Deus para os hebreus, memória fundadora da identidade

¹³ LE GOFF, Jacques, *op. cit.*, Vol. II. p. 28.

¹⁴ YERUSHALMI, Yossef Haym, *op. cit.*, p. 25.

¹⁵ LE GOFF, Jacques, *op. cit.*, Vol. II. p. 30.

¹⁶ NORA, Pierre, *op. cit.*, p. 9.

judaica: “Guarda-te para que não esqueças então lavé, teu Deus, não guardando os seus mandamentos, os seus juízos e suas leis...” (8,11); “Lembra-te de lavé, teu Deus: é ele que te dá força para adquirires poder...” (8, 18).

No Novo Testamento, no livro de Lucas, a passagem da última ceia condiciona a redenção à recordação de Jesus, como se explicita na seguinte passagem: “Depois, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu a seus discípulos dizendo: este é o meu corpo que vos é dado, fazeis isto em memória de mim”¹⁷.

Para Leroi-Gourhan distinguem-se três tipos de memória, mais precisamente, a memória específica, a memória étnica e a memória artificial¹⁸. A primeira é utilizada para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais; a segunda assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e é intrínseca às sociedades como um todo. Já a memória artificial, eletrônica, é aquela que trata, sem recorrer ao instinto ou à reflexão, da reprodução de atos mecânicos consecutivos.

Para Fentres e Wickman¹⁹ que dedicam-se à investigação do papel da memória na interpretação e na reconstrução do passado, as variações das lendas históricas, dos contos, dos mitos e da escrita da própria história refletem pontos de vista morais e políticos próprios de cada lugar e de cada época, assim como igualmente reveladores são os acontecimentos que os diferentes grupos sociais escolhem comemorar. Os autores contrastam diferentes memórias locais e nacionais e constatam até que ponto cada uma delas pode ser conscientemente construída ou manipulada, por razões ideológicas ou políticas. A memória social nem sempre coincide com os fatos e é, acima de tudo, eminentemente criativa. Perceber estas características é fundamental para conhecer e compreender a cultura e a sociedade humanas, tanto no presente como no passado.

Para Connerton²⁰, estudar a formação social da memória é analisar os atos de transferência que tornam possível recordar em conjunto. Entre esses atos destaca as cerimônias comemorativas e as práticas corporais. É o estudo

¹⁷ LE GOFF, Jacques, *op. cit.*, Vol. II. p. 31.

¹⁸ Citado por LE GOFF, Jacques, in *História e Memória (...)*, *op. cit.*, Vol. II. p. 17.

¹⁹ FENTRES, James e WICKMAN, Cris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992.

²⁰ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1999, p. 36.

destas que nos permite ver que as imagens do passado e o conhecimento recordado do passado são transmitidos e conservados por performances rituais. Ao contrário das interpretações correntes, que acentuam o papel da escrita e dos materiais simbólicos enquanto suportes da memória social, argumenta que as imagens e o conhecimento do passado são conservados e transmitidos, antes de mais, como “memórias hábito”, através das cerimônias comemorativas e das práticas quotidianas. Esta abordagem permite realçar alguns temas de grande importância para as ciências sociais, nomeadamente as relações entre corpo e sociedade ou entre história e rituais. Sua análise é transdisciplinar, na medida em que compara perspectivas analíticas da história, da antropologia, da sociologia e da psicologia.

Um contraponto para a abordagem de Connerton, no que tange ao aspecto das formas de representação da memória, encontramos em Hobsbawn no conceito de “tradição inventada, como forma idealizada pelas elites para perpetuar determinadas lembranças através de encenações rituais”²¹.

Para Assmann, “a memória possui um carácter dinâmico que permite a ligação entre passado e presente e confere à memória cultural um aspecto de durabilidade”²². Um dos pilares das teorias desenvolvidas pela pesquisadora alemã, em conjunto com seu marido, o sociólogo alemão Jan Assmann, está no conceito de “memória cultural”. Trata-se aqui não apenas de uma memória voluntária, mas de uma memória coletiva involuntária, nos subterrâneos da qual há tecidos que, após longo período de latência, podem voltar à superfície, tomando como exemplo o caso da Alemanha e a dificuldade de lidar com as memórias da Segunda Guerra Mundial, em especial aquelas relacionadas com o extermínio de judeus nos campos de concentração e a impossibilidade de esquecer um passado traumático. A memória cultural descrita por Assmann alimenta-se da tradição e da comunicação, englobando rupturas, conflitos, inovações, restaurações e revoluções. Os rituais pertencem ao campo da memória cultural, da mesma forma que símbolos, ícones, representações como memoriais ou templos. Formas que ultrapassam o horizonte da memória das

²¹ HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção da tradição*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 12.

²² ASSMAN, Aleida. *Cultural Memory and Western Civilization. Functions, Media, Archives*. Cambridge: University Press, 2011, p. 22.

coisas, ao costurarem os elos entre tempo, lembrança e identidade. Assmann defende a especificidade da memória cultural em relação a outros tipos de memória, tomando a religião como grande exemplo de constituição e sedimentação da memória cultural.

Para Halbwachs a memória está associada a uma consciência coletiva, sujeita a variações não só de uma sociedade a outra, mas também de uma classe social a outra. “Quando o agente depositário é um grupo, a necessidade de memória vem impulsionada pelo reforço da própria identidade que, apoiada na lembrança, une o grupo e o potencializa para pedir justiça ou o capacita para impedir algo ou consegui-lo”²³.

Para Nora: “As mutações da sociedade atual e a aceleração do tempo histórico levam a um impulso de coesão *com* e *no* passado, de arraigo às origens, buscando pistas de identidade contidas nesse passado coletivo”²⁴. Os fenômenos da globalização parecem conduzir a uma necessidade de enraizamento e de continuidade; necessidades preenchidas pela memória. Esta, na perspectiva de Maurice Halbwachs possui ao mesmo tempo um caráter individual e um coletivo, sendo, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Revela tanto aspectos da identidade pessoal como social e aponta qual lugar os indivíduos e os grupos ocupam na sociedade.

A tradição judaica é a tradição da memória por excelência e a história do povo judeu ilustra os mecanismos da memória e da lembrança. Nesta tradição os rituais e os relatos são canais que transmitem a memória através dos tempos.

Segundo Cuesta, esta necessidade de enraizamento está relacionada com os traumas da segunda metade do século XX os quais resultaram em um desenraizamento e uma perda dos referenciais coletivos. “Logo os indivíduos e os grupos buscam ou inventam suas raízes, se arremessam em suas lembranças, se submergem no passado, no silêncio, no vazio, ou inventam suas radicações”²⁵. Ou ainda conforme afirma Schwarztein “Se uma comunidade reconhecer que viveu acontecimentos traumáticos e os utiliza na constituição de

²³ HALBWACHS, Maurice, *op. cit.*, p. 156.

²⁴ NORA, Pierre, *op. cit.*, p. 15.

²⁵ CUESTA, Maria Josefina. *La Odissea de la memoria*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

sua identidade, a memória coletiva perdura e a memória individual pode encontrar um lugar, ainda que transformada, dentro da paisagem”²⁶.

3. Memória e História

As palavras memória e história evocam o mesmo tempo - o passado. Contudo, apesar da matéria-prima comum, é a compreensão oposta a mais difundida entre os especialistas, ou melhor, memória e história não se confundem.

Na perspectiva de Nora, “existem importantes diferenças entre os conceitos de história e memória, que precisam ser avaliados, dentro de uma perspectiva contemporânea, de valorização da cultura e da memória coletivas como forma de afirmação da identidade”²⁷. Ao analisar esse contexto de defesa da memória, identifica como fator determinante no desejo de memória de nossa época a problemática fundamental da questão da mundialização, processo pelo qual o mundo se torna um só e no qual os meios de comunicação de massa exercem um papel primordial. Nesta análise, o autor sugere um movimento de alteração do tempo, ou seja, a história passa a ser mais dinâmica, rápida, a duração do fato é a duração da notícia, o novo é que dá as cartas e conduz as vidas, forjando a sensação de hegemonia do efêmero.

Durante muito tempo, a história esteve associada à memória. O mérito da delimitação da memória como um objeto de estudo específico no campo das ciências sociais é dado ao sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs, que apontou a memória como o vivido, enquanto a história estaria restrita ao conceitual, marcada pelas divisões de tempo. Ele afirmava que “no desenvolvimento contínuo da memória coletiva não existem linhas de separação claramente traçadas como na história”²⁸.

A memória de uma pessoa se apoia muito mais no passado vivido do que no aprendido por livros, pela história escrita. “Há uma distinção entre a história vivida e a história escrita: a primeira possui todos os elementos necessários para contruir um panorama vivo no qual se baseia o pensamento para conservar e

²⁶ SCHARTZTEIN, Dora. *História oral, memória e histórias traumáticas*. São Paulo: Moderna, 2001.

²⁷ NORA, Pierre. *op. cit.*, p. 12.

²⁸ HALBWACHS, Maurice, *op. cit.*, p. 134.

reencontrar a imagem do passado”²⁹. Vale ressaltar que a memória coletiva se distingue da história pelo fato de ser uma corrente de pensamento contínuo e por viver na consciência do grupo que a mantém, não ultrapassando os limites desse grupo. Segundo ainda o sociólogo francês, “a lembrança é a reconstrução do passado apoiada em dados do presente que foram preparados por outras reconstruções feitas em épocas precedentes, de onde a imagem anterior já saiu bastante alterada”³⁰.

Segundo Veyne, outra distinção entre História e memória está no fato de a História trabalhar com o acontecimento colocado para e pela sociedade, enquanto para a memória, o principal é a reação que o fato causa no indivíduo. “A memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a História trabalha com o que a sociedade trouxe a público. Se acreditarmos que alguns fatos são mais importantes do que outros, teremos de considerar que essa importância é relativa e segue critérios pessoais de cada historiador”³¹. Nesta análise, fica evidente o conceito de memória para Veyne, como inerente aos indivíduos, antes de ser uma representação da sociedade, servindo como mais um contraponto ao conceito de memória social desenvolvido por Halbwachs ou mesmo ao conceito de memória cultural, cunhado por Assmann, autores cujos estudos já abordamos neste trabalho.

4. Os judeus e a memória coletiva

Um dado interessante é que o criador do conceito de memória coletiva – Maurice Halbwachs – era judeu e viveu no período das duas grandes guerras mundiais. Além disso foi preso pela Gestapo e morto em 1945 no campo de concentração de Buchenwald. Isso sugere que suas tradições familiares e culturais possam tê-lo ajudado a compreender ou até mesmo a criar o conceito de memória coletiva, além das circunstâncias externas da sociedade e da época em que vivia.

A memória, nas culturas antigas, foi quase sempre associada às experiências religiosas e, principalmente, as religiões judaico-cristãs, caracterizadas como “religiões da recordação”, uma vez que além da tradição

²⁹ HALBWACHS, Maurice, *op. cit.*, p. 135.

³⁰ *Idem*, p. 137.

³¹ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1984, p. 76.

histórica presente nas escrituras sagradas, há, em alguns aspectos, a necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental, lembrar-se da salvação, dos feitos de Deus para com o povo, das ordens e próprio Deus. “O reconhecimento de *Yahweh* é a memória fundadora da identidade judaica”³² e na Torá há trechos dizendo para não esquecer de Deus negligenciando suas ordens e para não esquecer que ele os tirou da servidão no Egito, entre outras dificuldades e vitórias. Além disso, na própria escrita, na raiz das palavras em hebraico, há significados de lembrança, como podemos verificar na palavra *Zacharias*, por exemplo, que significa “*Yahweh* recorda-se”³³. Isso torna o judeu um homem da tradição, cuja memória e promessa mútuas o ligam a seu Deus.

Há estudiosos, como Yossef Yerushalmi e A. Wiewiorka que se empenham em mostrar como a Bíblia³⁴ e o Talmude³⁵ são paradigmáticos para ilustrar a memória e o esquecimento, cujo dinamismo transcende o próprio povo judeu. A história desse povo ilustra os mecanismos da memória e o conteúdo da lembrança, que não consiste em rememorar todo o passado. Em outras palavras, os rituais e os relatos transmitem, através do tempo, “o eco dos acontecimentos fundamentais cujos feitos principais por acaso se perderam para sempre”³⁶.

Na tradição judaica, os rituais e os relatos são dois canais essenciais que transmitem a memória através dos tempos. As festas possuem um importante papel nos rituais e os relatos pela poesia oral, através das canções. Essa necessidade de fixar os relatos e dar continuidade à memória gerou uma verdadeira literatura histórica. Além disso, “o Holocausto atuou como catalizador da lembrança desde os primeiros momentos e gerou projetos, organizações, comemorações e suscitadores da lembrança sem comparação com nenhum outro grupo social nestas últimas décadas”³⁷. A existência dos campos de concentração pôs em relevo como as experiências traumáticas vividas podem arrastar a necessidade de lembrança, em alguns casos, e do silêncio, em outros.

³² LE GOFF, Jacques, *op. cit.*, Vol. II. p. 36.

³³ *Idem*, p. 38.

³⁴ Bíblia: o livro sagrado do cristianismo. Todas as igrejas cristãs reconhecem duas partes distintas na Bíblia: as escrituras hebraicas, designadas como Antigo Testamento e os escritos especificamente cristãos, chamados Novo Testamento.

³⁵ Talmude: (do hebraico *Talmud*, ‘estudo’), compilação das interpretações e comentários da lei oral judaica, codificada na *Mishná* (tratado de leis e ética baseado na tradição oral de cinco séculos que vão da época dos últimos profetas bíblicos até o fim do século II d.C.).

³⁶ YERUSHALMI, Yossef Haym, *op. cit.*, p. 27.

³⁷ CUESTA, Maria Josefina, *op. cit.*, p. 41.

Alguns sobreviventes sentem a necessidade de contar imediatamente sobre o acontecido, como se tivessem um “dever de memória”, enquanto outros necessitam esquecer por um tempo e resgatar a lembrança no futuro. Além disso, com as muitas tradições associadas, pela mistura de povos e crenças, que ocorre com as migrações, aparece uma pluralidade de memórias, tanto nos indivíduos, como nas sociedades. A Segunda Guerra Mundial é um exemplo de pluralidade e diversidade de memórias.

No entanto, é importante destacar que os acontecimentos traumáticos voltaram a ressaltar a emergência de uma memória judaica, concentrada em torno do Holocausto e da criação do Estado de Israel. Segundo Cuesta, “no judaísmo pós-bíblico o sentido de memória e a escrita da história não seguem caminhos paralelos. A memória coletiva é transmitida mais ativamente pelos rituais do que pela crônica”³⁸.

5. Os museus e outros locais de memória

Na transição da Idade Moderna para a Idade Contemporânea, o romantismo reencontra, de um modo mais literário do que dogmático, a sedução da memória. Com o fim da Revolução Francesa ocorre um retorno à lembrança dos mortos em França, como noutros países da Europa, atitude essa que havia entrado em declínio desde o final do século XVII. Recomeça, então, a grande época dos cemitérios, com novos tipos de monumentos e de inscrições funerárias, com o rito da visita ao cemitério. O túmulo, destacado da igreja, voltou a ser o cenário de recordação. O romantismo acentua a atração do cemitério, ligado à memória.

É nesse contexto que insere-se a obra do renomado historiador português Fernando Catroga. Em *O céu da memória, cemitério romântico e culto cívico dos mortos*, Catroga percorre uma longa trajetória desde 1756 até 1911, onde descreve o processo que conduziu à “revolução romântica” dos cemitérios em Portugal e à transformação da necrópole num espaço público e afetivo, onde se passou a dramatizar e a delir a tensão entre a finitude humana e os sonhos utópicos e ucrónicos, ou seja, improváveis e sem tempo definido de sua superação e, também, mostra como é que, “deste jogo simulador da vida e dissimulador da prova ontológica da morte, o cadáver, nasceu a cenografia

³⁸ CUESTA, Maria Josefina, *op. cit.*, p. 43.

simbolicamente adequada ao crescimento do papel de uma instância julgadora que, em coabitação ou em alternativa com a escatologia judaico-cristã, se foi impondo, cada vez mais, como um novo além: a memória dos vivos”³⁹. Catroga percorre, através de sua obra, toda a conjuntura sociopolítica, bem como as influências do movimento iluminista e do romantismo, que resultaram na secularização e democratização das necrópoles. Sua abordagem permite-nos compreender o efeito provocado na memória social, com o surgimento do “cemitério monumento”, e ainda toda a discussão e polêmica surgidas no seio da sociedade em função das novas leis, em Portugal e em outros países da Europa, que determinaram a proibição dos sepultamentos realizados nas igrejas e a criação de cemitérios públicos. “Com a urbanização (dos cemitérios), as sepulturas foram sendo preparadas para a visita dos vivos. A nova situação burguesa fez diminuir o antigo controle simbólico e administrativo da morte (que pertencia exclusivamente à Igreja), dando vez a um território cujo povoamento se fará à volta de um culto que se queria individualizado e crescentemente circunscrito aos *entes queridos*”⁴⁰. O morto já não é tanto patrimônio de uma comunidade alargada, mas é postulado como um sujeito, interlocutor que o diálogo ritual permite relembrar, tanto na sua subjectividade, como o lugar que ocupa na cadeia das gerações. O que explica o novo relevo que ganhou a memória, bem como o perfil monumental e memorial que os cemitérios oitocentistas adquiriram.

O restabelecimento da normalidade, com o fim dos conflitos armados em França, no mesmo período, inaugura a criação das festas comemorativas em datas estabelecidas para celebrar momentos importantes e que devem ser mantidos vivos na memória coletiva, na visão das elites dirigentes. A comemoração apropria-se de novos suportes de memória, como selos, moedas e medalhas. Ao mesmo tempo, acelera-se o movimento científico, destinado a fornecer à memória coletiva das nações os monumentos de recordação. Como parte dessas iniciativas convém destacar a criação dos arquivos nacionais em França e a sua publicidade, a partir de 1794; o Public Record Office, em Londres,

³⁹ CATROGA, Fernando. *O céu da memória, cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva. 1999, p. 10.

⁴⁰ *Idem*, p. 11.

em 1838 e a abertura do arquivo secreto do Vaticano, pelo papa Leão XIII, em 1881.

O mesmo aconteceu com os museus: depois de tímidas tentativas de abertura ao público no século XVIII (o Louvre entre 1750 e 1773 e o Museu Público de Cassel em 1779) e a instalação de grandes coleções em edifícios especiais (o Ermitage, em São Petersburgo, com Catarina II, em 1764; o Museu Clementino do Vaticano, em 1773; o Museu do Prado, em Madrid, em 1785), começou, finalmente, a era dos museus públicos e nacionais. A grande galeria do Louvre foi inaugurada em 10 de agosto de 1793; a Convenção francesa criou um museu técnico com o nome significativo de *Conservatoire des Arts et Métiers*; Luis Filipe fundou, em 1833, o Museu de Versailles, consagrado a todas as glórias da França. A memória nacional francesa orienta-se para a Idade Média com a instalação da coleção du Sommerard no Museu de Cluny, e para a Pré-História com o Museu de Saint-Germain, criado por Napoleão III, em 1762.

As bibliotecas conhecem um desenvolvimento e uma abertura paralelos. Nos Estados Unidos, Benjamin Franklin inaugurou, em 1771, uma biblioteca associativa, em Filadélfia.

Os alemães criaram o Museu das Antiguidades Nacionais de Berlim, em 1830 e o Museu Germânico de Nuremberg, em 1852. Em Itália, a Casa de Sabóia, ao mesmo tempo que se realizava a unidade nacional, criou, em 1859, o Museu Nacional de Bargello, em Florença.

5.1. O nascimento e o desenvolvimento dos museus em Portugal

Numa rápida periodização da história dos museus portugueses verificamos que, em Portugal, o século XVIII marca o início de um processo que propiciará a transformação dos gabinetes de curiosidades em instituições museológicas.

Em 1772, foi criado o Museu Real da Ajuda, em Lisboa. Filho das ideias pedagógicas de seu tempo, trata-se do projeto pombalino com a finalidade de promover a instrução dos príncipes Dom José e Dom João, netos de Dom José I, com a intenção de melhor prepará-los para uma futura sucessão ao trono português⁴¹. O Real Museu da Ajuda era constituído por um Museu de História Natural, um Jardim Botânico anexo e um Gabinete de Física, que mais tarde,

⁴¹ MOREIRA, Isabel Martins. *Museus e monumentos em Portugal. 1772-1974*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989, p. 17.

com a ida da família real para o Brasil, foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro sendo o embrião do primeiro museu criado naquele país.

Destaca-se, ainda, a restauração da Universidade de Coimbra com o estabelecimento dos “Régios e novíssimos estatutos”, de 1772, intimamente associado a um projeto museal⁴². De facto, junto à então erguida Faculdade de Filosofia, o decreto pombalino estabeleceu três espaços museológicos: o Gabinete ou Museu de História Natural, o Jardim Botânico e o Gabinete de Física Experimental.

Se o século XVIII, no âmbito da museologia portuguesa ficou marcado pelas iniciativas de caráter iluminista de Pombal, verificamos que o século seguinte, sob a influência das ideais liberais originou novos museus, como o Museu de Pinturas, Estampas e outros objetos de Bellas Artes aberto ao público, na cidade do Porto, em junho de 1840, além dos museus industriais e comerciais, cujo objetivo era proporcionar instrução prática pela exposição dos variados produtos da indústria e do comércio. Na segunda metade do século XIX surgem os museus de arqueologia e os museus regionais, como o Museu dos Serviços Geológicos, em 1857, e o Museu Arqueológico do Carmo, em 1860.

O início do século XX assistiu ao nascimento dos museus da 1ª República, sendo o primeiro deles, o Museu da Revolução, inaugurado em Lisboa, em dezembro de 1910, “(...) como parte de um plano mais vasto de divulgação da cultura entre as massas (...)”⁴³. Verificamos, ainda, na vigência da 1ª República, a criação de dois museus nacionais e treze novos museus regionais, entre 1912 e 1924. As principais medidas tomadas no campo museológico nesse período podem ser resumidas em duas ideias: legislar e regionalizar, sendo o principal diploma legal o decreto de 26 de maio de 1911, que exprime um pensamento de descentralização da ação patrimonial e museológica. Foi com base nesse decreto que, em várias partes do país, são criados museus municipais e/ou regionais aproveitando para sua instalação, muitas das vezes, edifícios – e também espólios – expropriados à Igreja, tais como Paços Episcopais, Igrejas e Conventos. Durante as duas primeiras décadas do Estado Novo a gestão do patrimônio cultural baseou-se “(...) num discurso de restauração material,

⁴² RAMOS, Paulo Oliveira. *Breve história do museu em Portugal*. Coimbra: Edição do autor, 1994, p. 24.

⁴³ *Idem*, p. 44.

restauração moral e restauração nacional, preconizado por António de Oliveira Salazar⁴⁴. Esse período é marcado pelo culto aos edifícios de valor simbólico, como sés, conventos e castelos que foram objeto de obras de restauro. Instituiu-se toda uma série de comemorações, em que as do duplo centenário da fundação e restauração de Portugal (1940) e do 8º centenário de Lisboa (1947) foram as mais relevantes. Para combater a efemeridade das comemorações foram lançados os museus etnográficos regionais, ficando como marco desse período o Museu de Arte Popular, inaugurado em 15 de julho de 1948, em Lisboa.

A longa duração do Estado Novo foi marcada, em termos legislativos, por dois decretos, separados entre si por 33 anos. O primeiro é o decreto nº 20985 de 1932, que centrava as funções técnicas e administrativas do patrimônio num Conselho Superior de Belas-Artes, órgão de consulta a funcionar no Ministério da Instrução Pública e classificava os museus em três grupos: Museus Nacionais, Museus Regionais e Museus Municipais. Segundo consta de levantamento do Museu Nacional de Arte Antiga existiam em Portugal nessa época três museus nacionais, sete regionais estatais e outros 33 espalhados pelo país⁴⁵.

O segundo documento é o decreto nº 46758, publicado em dezembro de 1965, intitulado Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia. Este documento é, ainda hoje, uma legislação de referência. Do mesmo modo que, como em diplomas anteriores, enumerou os museus oficiais (21 ao todo), inovou, quando "(...) sugeriu que os museus observassem os modernos preceitos museológicos (...) incitou os museus a desenvolverem mecanismos para atrair visitantes e sobre eles exercer uma ação pedagógica eficiente, concretamente através da edição de publicações, realização de conferências e exposições temporárias bem como de visitas coletivas orientadas por comentadores qualificados"⁴⁶.

Depois de 25 de abril de 1974, a defesa do patrimônio cultural assumiu-se como um significativo movimento de opinião, em cuja dinamização apareceram

⁴⁴ RAMOS, Paulo Oliveira, *op. cit.*, p. 49.

⁴⁵ TEIXEIRA, Madalena Brás. "Os primeiros museus criados em Portugal". In: *Bibliotecas, Arquivos e Museus*. Lisboa: Alfa, 1984, Vol. I, p. 189.

⁴⁶ *Idem*, p. 190.

dezenas de associações dedicadas ao tema. O alargamento dos conceitos tradicionais de património cultural, de cultura material e de monumento, teve, naturalmente, repercussões no campo museológico, com o surgimento de novos espaços dedicados à preservação da memória e da cultura.

O atual panorama da museologia portuguesa resulta essencialmente de quatro períodos distintos, intimamente relacionados com a história recente de Portugal. Um primeiro momento, já referido, que corresponde à Primeira República, em que se criou uma estrutura nacional e regional de museus de arte e arqueologia; um segundo período, correspondente ao Estado Novo, regime cujo espírito nacionalista utilizou os museus segundo as suas conveniências; um terceiro momento, a que corresponderá o período do pós 25 de Abril, nas décadas de setenta e oitenta, marcado pelo surgimento do movimento da 'Nova Museologia' (movimento que preconiza um alargamento do conceito de objeto museológico, propondo uma museologia ativa e próxima da comunidade em oposição ao modelo de curadoria e de conservação passiva dos museus tradicionais); e um quarto momento que acontece durante a "viragem" do milénio, em que se assiste à massificação da cultura, com grandes eventos culturais de expressão internacional, e em que os museus assumem um novo papel de dinamizadores do turismo e da economia.

Todas as alterações, redefinições e mutações dos conceitos e políticas museológicas ao longo deste percurso deram origem a uma malha de projetos museológicos, que cobre todo o território português, com inúmeras tipologias, âmbitos e modos de ação. As instituições e espaços museais se disseminaram pelo interior do país, com a criação de um grande número de pequenos museus, de tutela local, como aquele nos dedicamos a estudar. Todavia, apesar das enormes diferenças entre alguns projetos, no seu todo há uma evolução num mesmo sentido, de crescente abertura ao exterior e participação ativa a favor da sociedade.

As considerações que até aqui desenvolvemos sobre história, memória e identidade, tem por objetivo contextualizar nosso objeto de estudo, o Museu Judaico de Belmonte, com as abordagens e conceitos que são intrínsecos à configuração de um discurso museológico dentro dos parâmetros da nova museologia.

CAPÍTULO II

JUDEUS E JUDAÍSMO

1. Breve histórico sobre o povo judeu

O povo judeu é talvez a mais antiga entidade histórica, nacional, religiosa e cultural existente. Seus primeiros elementos formadores datam de mais de 4.000 anos. Embora isoladamente possamos encontrar esses elementos nos vestígios de outros povos da antiguidade, o que diferencia os judeus dos demais povos é o caráter nacional de sua religião que desde os tempos mais remotos conferiu esse aspecto identitário singular. “A história desse povo não se limita ao relato e à análise dos eventos que se sucederam no tempo. O povo judeu conta sua própria história a partir de sua opção consciente de ser – não um povo –, mas precisamente aquele povo, plasmado em um conteúdo ético e social que se expressa na religião e na cultura de vida”⁴⁷.

Judaísmo é a religião – e, num sentido mais amplo, a cultura – de um único povo, o qual, no decorrer de sua história de mais de quatro mil anos, foi variadamente conhecido como hebreus, israelitas e judeus.

Hebreus refere-se primordialmente aos mais antigos ancestrais, Abraão, Isaac e Jacob. Jacob foi também chamado de Israel, e *filhos de Israel* ou *israelitas* diz respeito a seus descendentes, os quais compreendiam doze tribos. “A tribo que se proclamava descendente do quarto filho de Jacob, Judá, deu seu nome a um reino cuja capital era Jerusalém e, mais tarde, sob o domínio persa, grego e romano, à província da Judeia. Daí judeus, os habitantes da Judeia e seus descendentes, assim como aqueles que se juntaram a eles como conversos”⁴⁸.

As origens do povo hebreu encontram-se em Ur, na Caldeia, sul da Mesopotâmia, no atual Iraque. Foi ao longo dos vales de grandes rios que surgiram as primeiras civilizações e é do Crescente Fértil que o Velho Mundo recebeu as bases em que viria se assentar toda a sua pujança espiritual e material. É incerta a época da formação dos primitivos núcleos que povoaram a

⁴⁷ KELLER, Werner. *História do povo judeu, da destruição do templo ao novo estado de Israel*. Alfragide: Panorama, 1972, p. 8.

⁴⁸ GOLDBERG, David J. e RAYNER John D. *Os Judeus e o Judaísmo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989, p. 11.

Palestina. Sabe-se, apenas, que “no decurso dos séculos XX a XV, antes de nossa era, se produziu, no seio da Arábia e no litoral do rio Eufrates, um movimento intenso e incessante de tribos semitas, emigrações essas orientadas principalmente na direção do Ocidente, ou seja, para o curso do rio Jordão e do mar Mediterrâneo”⁴⁹.

Em meados do século XIX, grupos de arqueólogos começaram no Egito, na Mesopotâmia e na Palestina, escavações e trabalhos de exploração que muito contribuíram para o conhecimento da história do Antigo Oriente. Paulo Emílio Botta, cônsul da França em Mossul, iniciou em 1842 as suas escavações em Khorsabad, junto ao rio Tigre e, das ruínas de uma cidade quatro vezes milenária, fez surgir o primeiro testemunho bíblico: Sargão, o lendário soberano da Assíria. Dois anos depois, A. H. Layard pôe a descoberto a cidade de Nimrud designada na bíblia com o nome de Calé. A seguir o major inglês Henry Creswicke Rawlinson, numas escavações a onze quilômetros de Khorsabad – a cidade de Nínive –, descobriu a biblioteca do rei Assurbanipal. Em 1823 o francês Chapollion decifrou os hieróglifos egípcios e, por volta de 1850, “Rawlinson, o explorador de Nínive”⁵⁰, conseguiu decifrar os caracteres cuneiformes.

Anteriormente a este período eufórico de descobertas arqueológicas no Antigo Oriente, a Bíblia era, praticamente, a única fonte a que os historiadores recorriam para o estudo do povo hebreu na antiguidade.

Em 1895, o orientalista Hugo Winkler descobriu a 300 quilômetros ao sul da cidade do Cairo, nas ruínas de Tell-el-Amarna, 360 pequenas tábuas de barro queimado, com inscrições cuneiformes. “Estas tábuas a que Wincler chamou de ‘Cartas de Tell-el-Amarna’ datam do século XV e da primeira metade do século XIV antes da nossa era, e representam a correspondência dos faraós Amenófis III e IV. Por elas percebe-se que as tribos que hostilizavam Abdkhiba, governador de Jerusalém e vassalo do faraó Meneptah, eram tribos HABIRU que efetuavam, então, a sua penetração sistemática nas terras de Canã”⁵¹.

Se os hebreus têm a ver com um povo disperso pela Mesopotâmia, conhecido por Habiru nas inscrições, é o que ainda se discute. No entanto, é

⁴⁹ PAULO, Amílcar. *A dispersão dos Sphardim, judeus hispano portugueses*. Porto: Nova Crítica, 1979, p. 10.

⁵⁰ SCHAMA, Simon. *A história dos judeus*. São Paulo: Moderna, 2014, p. 17.

⁵¹ *Idem*, p. 18.

muito provável que aqueles Habiru, quanto ao seu nome e raça, tenham sido idênticos aos hebreus (os de além do rio Eufrates). O fato é que a influência babilônica sobre os antigos hebreus é muito forte. Vários aspectos das leis judaicas expostas no Pentateuco mostram uma acentuada semelhança com o código do rei babilônico Hamurábi, dois séculos mais velho que a Thorá judaica. A investigação histórica atualmente inclina-se a admitir que a conquista de Canãa pelos hebreus durou muitas décadas, talvez séculos.

A história milenar desse povo, bem como as diversas fases de sua organização política, social e econômica não é, neste momento, objetivo de nossa análise, pois o que pretendemos é criar a “ponte” que nos permita transitar até o momento em que levas de imigrantes judeus passaram a viver sua história em terras da Beira Interior, em Portugal”⁵².

2. Do nascimento do judaísmo à diáspora judaica

O cativeiro da Babilônia, como é conhecido o período em que a tribo de Judá ficou sob o jugo assírio, durou apenas cerca de cinquenta anos, mas pôs termo o culto às tradições acumuladas, cuja continuidade o Templo de Jerusalém assegurava. “Foi para neutralizar essa perda que os judeus se organizaram em comunidade religiosa, na qual o estudo das escrituras sagradas e a observância de suas instituições passaram a constituir o principal objetivo, garantindo-lhes, assim, uma unidade senão política, pelo menos sócio-religiosa”⁵³. É a partir de então que se esboça a organização da Diáspora. É quando aquele povo cativo chega à conclusão de que, para assegurar a continuidade de sua existência nacional, era necessário formar um novo núcleo, independente do santuário, desligado do rito dos sacrifícios; era necessário encontrar um refúgio, um abrigo para proteger o espírito judaico contido na Thorah (Lei), expressão da identidade judaica durante numerosas gerações. Nessa altura foram lançados também os alicerces da Sinagoga, sede religiosa, social e política da assembleia dos fiéis. Este era o ponto de reunião de uma nação sem lar e ali se reuniam para ler e explicar as escrituras. Casa de oração, casa de estudo, a Sinagoga era também a sede de um tribunal rabínico, “assegurando assim, ao grupo, uma estrutura

⁵² Ler mais sobre a história do povo judeu in: KELLER, Werner, *op. cit.*, pp. 45-87; SCHAMA, Simon, *op. cit.*, pp. 112-146 e GOLDBERG, David J. e RAYNER John D., *op. cit.*, pp. 17-68.

⁵³ PAULO, Amílcar, *op. cit.*, p. 15.

social quase autônoma que contribuiu para manter ao longo dos séculos a personalidade e as tradições do povo judeu”⁵⁴.

No período compreendido entre o fim do cativeiro da Babilônia, por volta do ano 538 antes de Cristo, até a dispersão definitiva, após a conquista pelos romanos com o imperador Tito em 70 de nossa era, os judeus passaram pelo domínio dos persas, dos macedônicos, dos gregos, dos sírios e dos egípcios.

A vitória romana sobre a Palestina, a nova destruição do templo e as perseguições que vieram a seguir provocaram a dispersão dos judeus pelo mundo e a difusão do judaísmo pelo mundo.

3. Os judeus na Península Ibérica

Existem várias versões acerca da chegada dos Judeus à Península Ibérica, mas a documentação que as comprove ou é escassa ou inexistente. “Uma tradição orgulhosamente conservada pelos rabinos espanhóis, recua o estabelecimento dos judeus em Espanha à época de vários séculos anterior à tomada de Jerusalém pelos romanos”⁵⁵. Algumas lendas apontam a data de fixação dos judeus na península, na época de Nabucodonosor (século VI a.C.). “Teriam chegado como fugidos ou cativos, pela destruição do primeiro templo de Jerusalém. Outras tradições pretendem que a chegada de judeus remontaria à época de Salomão (século X a.C.), vindo até as costas mediterrâneas com os fenícios”⁵⁶.

A Espanha, na visão de alguns autores, foi o lar glorioso dos judeus no início da Idade Média. “As dissensões e guerras entre cristãos e muçulmanos deixaram-nos gozar de uma tranquilidade que os seus irmãos não tinham podido alcançar em parte alguma da Europa. Encontraram junto dos califas uma proteção, que, contudo, nem sempre foi constante”⁵⁷. Permaneceram durante um longo tempo integrados à vida econômica e social, como banqueiros, negociantes, médicos e, principalmente, como cobradores de impostos e administradores da fazenda pública, em nome de reis cristãos. Os testemunhos documentais mais antigos sobre esta realidade “(...) datam da monarquia

⁵⁴ LYRA, Synésio. *O sionismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977, p. 19.

⁵⁵ PAULO, Amílcar, *op. cit.*, p. 35.

⁵⁶ GARCIA, Maria Antonieta. *Os Judeus de Belmonte. Os Caminhos da memória*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 34.

⁵⁷ PAULO, Amílcar, *op. cit.*, p. 40.

visigoda. São as decisões dos Concílios, pelas quais sabemos que viviam os judeus integrados, sem distinção alguma, a não ser no culto da comunidade cristã⁵⁸. Mas as disputas com os cristãos e a intolerância de alguns governantes fez com que surgissem obstáculos à sua permanência e novas dispersões ocorressem. As verdadeiras dificuldades começaram com o Concílio de Toledo, no século VII, quando proibem-se os matrimônios mistos, a ocupação de cargos públicos e a posse de escravos cristãos.

4. Os judeus em Portugal

Costuma-se afirmar que a presença judaica em Portugal “confunde-se com a nacionalidade”⁵⁹. Embora não seja possível precisar a data exata da fixação dos primeiros judeus em terras lusitanas, encontramos menção de sua existência em documentos emitidos por ordem dos primeiros reis portugueses, seja nos forais de instalação dos Concelhos ou então nos documentos relativos às campanhas militares. É possível também encontrar vestígios de sua cultura em monumentos e artefatos, sendo que o primeiro documento com datação explícita é o fragmento de um epitáfio do século V com a representação de um candelabro (menorah), que se encontra no Museu Municipal de Mértola. “Os judeus estariam há séculos em Portugal, quando a monarquia portuguesa é fundada. Sabemo-los a viver nas cortes, a partir do século XII”⁶⁰.

Segundo Tavares⁶¹, a lápide funerária encontrada em Mértola, cuja réplica integra a coleção do Museu Judaico de Belmonte (ver fig. 34- anexo de figuras), permite afirmar que as referências mais antigas de judeus no território que viria a ser designado Portugal remontam, provavelmente, ao século V, se entendermos que a inscrição refere-se a um indivíduo de credo mosaico. No entanto, como a inscrição está truncada, apenas temos confirmada a sua presença para o Algarve, no século VI.

Sobre a sua história, durante os domínios visigótico e muçulmano, a omissão é completa, “podendo nós supor que as vicissitudes por que passaram

⁵⁸ AZEVEDO, João Lúcio de. *História dos cristãos novos portugueses*. Lisboa: Clássica, 1989, p.3.

⁵⁹ MARTINS, Jorge. *Breve história dos judeus em Portugal*. Porto: Sefarad, 2009, p. 12.

⁶⁰ GARCIA, Maria Antonieta. Diálogo entre diferenças. In: *Guarda, história e cultura judaica, museu*. Guarda: Câmara Municipal, 1999, p. 17.

⁶¹ TAVARES, Maria José Ferro *A herança judaica em Portugal*. Lisboa: CTT, 2004, p. 37-38.

noutras paragens da Península, também foram sentidas pelos judeus, residentes na faixa atlântica”⁶². Pertencem ao território de Coimbra as mais antigas referências à sua permanência e à existência de uma sinagoga. Certamente que com a reconquista de outras cidades muçulmanas, como Santarém, Évora ou Lisboa, a população judaica do agora reino de Portugal terá aumentado. Mas sobre o seu número e poder económico pouco sabemos, exepcto o que a tradição nos oferece sobre uma grande família, que acompanharia a corte como almozarifas mores do reino, e que teria recebido de D. Afonso Henriques a permissão para usar brasão. Estamos a falar dos Ibn Yahia, mais conhecidos por Negro, ao longo da sua história, pois o brasão representava a cabeça de um negro ou de um mouro, lembrança dos feitos heróicos de Yahia Ibn Yahia ao lado do primeiro rei de Portugal na luta contra os muçulmanos. Nesta família seriam escolhidos os primeiros rabis mores de Portugal, nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis, “aparecendo aquela como residente em Lisboa e nos seus arredores”⁶³.

5. A Comunidade Judaica de Belmonte

O documento mais antigo sobre a presença de Judeus em Belmonte é o foral de D. Sancho I, de 1199, que, aquando da instalação oficial de Belmonte, refere-se ao pagamento da sisa judenga⁶⁴, mantendo-se como a mais antiga citação da presença de judeus no Concelho até à descoberta, no início do século XX, de uma inscrição em hebraico em uma lápide que pertencia a uma sinagoga existente em Belmonte (ver fig. 37 – anexo II). O edifício, como era habitual, foi aproveitado posteriormente para o culto católico, com o nome de capela de São Francisco. O prédio foi destruído por um incêndio ocorrido nos finais do século XIX. Tempos depois, algumas pedras, de granito, foram aproveitadas para a construção de muros⁶⁵, outras encontram-se no Castelo de Belmonte. Entre estas estava uma lápide com inscrição em hebraico datada de 5057,

⁶² TAVARES, Maria José Ferro, *op. cit.*, p. 33.

⁶³ *Idem*, p. 34.

⁶⁴ Sisa judenga era a denominação dada ao imposto devido pelos judeus calculado per capita, segundo MARTINS, Jorge. *Breve história dos judeus em Portugal*. Porto: Sefarad, 2009, p. 47.

⁶⁵ No livro de actas da Câmara Municipal de Belmonte de 1910, na sessão de 16 de novembro daquele ano, lê-se que a comissão de obras teve conhecimento que a Junta da Paróquia tinha mandado demolir a capela de São Francisco. Tendo a citada comissão a intenção de mandar levantar muros em frente dos edifícios escolares, resolveu solicitar àquela junta a pedra suficiente para a referida Citação encontrada in: Garcia, Maria Antonieta, *op. cit.*, pp. 33-35.

correspondendo a 1297 da era cristã, segundo leitura de Samuel Schwarz⁶⁶. Portanto, antes da expulsão dos judeus de Espanha, em 1492, em Belmonte vivia uma comunidade judaica organizada e possuía uma sinagoga⁶⁷.

Os judeus que residem atualmente em Belmonte, segundo a tese mais aceite até recentemente, pertenceriam a uma leva de imigrantes que chegou à localidade em fins do século XIX. “(...) circula em Belmonte uma árvore genealógica com indicação do casal – Maria Caetana e João Diogo Henriques – que se acredita ser o ‘fundador’ desta comunidade e que teriam chegado há cerca de 150 anos (...)”⁶⁸.

No entanto, nos arquivos da Torre do Tombo, comprova-se a existência de processos inquisitoriais contra naturais ou moradores no Concelho de Belmonte nos séculos XVI, XVII e XVIII, o que inviabiliza a tese anterior da descendência do casal que teria se instalado na vila em 1862⁶⁹. A análise desses processos permite identificar a presença judaica no concelho até o último quartel do século XVIII e é aceitável supor, embora não possamos afirmar com segurança, que existe uma continuidade na presença de famílias judias na localidade até ao momento presente.

Se dúvidas ainda persistem sobre as origens deste grupo de judeus, tal se deve, fundamentalmente, à quase total ausência de documentação que permita afirmação mais segura, ao contrário do que se verifica no distrito da Guarda, como comparação, onde a documentação existente permite acompanhar a evolução populacional nas comunas judaicas ao longo do tempo, inclusive com a identificação dos nomes familiares, atividades laborais a que se dedicavam e outras informações relevantes. Para Belmonte essas informações são mais escassas.

Segundo dados colhidos junto à Rede de Judiarias de Portugal, secção de Belmonte, atualmente residem no concelho entre 55 e 60 judeus, sendo que o

⁶⁶ Judeu de origem polaca e engenheiro de minas, chegou a Belmonte em 1917 para orientar uma exploração mineira existente no Concelho e dedicou-se ao estudo da situação criptojudia existente, nessa altura, não só em Belmonte como também em outras povoações da Beira Interior.

⁶⁷ SCHWARZ, Samuel. *Os cristãos Novos em Portugal no século XX*. Lisboa: Empresa Portuguesa de Livros, 1925, p. 9.

⁶⁸ GARCIA, Maria Antonieta, *op. cit.*, p. 37.

⁶⁹ NOGUEIRA, Cristina, *op. cit.*, pp. 125-127, apresenta os nomes da Coleção de Listas impressas e manuscritas dos Autos de Fé públicos e particulares da Inquisição de Lisboa.

fluxo migratório para Israel tem-se acentuado nos últimos dez anos, quando emigraram para aquele país aproximadamente 30 judeus que residiam em Belmonte. No censo populacional de 2011 realizado pelo Instituto Nacional de Estatística, os dados apresentados na tabela abaixo sobre a religião da população de Belmonte são coerentes com as informações que colhemos junto à da Rede de Judiarias em Belmonte e ratificados pelo rabino da localidade.

Tabela I

Belmonte: religião da população residente no concelho com idade de 15 anos ou mais de acordo com o censo de 2011

Católica	5.195
Ortodoxa	5
Protestante	27
Outra cristã	62
Judaica	66
Muçulmana	0
Outra não cristã	14
Sem religião	186
População que não respondeu	496
Total	6.051

Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas – INE

6. Os cristãos novos e as origens do criptojudaísmo

A Inquisição, inicialmente em Espanha e posteriormente em Portugal, teve um papel preponderante nas migrações de famílias judias, tanto no interior da Península Ibérica como para fora desta. Em Portugal, a permanência destas famílias a partir do final do século XV esteve subordinada a determinadas condições impostas pelos governantes. Em dezembro de 1496 D. Manuel I publica o édito de expulsão dos judeus residentes em Portugal que não se convertessem ao catolicismo. Eram várias pressões sobre o monarca e o casamento com Dona Isabel, filha dos reis católicos de Espanha, levou-o a aceitar a exigência, estipulando um prazo para a saída: de janeiro a outubro de

1497. “(...) Na realidade D. Manuel não tinha interesse em expulsar uma comunidade que então se revelava um elemento de progresso nos setores da economia, nas profissões liberais. Sabia que a partida da população judaica se traduziria num empobrecimento do reino”⁷⁰. A expectativa do monarca era de que os judeus se convertessem ao catolicismo, na esperança de que a aculturação fosse rápida. “(...) em 1497, determina que se batizem todas as crianças menores de 14 anos. A partir de determinada altura, na data do embarque dos que se recusavam a aceitar o catolicismo, alega que não há navios suficientes para o transporte. Conduzia-os, assim, forçadamente à pia batismal”⁷¹. Em 1499, D. Manuel proíbe que os conversos abandonem o país.

As expressões “cristão velho” e “cristão novo”, em Portugal, não eram conhecidas até o tempo de D. Manuel. Mas são estas palavras que ainda hoje de ouvem em Belmonte, com frequência, bem como marrano⁷², que se usa com o significado pejorativo; o mesmo vocábulo é utilizado para designar o porco e aplica-se aos judeus de forma injuriosa. A verdade é que, para muitos, a conversão forçada não teria grande significado sob o ponto de vista moral, uma vez que, segundo vários teólogos, a preservação da vida admite a quebra de preceitos religiosos. “(...) e a prática do catolicismo traduziu-se numa forma de sobrevivência que permitiu a várias famílias permanecer em Portugal. Cristãos por lei, seguiam secretamente o culto tradicional. Nascia assim, o criptojudaísmo em Portugal”⁷³.

Todavia, as condições em que viviam não eram fáceis. No reinado de D. João III as práticas judaicas são proibidas. Com a introdução da Inquisição em Portugal em 1536, autorizada pelo papa Paulo III, a circuncisão e a posse de livros hebraicos são considerados crimes. “O medo instalado resultante da Inquisição acabou por provocar o êxodo para o estrangeiro de vários judeus

⁷⁰ GARCIA, Maria Antonieta, *op. cit.*, p. 35.

⁷¹ SANCHES, Antônio Ribeiro. *Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal*. Porto: Paisagem, 1973, p. 33.

⁷² Embora de etimologia desconhecida, as derivações mais aceitáveis sugerem origem aramaica ou hebraica para o termo “mumar”, que significa apóstata, converso. Da raiz hebraica **mumar**, acrescido do sufixo castelhano **ano**, derivou a palavra mumrrano, abreviado: marrano. Tratar-se-ia, portanto, de um vocábulo hebraico acomodado às línguas ibéricas.

⁷³ GARCIA, Maria Antonieta, *op. cit.*, p. 36.

pertencentes a uma alite mercantil. O destino principal era Amasterdã, na Holanda”⁷⁴.

Até a abolição do Santo Ofício em Portugal, em 1821, o êxodo de judeus para o estrangeiro continua e abrange uma elite mercantil que virá enriquecer várias outras cidades europeias. O secretismo torna-se o denominador comum dos grupos judaicos que resistiram e permaneceram no país.

Com o advento da 1ª República viveu-se, em Portugal, um período diferenciado. A separação entre Igreja e Estado, se por um lado fez reduzir o papel de poder da igreja católica, por outro lado permitiu a coexistência com outras correntes de pensamento e de credo. “Neste período verifica-se uma participação efetiva de judeus na vida política e na administração do Concelho”⁷⁵.

Com a instauração do Estado Novo ocorre um movimento inverso “os mecanismos minuciosos do dispositivo de recristianização (...) passam a ter caráter normativo, penal (...) renovam-se as velhas perseguições e de novo os judeus são obrigados à ocultação para sobreviver”⁷⁶.

Após o 25 de abril de 1974, aos poucos, inicia-se um novo período de abertura e, da vivência em liberdade, emergiram alterações no comportamento dos judeus, que passam a externar as peculiaridades de sua prática religiosa sem medo de repressão. A década de 1980 marca o início de uma nova fase na vida da comunidade, marcada por iniciativas que visavam integrar a comunidade ao judaísmo ortodoxo e a inclusão de Belmonte no roteiro de visitas guiadas às judiarias e áreas históricas da região.

O que pode-se verificar é que apesar dos autos-de-fé e das perseguições que duraram séculos, em Belmonte vive uma comunidade judaica organizada, herdeira de uma cultura, que o fogo e o tempo não puderam consumir. “Judeus secretos, transmitiram de geração em geração uma tradição que se habituaram a ocultar, alternando períodos de clandestinidade com outros de maior abertura”⁷⁷. Alguns estudiosos costumam afirmar, a propósito da transmissão das suas tradições, que os judeus de Belmonte detinham uma “religião de

⁷⁴ NOGUEIRA, Cristina. *Monografia Histórica do Concelho de Belmonte. Novos contributos*. Belmonte: Câmara Municipal, 2007, p. 125.

⁷⁵ CANELO, David Augusto. *Judaísmo e Criptojudaísmo*. 2ª Edição. Belmonte: Câmara Municipal, 2008, p. 45.

⁷⁶ MARTINS, Moisés Lemos. *O olho de Deus no discurso salazarista*. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 56.

⁷⁷ GARCIA, Maria Antonieta, *op. cit.*, p. 38.

patriarcas mantida por mulheres, pois estas foram ao longo do tempo o verdadeiro repositório de todas as orações, calendário, ritos e festas judaicas”⁷⁸.

Para realização desta pesquisa estive em Belmonte em doze ocasiões, entre agosto de 2015 e maio de 2016. Meu objetivo, para além da coleta de dados sobre o museu, era também o de buscar um melhor entendimento da vida cotidiana dos moradores da localidade e o papel desempenhado pelos judeus nesse contexto. O tempo de permanência no município oscilou de visitas rápidas, com a duração de uma jornada, a estadas mais prolongadas, com uma semana de duração. Nas visitas mais prolongadas hospedei-me em casa de uma antiga moradora local que aluga quartos para turistas. Por intermédio desta senhora que reside há mais de cinquenta anos na localidade, estabeleci contato com algumas famílias de moradores e, dentre elas, algumas integradas por judeus. Particpei de alguns eventos culturais organizados pelo Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte e pela Empresa Municipal para Promoção e Desenvolvimento Social. Destaco a 12^a edição da Feira Medieval do Artesão realizada entre os dias 21 e 26 de agosto de 2015; o Colóquio Internacional sobre Judaísmo e Criptojudaísmo, de 13 a 15 de abril de 2016 e as comemorações do aniversário do município, de 18 a 26 Abril de 2016. Nestas ocasiões estabeleci contatos relevantes para meu trabalho com renomados pesquisadores, alguns do quais ligados à Universidade da Beira Interior, que têm como temática de suas pesquisas o judaísmo, a Inquisição, a presença judaica na região da Beira Interior e o criptojudaísmo. Dentre eles menciono: Maria Antonieta Garcia, Elvira Cunha de Azevedo Mea, David Augusto Canelo, Antonio Bento, Jorge Martins, Moisés Espírito Santo e Manuel Marques.

Nas observações e contatos que mantive com a população local foi possível perceber a existência de correntes de pensamento divergentes entre judeus ortodoxos, criptojudeus (ou cristãos novos) e entre as velhas e as novas gerações de judeus que residem em Belmonte. Minha percepção do problema encontra respaldo na obra do pároco Manuel Marques⁷⁹, antigo morador de

⁷⁸ GARCIA, Maria Antonieta. *Judaísmo no feminino, Tradição popular e ortodoxia em Belmonte*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das religiões, 1999, p. 135.

⁷⁹ MARQUES, Manuel. *Concelho de Belmonte, memória e história. Estudo Monográfico do Concelho de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, 2001.

Belmonte e que apresenta um relato intimista de seu convívio com a comunidade judaica em Belmonte ao longo de quase cinco décadas.

O que se pretende demonstrar, a partir deste ponto da pesquisa, é o papel desempenhado pelo Museu Judaico de Belmonte na representação destas singularidades observadas na comunidade judaica do município.

Para sustentar os aspectos particulares, que diferenciam este museu de outros, com discursos, temáticas e tipologias semelhantes, serão apresentados exemplos de outros espaços museológicos em Portugal e em outros países.

CAPÍTULO III

CONTEXTUALIZAÇÃO E RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

1. Contexto local e regional

Situado no Monte da Esperança, a vila de Belmonte tem foral⁸⁰ desde 1199, mas apenas foi definitivamente constituída como sede de concelho em 1898. Ocupa uma área total de 133,24 km², engloba as freguesias de Belmonte, Caria, Maçainhas, Inguias e Colmeal da Torre. Possui 7.722 habitantes⁸¹. Pertence ao distrito de Castelo Branco e situa-se no norte deste, nas faldas da Serra da Estrela, banhado pelo rio Zézere. Tradicionalmente tem no setor primário a base de sua sustentação econômica, no que não difere dos demais municípios da Região da Beira Interior, na qual está inserido. Não obstante, a importância da agricultura e da pecuária, com a produção de carne, leite e derivados, convém mencionar o potencial do subsolo, com conhecidas reservas de minérios, dentre eles o volfrâmio, minério cuja exploração trouxe para a Beira o engenheiro polonês Samuel Schwarz, personagem importante na história da comunidade judaica local e a quem já fizemos referência.

No final da década de 1980, a implantação de fábricas de confecções no concelho e arredores proporcionou novos empregos, tornando-se estas fábricas, nas duas décadas seguintes, o principal empregador da região. A respeito desse contexto, destacamos, dentre outras, algumas notícias, publicadas em jornais, com as seguintes manchetes: “Carjol é uma das principais entidades empregadoras da freguesia de Inguias”⁸²; “Carveste abre vagas para contratação de operários em sua unidade de Belmonte”⁸³; “Selber investe na aquisição de novas máquinas e contratação de mais operários”⁸⁴.

⁸⁰ Foral era o diploma concedido pelo rei ou por um senhorio laico ou eclesiástico, a determinada terra, contendo normas que disciplinam as relações de seus povoadores ou habitantes entre si e destes com a entidade outorgante. Constitui a espécie mais significativa das chamadas *cartas de privilégio*, Cfe: COSTA, Mário Júlio de Almeida “Forais”, SERRÃO, Joel (direção), *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, 12ª edição, Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1973, p. 55.

⁸¹ Relatório do Instituto Nacional de Estatística, disponível em http://www.ine.pt/relatorios/beira_interior, acessado em 12 de abril de 2016 às 10:26h.

⁸² Notícia a respeito de uma fábrica de confecções, instalada no município de Belmonte, publicada no *Jornal do Campo*, edição de 8 de novembro de 1992, p. 7.

⁸³ Ver notícia In: *Jornal de Negócios*, edição de 10 de outubro de 1996, p. 32.

⁸⁴ Ver notícia In: *Jornal do Fundão*, edição de 4 de abril de 1999, p. 14.

No entanto, a partir de 2004 e até finais de 2006, os primeiros sinais de uma crise econômica mundial que se aproximava determinaram o fechamento da maioria das fábricas, causando o despedimento de trabalhadores e desemprego em grande escala. Nos jornais, essas notícias ganharam o seguinte destaque: “Despedimentos na fábrica de confecções Carveste preocupa executivo camarário de Belmonte”⁸⁵; “Despedimentos, situação econômica de Belmonte agrava-se”⁸⁶; “Empresa de confecções despede trabalhadores”⁸⁷; “Fechamento da Confecção Selber causa despedimentos em Belmonte”⁸⁸.

Em 2005, um estudo publicado pelo Observatório para o Desenvolvimento Econômico e Social, da Universidade da Beira Interior, revela a existência na região da Beira Interior de 9.600 desempregados do setor fabril, sendo que mais da metade, 5.260, são mulheres⁸⁹. A queda na arrecadação de tributos pelos municípios exigiu, da parte dos governantes, a concretização de medidas que objetivassem dinamizar a economia regional.

No campo da cultura, uma das consequências da crise econômica foi o corte de verbas destinadas para o setor. Em 26 de outubro de 2006, a então Ministra de Estado da Cultura, Isabel Pires de Lima, anunciou no Parlamento da República os cortes no orçamento previstos para 2007, descendo, os valores, de 254,6 milhões de euros em 2006 para 236,8 milhões de euros em 2007, o que significa uma diminuição de 17,7 milhões de euros (7%) relativamente ao ano em curso⁹⁰.

É nesse contexto de redirecionamento das políticas públicas e na busca de novas alternativas econômicas que o turismo regional passa a ser analisado como vetor de crescimento econômico. A exploração das potencialidades turísticas incluem, para além dos atrativos naturais, a visitação a locais com elevado valor histórico e cultural e que possuem vinculação com o passado e o presente das comunidades locais. A história da antiga comunidade judaica de Belmonte insere-se neste quadro de propostas e a criação do Museu Judaico de Belmonte constitui parte importante nesse processo de revitalização econômica.

⁸⁵ Ver notícia In: *Jornal Correio de Notícias*, edição de 16 de agosto de 2004, p. 21.

⁸⁶ Ver notícia In: *Jornal Avante*, edição de 19 de Janeiro de 2006, p. 13.

⁸⁷ Ver notícia In: *Jornal Primeiro de Janeiro*, edição de 9 de janeiro de 2006, p. 15.

⁸⁸ Ver notícia In: *Jornal Avante*, edição de 10 de novembro de 2005, p. 19.

⁸⁹ Ver notícia in: *Jornal de Notícias*, edição de 6 de janeiro de 2005, p. 33.

⁹⁰ Ver notícia in: *Jornal de Notícias*, edição de 28 de outubro de 2006, p. 61.

2. A criação do museu como parte de um projeto de valorização do turismo cultural regional.

“Não há na comunidade acadêmica, tampouco nos órgãos oficiais de turismo, um consenso sobre o significado e a amplitude que envolvem o turismo cultural”⁹¹. O conceito oscila entre abordagens relacionadas com o usufruto do patrimônio cultural, que acabam por incorporar outros segmentos de turismo (ecoturismo, turismo rural), e abordagens reduzidas ao interesse em alguns bens culturais, excluindo os eventos culturais, que restringem substancialmente o potencial de mercado.

Numa definição ampliada afirma-se que turismo cultural é a atividade econômica relacionada com eventos e viagens organizadas e direcionadas para o conhecimento e lazer em elementos culturais, tais como: museus, monumentos, complexos arquitetônicos ou símbolos de natureza histórica, além de eventos artísticos, culturais, religiosos, educativos, informativos ou de natureza acadêmica⁹².

Em 1976, O ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, na Carta de Turismo Cultural, definiu como “[...] aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-culturais”⁹³.

Já a Organização Mundial de Turismo - OMT - define o turismo cultural como “[...] o movimento de pessoas, devido essencialmente a motivos culturais como viagens de estudo, viagens a festivais ou outros eventos artísticos, visitas a sítios e monumentos, viagens para estudar a natureza, a arte, o folclore e as peregrinações”⁹⁴.

Independentemente de qual definição que for adotada, existem dados incontornáveis: este ramo do turismo tem-se revelado nas últimas décadas uma mais-valia no desenvolvimento sustentável de localidades que possuem

⁹¹ AUGÉ, Marc. *El tiempo em ruínas*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 37.

⁹² ANDRADE, José Vicente, *Fundamentos e Dimensões do Turismo*, 8ª edição. Belo Horizonte: Ática, 1976, p. 8.

⁹³ ICOMOS, 1996, *Carta de México*, disponível In: [http://www.gespar.pt/media/uploads/carta de turismo.pdf](http://www.gespar.pt/media/uploads/carta_de_turismo.pdf). Consultado em 10 de março de 2016 às 10:59h.

⁹⁴ Organización Mundial del Turismo. *Concepts, definitions and classifications for tourism statistics*. Madrid: OMT, 1995.

carências na geração de emprego e na arrecadação de tributos, mas que são detentoras de atrações de interesse cultural.

Atividade inscrita no setor terciário da economia, o turismo é chamado, por alguns autores, de “indústria do turismo”⁹⁵, tal é o seu potencial de agregar uma gama de atividades voltadas para a recepção de visitantes, nomeadamente os ramos de hotelaria, restauração, transportes públicos e demais labores ligados ao comércio e serviços, envolvendo em seu entorno profissionais de diversas áreas do conhecimento. A ideia motora de projetos nesta área consiste em agregar as potencialidades naturais e paisagísticas de uma localidade com sua história e identidade, que pode ser percebida pelo visitante através da gastronomia, das atividades de teor artístico, cultural, desportivo ou religioso.

Dentre os eventos organizados pelos municípios membros da Associação das Aldeias Históricas de Portugal e não só por eles, mas nomeadamente em Belmonte, destacamos as feiras medievais, incluídas no calendário cultural dos municípios com periodicidade anual e amplamente divulgados pelos meios de comunicação social, que atraem para o evento um público muitas vezes superior à população local. “A reabilitação dessas festas em Portugal, a partir de 1998, revestiu-se de um grande sucesso de público e de crítica”⁹⁶.

Os museus passaram a fazer parte desse circuito, com a realização de eventos paralelos e complementares às festividades e incluídos na programação oficial divulgada aos visitantes, estimulando-os a conhecer os espaços museológicos da localidade para obter uma melhor compreensão do contexto cultural da região.

A discussão sobre os museus, o turismo e o seu território parte de uma clarificação do conceito de museu atual e da emergência de novos paradigmas na sociedade, aos quais o museu não deve ficar indiferente, sobretudo, como forma de potenciar a sua atractividade junto do público visitante, mas também se se pretende afirmar como equipamento de lazer. Ao longo desta pesquisa firmamos a certeza de que existem benefícios claros resultantes de uma aproximação entre estes campos.

⁹⁵ MOREIRA, João Carlos e SENE, Eustáquio de. *Geografia Geral e Econômica*. São Paulo: Moderna, 2015, p. 167.

⁹⁶ CANEDO, Ana Lúcia. *Aldeias Históricas em festa*. *Jornal Viva+*, edição de 11 de agosto de 2006, pp. 58-59.

O projeto de criação de novos espaços musealizados, abertos à visita pública e incluídos em um circuito de turismo cultural, podem ser percebidos nas propostas de campanha dos dois principais candidatos à Câmara Municipal de Belmonte, nas eleições autárquicas de 2005. Amândio Melo, então presidente da Câmara Municipal e reeleito naquele pleito, apresentou como proposta: “Desenvolver uma estratégia de promoção dos atrativos turísticos do Concelho, nomeadamente dos museus”⁹⁷. António Rocha, o candidato derrotado naquelas eleições, é atualmente o presidente da Câmara. Sua proposta de campanha era semelhante à de seu adversário político e propunha: “Programa de Governo desenvolvido com base na recuperação do emprego, na atração de investimentos e na valorização do turismo, explorando as temáticas do município: o turismo rural, os judeus e os Cabrais”⁹⁸.

À data da inauguração do Museu Judaico, pré-existia, em Belmonte, o Ecomuseu do Zézere, inaugurado em 26 de abril de 2001, e o Museu do Azeite, aberto ao público em 06 de abril de 2005. Desde então foram inaugurados dois novos espaços museológicos, o Panteão do Cabrais, em 2009, e o Museu dos Descobrimentos, em 2010.

3. Programas e instituições relacionados com o quadro institucional

O destaque maior que o turismo no município tem recebido nestes últimos anos está relacionado a inserção em projetos de desenvolvimento regional, programas governamentais e parcerias com instituições públicas e privadas que possibilitaram a captação de recursos junto a organismos nacionais e estrangeiros para a sua execução. Por esse motivo, entendemos que é necessária uma breve abordagem dos programas e instituições relacionados com este quadro institucional.

3.1. PETUR

O Plano Estratégico para o Turismo na Serra da Estrela (PETUR) é o resultado de um estudo realizado por estudantes da Universidade da Beira Interior na Covilhã, sob a coordenação do docente Pedro Guedes de Carvalho.

⁹⁷ Entrevista concedida por Amândio Melo ao *Jornal Voz do Campo*, edição de 18 de setembro de 2005, pp.14-17.

⁹⁸ Entrevista concedida por António Rocha ao *Jornal do Fundão*, edição de 26 de setembro de 2005, pp. 8-11.

O protocolo para o estudo foi firmado em 28 de setembro de 2004 entre o Departamento de Gestão e Economia da Universidade da Beira Interior e os municípios de Seia, Gouveia, Oliveira do Hospital, Celorico da Beira, Belmonte, Fornos de Algodres, Aguiar da Beira, Guarda e Covilhã.

O objetivo do plano é qualificar o turismo na região e apresentar medidas para que, dentro de 12 a 15 anos, exista um destino turístico sustentável capaz de se auto-financiar, promover e ter efeitos na economia. Defende que o futuro da região depende do turismo ambiental, de natureza, de saúde e cultural. De entre as conclusões do estudo questiona-se o monopólio do turismo de montanha (por concessão do Estado) e a falta de estratégias por parte dos municípios para enfrentar o problema. Alertou-se ainda para a fragilidade da rede hoteleira e de restauração da região, para além de ter chamado a atenção para a carência de profissionais especializados na área do turismo. Em 31 de janeiro de 2005, após a realização de debates e de audiências públicas, o documento final foi entregue aos municípios envolvidos. No mês de fevereiro foram realizadas apresentações públicas do projeto no âmbito dos municípios e, entre os dias 27 e 29 de Abril, foi realizado na Covilhã o I Congresso de Turismo da Serra da Estrela⁹⁹. As conclusões deste estudo foram usadas como referencial teórico na exposição de motivos constantes da candidatura que a Câmara Municipal de Belmonte apresentou à Ação Integrada de Base Territorial (AIBT) da Serra da Estrela, para a obtenção dos recursos, estimados em um milhão de euros, para a construção do Museu Judaico de Belmonte¹⁰⁰.

3.2. PROVERE

O Programa de Valorização dos Recursos Endógenos (PROVERE) foi desenvolvido pelo Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional e lançado em 2008. É um instrumento criado para estimular iniciativas dos agentes económicos orientadas para a melhoria da competitividade territorial de áreas de baixa densidade que visem dar valor

⁹⁹ Ver mais in: FONSECA, Luís. "Futuro da Serra da Estrela está no turismo ambiental". In: *Jornal de Notícias*. Covilhã: 28 de dezembro de 2005, pp. 8-10.

¹⁰⁰ Documento depositado, com o título *Projetos/Cultura/MJB*, no sector de património da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social, em Belmonte.

económico a recursos endógenos e tendencialmente inimitáveis do território: recursos naturais, património histórico, saberes tradicionais, etc.

Com este instrumento, especificamente destinado aos territórios com menores oportunidades de desenvolvimento por causa de uma baixa densidade – populacional, institucional, de atividade económica, etc. – pretendeu-se concretizar programas de ação, construídos em parceria e enquadrados em estratégias de desenvolvimento de médio e longo prazo, que contribuam de forma decisiva para o reforço da base económica e para o aumento da atractividade dos territórios-alvo.

Assim, são considerados como alvo do Provere os programas de ação cujos projetos-âncora e impactos mais relevantes, em termos de uso do território, de emprego e de rendimento gerado, se localizem em territórios exteriores às Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto e fora dos centros urbanos de nível regional ou superior definidos nos Planos Regionais de Ordenamento do Território (PROT) e de centros urbanos de níveis inferiores com 20 mil ou mais habitantes¹⁰¹.

A abertura de candidaturas no âmbito do Provere possibilitou aos municípios abrangidos pelas regras pré-estabelecidas a captação de recursos oriundos de fundos comunitários, com vista ao financiamento de novos empreendimentos voltados para a atração turística, como museus, prédios de valor histórico, monumentos, centros de interpretação e outros. Belmonte e os demais municípios da Beira Interior foram largamente beneficiados pelo projeto.

O programa disponibiliza uma plataforma digital, onde as linhas de financiamento e os critérios para a seleção de projetos são publicados. As candidaturas são apresentadas de forma *online*, nessa plataforma, e caso sejam aprovadas os proponentes do financiamento, no caso de Belmonte a Câmara Municipal, através da EMPDS, são chamados para assinatura dos contratos e outras formalidades legais. Entre 2008 e 2015, Belmonte apresentou 22 candidaturas ao programa e destas 16 foram aprovadas, totalizando recursos aproximados de 13,6 milhões de euros. Duas destas propostas refrem-se diretamente ao Museu Judaico. A primeira delas é de março de 2011, e destinou-se à compra de equipamentos para o auditório do museu, no valor de 876 mil euros. A outra proposta foi aprovada em novembro de 2015, no valor de 1,4

¹⁰¹ Ver in: <http://www.gov.pt/prot/provere>, acessado em 28 de abril de 2016 às 10:52h.

milhão de euros, e destina-se à requalificação do museu, com a instalação de equipamentos multimídia e readequação da sala de exposição permanente, com a instalação de equipamentos que possibilitem uma maior interação com os visitantes. Esta obra tem início previsto para setembro de 2016¹⁰².

3.3. Associação Judaica de Belmonte

Esta associação foi fundada em 8 de abril de 1988 com o objetivo de resgatar os criptojudéus ao judaísmo ortodoxo. No livro de actas da associação consta a acta de fundação, com a assinatura de 82 pessoas, entre elas Joaquim Levy, designado presidente do comitê de fundação¹⁰³.

Em 5 de janeiro de 1989 é oficialmente reconhecida com o nome de Comunidade Judaica de Belmonte e mantém os mesmos objetivos de trazer os judeus locais para as práticas litúrgicas do judaísmo oficial. Seu presidente, Joaquim Levi, desde 2012 também dirige o Gabinete de Assuntos Judaicos da Câmara Municipal de Belmonte. Em 12 de abril de 2013 um grupo de cinco membros criou a Associação dos Jovens Judeus de Belmonte¹⁰⁴, que desde então tem colaborado com as atividades do Museu Judaico, com destaque para a “Exposição Arte Organica”, realizada em dezembro de 2014.

3.4. Rede de Judiarias de Portugal

A Rede de Judiarias de Portugal fundada em Belmonte a 17 de Março de 2011 é uma associação de carácter público mas de direito privado, que tem como objetivo atuar de forma conjunta na defesa do património urbanístico, arquitetónico, ambiental, histórico e cultural, relacionado com a herança judaica¹⁰⁵.

Esta rede tem como prioridade unir a valorização histórica e patrimonial à promoção turística, de forma a contribuir para o enriquecimento da identidade portuguesa e peninsular. Estão incluídas nesta rede cerca de 30 localidades portuguesas onde existem vestígios judaicos.

¹⁰² Os documentos de onde estas informações foram extraídas estão depositados, com o título de Projectos/Candidaturas/ Provere, no sector de património da Empresa Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social, em Belmonte.

¹⁰³ O Livro de Actas e os Estatutos da Associação Judaica, encontram-se depositados no Gabinete Judaico, na Câmara Municipal de Belmonte.

¹⁰⁴ Livro de actas da Associação Judaica de Belmonte, p. 113A, disponível no Gabinete de Assuntos Judaicos da Câmara Municipal de Belmonte.

¹⁰⁵ Ver in: <http://www.redejudiariasportugal.com>, acessado em 30 de abril de 2016 às 23:21h.

O grande projeto gerido pela rede de Judiarias chama-se “Rotas de Sefarad”, que consiste na criação e na divulgação de um percurso geográfico e cultural que integre as antigas judiarias. A maior parte da verba necessária para a execução do projeto (cerca de 4,5 milhões de euros) foi disponibilizada no âmbito de um mecanismo económico do Espaço Económico Europeu – EEA - chamado EEA – Grants 2009-2014, através do qual a Finlândia, Liechtenstein e Noruega financiam, na qualidade de países doadores, diversas áreas prioritárias de ação junto dos Estados beneficiários do Fundo de Coesão da União Europeia. O restante da verba (cerca de 500 mil euros) é da responsabilidade do governo português.

Entre áreas programáticas como a da gestão integrada de águas interiores e marinhas, a das energias renováveis ou das iniciativas de saúde pública, o EEA-Grants inclui a da conservação e revitalização do património natural e cultural com uma dotação total para Portugal de quatro milhões de euros, verba esta que foi inteiramente atribuída ao projeto Rotas de Sefarad¹⁰⁶.

Em Belmonte, integrados neste roteiro estão a sinagoga Bet Eliahu, o Centro de Formação Judaica, as ruas da antiga judiaria, o cemitério judaico e o Museu Judaico. No biénio 2013/2015 a Rede de Judiarias foi dirigida pelo presidente da Câmara Municipal de Belmonte. Ao incluir o Museu Judaico no projeto Rotas de Sefarad, a Rede de Judiarias atua na divulgação do museu e quando da realização de eventos temáticos como a Festa das Luzes e A Festa das Cabanas, os técnicos da Rede prestam assistência técnica e operacional para a realização das atividades.

3.5. Rede das Aldeias Históricas de Portugal

Trata-se de uma Associação de Desenvolvimento Turístico, a qual foi fundada em 2007 e integra doze localidades do interior do país, designadamente Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão, Sortelha e Trancoso. Tal como no Portugal medieval estas aldeias se aliavam para combater o inimigo, hoje aliam-se para combater os efeitos da passagem do tempo e da desertificação humana. A Rede das Aldeias Históricas veio dar

¹⁰⁶ Ver notícia in: *Jornal de Notícias*, edição de 28 de setembro de 2013, p. 8.

ao interior da região centro de Portugal uma estratégia de desenvolvimento e valorização centrada nos valores da História, Cultura e Patrimônio. O que começou por parecer um mero conjunto de obras públicas – com a recuperação de fachadas e de telhados das habitações, arranjos urbanísticos, melhoria de acessos e recuperação de monumentos – acabou por se revelar uma recuperação das aldeias, não apenas enquanto espaços físicos mas enquanto conjuntos simbólicos, capaz de promover a economia, dando oportunidades de intervenção a atores locais, mas também constituindo oportunidades para estimular socialmente a região¹⁰⁷. A Associação, em Belmonte, atua de forma integrada com as demais instituições e possui um corpo técnico especializado em projetos de revitalização urbanística. É de sua autoria o projeto de requalificação das fachadas dos prédios do centro histórico e da recuperação das ruas de acesso ao Pelourinho e ao Museu Judaico, bem como a instalação de uma sinalética que direcione o visitante para a área do entorno do Museu.

Nos eventos organizados pelo Museu Judaico, a associação presta apoio operacional, na montagem de stands e outros equipamentos. Vale relembrar que todos os funcionários da Associação pertencem ao quadro de pessoal da EMPDS, bem como os que trabalham da Rede de Judiarias. Ambas estão instaladas em um mesmo prédio, na área do centro histórico, cedido pela Câmara Municipal de Belmonte

3.6. Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico

A Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico (APMCH) foi fundada, na cidade de Lamego, em 22 de Julho de 1988. Conta com uma centena de autarquias inscritas, todas preocupadas com a defesa, valorização, revitalização e animação dos seus núcleos urbanos históricos. São membros da APMCH os municípios portugueses que possuam zonas históricas, independentemente de serem já ou não classificadas como centros históricos e, que, por deliberação autárquica, declarem aderir à instituição, sem distinções do tipo de aglomerado — cidade ou vila — nem da localização da zona ou das zonas históricas nesses aglomerados. Neste momento, a Associação, cuja sede

¹⁰⁷ Ver mais in: <http://www.aldeiahistoricasdeportugal.pt>, acessado em 02 de maio de 2016 às 13:30h.

nacional se fixou em Lamego, possui delegações regionais em Almeida e em Lagos.

A criação da APMCH resultou das conclusões do I Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico (ENMCH), realizado em 1987. Essa primeira reunião magna dos Municípios com Centro Histórico foi originalmente promovida pela Património XXI – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Cultura, contando com o apoio dos Municípios de Lamego e de Trancoso. Um ano após o sucesso dessa iniciativa, uma dezena e meia de municípios de todo o país viriam a fundar a APMCH. A sede nacional tem caráter rotativo e já esteve fixada em Trancoso, Santarém, Ponte de Lima, Belmonte e Lamego¹⁰⁸.

A Escolha do dia 28 de março como o dia nacional dos centros históricos portugueses presta uma homenagem à data natalícia de Alexandre Herculano (1810/1877).

Esta associação desempenha, dentre outros, um papel importante na divulgação dos eventos culturais de seus municípios associados. Através dela, o impresso com o calendário de eventos culturais, elaborado pelo Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte, é distribuído em todas as regiões do país. As atividades desenvolvidas pelo Museu Judaico, constante desse calendário são, desta forma, amplamente divulgados.

3.7. Polo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela

O Pólo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela foi criado pelo decreto-lei nº 68/2008, de 10 de abril de 2008, que reorganizou as entidades públicas regionais com responsabilidade na área do turismo. Abrange os municípios e localidades localizados na Região de Turismo da Serra da Estrela – RTSE: Almeida, Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Fundão, Gouveia, Guarda, Manteigas, Meda, Pinhel, Ceia, Sabugal e Trancoso. Tem por objetivo a criação de políticas integradas voltadas para a exploração da atividade turística, a sede do pólo é em Trancoso. É uma entidade pública, subordinada ao Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território e como tal faz a intermediação de projetos que visem a obtenção de recursos destinados a investimentos na sua área de atuação. Esta substituiu a extinta Ação Integrada de Base Territorial da Serra

¹⁰⁸ Ver mais in: <http://www.apmch.pt/historico>, acessado em 02 de maio de 2016 às 16:32h.

da Estrela (AIBTSE), responsável pela liberação dos recursos empregados na construção do Museu Judaico de Belmonte.

3.8. Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social

As empresas municipais foram criadas com amparo na lei nº 58, de 18 de agosto de 1998 e após a promulgação desta rapidamente se expandiram pelo país, chegando a 150 em 2006¹⁰⁹. O objetivo inicial da criação deste tipo de instrumento de administração pública era o de permitir aos municípios um apoio com pessoal técnico e especializado visando à melhoria da gestão. Estas empresas têm como característica uma maior flexibilidade na contratação de pessoal, de serviços e na captação de recursos.

A Câmara Municipal de Belmonte atenta à sua realidade e como forma de ultrapassar a crise econômica que se fazia e faz sentir no Concelho, encontrou no turismo temático aliado à cultura uma alternativa para o desenvolvimento sustentado para o Concelho. Assim, e tendo por objetivo a promoção e o desenvolvimento social de concelho de Belmonte, a Câmara Municipal de Belmonte propôs, em 12 de fevereiro de 2005, a criação de uma empresa municipal, denominada Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte (EMPDS - Belmonte, EM). Esta empresa foi formalmente constituída, nos termos da Lei n.º 58/98, com um capital de 5000€. De acordo com o ponto 2 do art. 1º dos seus estatutos esta empresa é “uma pessoa coletiva pública, constituída como empresa municipal e dotada de personalidade jurídica e de autonomia administrativa, financeira e patrimonial, ficando sujeita à superintendência da Câmara Municipal de Belmonte”¹¹⁰.

Após uma primeira fase de instalação e adequação às normas estabelecidas pela Câmara Municipal, pode-se considerar que a empresa exerceu nos anos subsequentes um papel ativo na dinamização da economia do município, sendo a responsável técnica e operacional pela execução dos projetos voltados para a promoção cultural, assentado na criação de museus temáticos e nas estruturas e equipamentos de apoio voltados para o atendimento de visitantes.

¹⁰⁹ Ver notícia in: *Jornal de Notícias*, edição de 9 de outubro de 2006, p. 22 e *Diário da República* n. 207, de 26 de agosto de 1998, p. 12A.

¹¹⁰ Acta de reunião ordinária da Câmara Municipal de Belmonte, sessão do dia 18 de fevereiro de 2005, p. 7, disponível no arquivo da Câmara Municipal de Belmonte, Livro de actas de 2005.

Para compreender a importância da EMPDS para o Museu Judaico e para os demais museus instalados no município, relembramos que todos os recursos aplicados na área cultural são administrados pela empresa e todos os empregados destas instalações pertencem ao quadro de funcionários da empresa. Para além disso, o diretor da EMPDS, atualmente o engenheiro Joaquim Costa, é também o gestor de todos os museus do município.

4. Análise de outros museus com temática judaica

Como forma de preparação e com o objetivo de estabelecer parâmetros para a pesquisa, pretendeu-se identificar espaços museológicos que, *a priori*, pudessem assemelhar-se à realidade encontrada em Belmonte.

Inicialmente procurou-se encontrar afinidades com três museus judaicos com idêntica designação, nomeadamente os Museus Judaicos do Rio de Janeiro e de Curitiba, no Brasil, e o Museu Judaico de Buenos Aires, na Argentina.

Em Espanha buscou-se tais afinidades através da análise do Museu Sefardita, na cidade de Toledo e do Museu da História dos Judeus, em Girona, ambos na região da Catalunha.

Em Portugal, as observações concentraram-se no Museu Luso Hebraico Abraão Zacuto (sinagoga), em Tomar, O Museu Barros Basto (sinagoga), no Porto, e o Centro Histórico Judaico (cemitério) de Faro.

Com as observações empíricas e análises realizadas nessas instituições pretendeu-se caracterizar o discurso museológico e as museografias concretizadas nesses espaços. As conclusões deste estudo estão apresentadas à seguir.

Logo percebeu-se que a comparação com os museus da América do Sul, já conhecidos, Rio de Janeiro, fundado em 1977¹¹¹, Buenos Aires, fundado em 1967¹¹² e Curitiba, fundado em 2011¹¹³, não seriam espaços apropriados para comparação, por serem museus de grande porte, localizados em cidades populosas e com realidades muito diferentes da comunidade onde insere-se o o nosso objeto de estudo.

¹¹¹ Ver notícias In: <http://www.museujudaicorj.com.br>, acessado em 10 de maio de 2016 às 02.11h.

¹¹² Ver notícias In: <http://www.museojudio.org.org>, acessado em 10 de maio de 2016 às 02:42h.

¹¹³ Ver notícias In: <http://www.morasha.com.br/museu>, acessado em 10 de maio de 2016 às 03:12h.

Buscou-se, então, proceder a uma análise, de forma crítica e detalhada, dos espaços musealizados dedicados à cultura judaica na Península Ibérica, iniciando pelos dois museus judaicos existentes em Espanha.

O Museu Sefardita de Toledo foi reaberto ao público em 2003¹¹⁴, depois de passar por um processo de requalificação. Está instalado no prédio anexo à Sinagoga Samuel Levy (El Tránsito), construída, originalmente, em 1357. A exposição permanente possui aproximadamente 900 objetos. A ideia condutora do discurso museológico tem como prioridade dar testemunho da cultura judaica em Espanha. Apresenta um serviço educativo bem estruturado que busca ressaltar os aspectos conceituais das três principais religiões monoteístas, nomeadamente, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Possui cinco salas que mostram aspectos históricos, religiosos e etnográficos do passado judaico em Espanha. Os objetos em exposição na última sala do percurso de visita têm algumas afinidades com o acervo que encontramos no museu em Belmonte. São peças utilizadas em cerimônias religiosas e nas festas do calendário litúrgico judaico. Mas, para além dessa semelhança, que é uma característica comum a todos os museus judaicos que conhecemos, nenhuma outra proximidade encontramos com nosso objeto de estudo.

O museu da História dos Judeus, em Girona, fundado em 2000¹¹⁵, localiza-se no interior de uma sinagoga, construída, originalmente, no século XV. O discurso museológico remete para uma temática principal: contar a história das comunidades judaicas medievais na Catalunha, até sua expulsão, em 1492. A coleção é composta por cerca de uma centena de objetos relacionados com o culto religioso, bem como utensílios usados na vida quotidiana. A museografia empregada é confusa, com alguns objetos sem identificação e aqueles que estão identificados possuem legendas inadequadas que não permitem contextualizar a exposição. Neste caso, o edifício da sinagoga é o grande atrativo para os visitantes que percebem a coleção como meramente ornamental, sem despertar grande interesse. Novamente encontrou-se, à semelhança do museu de Toledo, pontos de contacto com o museu de Belmonte, no que tange aos objetos em exposição. Girona tem, em comum com Belmonte, um passado de tradições

¹¹⁴ Ver notícias In: <http://www.museosefarditoledo.esp.org>, acessado em 17 de maio de 2016 às 04:40h.

¹¹⁵ Ver notícias In: <http://www.gironamuseodelhistoriajudia.esp.org>, acessado em 17 de maio de 2016 às 05:12h.

judaicas, mas o Museu Judaico de Girona parece não conseguir valorizar esses aspectos identitários.

Em Portugal, existem, além do Museu Judaico de Belmonte, três outros espaços musealizados que são, por vezes, identificados como museus judaicos, respectivamente na cidade do Porto, em Tomar e em Faro.

O Centro Histórico Judaico de Faro é constituído pelo Cemitério Judaico de Faro, pelo Museu-Sinagoga Isaac Bitton e pelo Museu Tahara¹¹⁶. O Museu-Sinagoga, instalado num pequeno edifício de madeira, foi inaugurado em 2007 após uma requalificação do espaço. A coleção é composta por cerca de 50 objetos, entre livros judaicos, peças de mobiliário utilizados na sinagoga, e três manequins vestidos de maneira a representar um casamento judaico. Os objetos não possuem legenda, o que dificulta sua compreensão e contextualização. Não é possível depreender a existência de qualquer tipo de discurso museológico e tampouco um plano museográfico, já que os objetos estão amontoados no reduzido espaço. Embora alguns objetos sejam comuns a outros espaços já abordados, neste caso, a atração para o visitante é o cemitério judaico, que passou por um processo de requalificação recente e recebeu ornamentação com símbolos judaicos. Não foi possível estabelecer relação deste ambiente com nosso objeto de estudo.

Em Tomar, o Museu-Sinagoga Abrão Zacuto está sediado em um prédio do final do século XV, que foi adquirido por Samuel Schwarz, em 1923, e doado ao governo português em 1939, com a condição de ser convertido em museu¹¹⁷.

Este é mais um caso de uma sinagoga com um conjunto de objetos que são disponibilizados à visitação pública, mas sem uma programação adequada, um projeto museográfico e um discurso museológico. A coleção é constituída por um conjunto de lápides funerárias encontradas em várias partes do país. A falta de funcionários e o estado de abandono em que o prédio se encontra dificultam qualquer tipo de análise mais aprofundada.

¹¹⁶ Ver informações In: <http://www.farojewishheritagecentro.org>, acessado em 10 de abril de 2016 às 13:32h.

¹¹⁷ Ver informações In: <http://www.sinagogadetomar.com>, acessado em 14 de abril de 2016 às 08:23h.

Recentemente, a Associação dos Amigos da Sinagoga de Tomar¹¹⁸ (aparentemente o único organismo que colabora verdadeiramente com o casal de zeladores), colocou três painéis informativos da autoria de Esther Mucznik, onde são referidos, de forma bastante básica, alguns conceitos e utensílios típicos judaicos e um resumo da história judaica desta cidade. Estes painéis, colocados junto de algumas vitrinas com escassos objetos de culto judaico no seu interior, são a única fonte de informação que o museu dispõe (à exceção dos zeladores, claro). Um aspecto importante neste caso é que a tutela é do Estado, ao contrário do Museu-Sinagoga de Faro, o qual é tutelado pela comunidade judaica local. A relação deste espaço com nosso estudo é estabelecida através da referência a Samuel Schwarz, personalidade que abordaremos na parte do estudo reservado ao Museu Judaico de Belmonte.

Na cidade do Porto, foi inaugurado, no dia 28 de junho de 2015, o Museu Judaico da Comunidade Israelita do Porto. Instalado no 1º piso da Sinagoga Kadorie Mekor Haim, considerada a maior da Península Ibérica, o museu ocupa três amplas salas¹¹⁹. A coleção composta por cerca de setenta peças abriga, na primeira sala, objetos utilizados nos rituais religiosos no interior da sinagoga. Na sala seguinte, além de alguns livros e recortes de jornais com informações sobre a comunidade judaica do Porto, existe um impresso com os nomes de portugueses vítimas da Inquisição. Na última sala estão expostas algumas peças de fardamento militar, mais precisamente, a espada e as condecorações concedidas a Artur Barros Basto, fundador da comunidade israelita do Porto e personalidade determinante da “obra de resgate”. O discurso museológico enfatiza as origens da comunidade israelita do Porto e suas personagens. A museografia mistura objetos que se referem a épocas e fatos distintos. Além disso, a falta de um serviço educativo, bem como de legendas em linguagem laica, em alguns objetos, comprometem o entendimento da coleção pelo visitante que não seja um perito em assuntos judaicos. No caso deste museu, detetam-se afinidades com o nosso objeto de estudo no que se refere à obra de resgate

¹¹⁸ Associação criada em 28 de junho de 2011 com o objetivo de preservar a identidade religiosa, assim como restaurar e conservar os bens culturais associados à Sinagoga de Tomar. Ver informações In: <http://www.sinagogadetomar.com/amigos>, acessado em 14 de abril de 2016 às 08:32h.

¹¹⁹ Ver mais In: <http://www.sinagogakadoriemekorhaim.com>, acessado em 19 de abril de 2016 às 05.35h.

e ao papel desempenhado por Barros Basto, temas que iremos abordar quando tratarmos das personalidades envolvidas na história da comunidade judaica de Belmonte.

Após a breve análise destes museus e ou espaços museológicos vamos nos dedicar a apresentação do Museu Judaico de Belmonte, com a convicção de que, apesar de algumas semelhanças encontradas com outros museus, trata-se de um caso singular, do ponto de vista do discurso, da localização geográfica, do contexto social e econômico, das tutelas e parcerias, da comunidade em que está inserido e, principalmente, da efectividade do papel desempenhado na preservação da memória e da identidade judaicas.

Capítulo IV

O Museu Judaico de Belmonte

1. Missão

A missão do Museu Judaico de Belmonte é preservar a memória e a identidade da comunidade judaica do município, mantendo uma exposição permanente, aberta à visitação pública, de objetos relacionados com a cultura, com os rituais religiosos e com as atividades laborais desenvolvidas pelos judeus.

O Museu assume, também, a missão de prestar homenagem a todos aqueles que, acusados de práticas judaizantes, pereceram diante dos tribunais da Inquisição, bem como aos que dedicaram suas vidas à causa judaica em Portugal e, em especial, na região da Beira Interior.

Com o objectivo de se afirmar como um espaço pedagógico e didático acerca da cultura do povo judaico, o museu ilustra a história dos judeus em Portugal, o seu enorme contributo cultural e as suas tradições e costumes.

Assim, este museu “pretende constituir uma unicidade de documentação, investigação, exposição e divulgação sobre o papel desempenhado pela comunidade judaica local no contexto da história e da cultura do Judaísmo”, apresentando “uma visão abrangente dos conteúdos do Judaísmo [...] de que se sublinha a originalidade dos seus símbolos” e onde se reserva a “musealização da história e antropologia cultural da comunidade judaica local”, assim como “a sua singularidade, enquanto registo excepcional de (sobre)vivência do Judaísmo face à aculturação religiosa imposta pela religião oficial”¹²⁰.

2. Histórico

A ideia de criar um museu em Portugal dedicado à preservação da memória dos judeus é bastante antiga e remonta ao princípio do século XX, quando Samuel Schwarz entrou em contato com a comunidade judaica, na região da Beira Interior, em consequência de seu trabalho como engenheiro de minas.

¹²⁰ SILVA, Armando Coelho; CENTENO, Rui Maria (coord.). *Museu Judaico de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, 2005, pp. 10-11.

Em 1922 Samuel Schwarz adquiriu, em Tomar, o prédio em ruínas de uma antiga sinagoga datada do século XV e, após um longo processo de restauração, ofereceu o imóvel ao Estado, em 1939, mediante duas condições: que ele fosse classificado como edifício nacional, garantindo assim a sua não destruição, e que o espaço fosse destinado a um Museu Luso-Hebraico, o primeiro a constituir-se em Portugal¹²¹. No local atualmente está instalado o Museu e Sinagoga Abraão Zacuto, mas apesar do nome, o que encontramos no local é uma sinagoga restaurada. Verifica-se também que o sonho de Schwarz de ver ali edificado um museu judaico não se concretizou, por razões que vamos abordar mais adiante.

Em 1978, foi constituída, na cidade da Guarda, a Associação de Amizade Portugal-Israel, instituição responsável pela organização de vários congressos de reflexão e estudo sobre a presença hebraica em Portugal, eventos esses realizados não só na Guarda, mas também em localidades que tiveram no passado a presença de judeus: Trancoso, Moncorvo, Castelo de Vide, Belmonte, Porto e Lisboa. Nesses encontros discutiu-se, dentre outros assuntos, a necessidade de criar um espaço em memória da cultura judaica. Foi o caso do congresso sobre judaísmo realizado em Lisboa entre os dias 13 e 17 de março de 1996¹²².

No início de 2000, a idéia da criação de um museu judaico em Belmonte passou a ocupar espaço nas discussões e debates entre os vereadores locais nas sessões ordinárias da Câmara Municipal¹²³.

Dentre os mentores desta idéia destacam-se os vereadores David Augusto Canelo e Amândio Melo (então Presidente da Câmara Municipal de Belmonte) e os pesquisadores Rui Maria Centeno e Armando Coelho Ferreira da Silva. É importante destacar que a criação de um museu dedicado à preservação da memória e cultura judaicas fazia parte, naquele momento, de um projeto maior

¹²¹ MEA, Elvira Cunha de Azevedo. "Judeus, cristãos-novos e marranos (séculos XVI-XX)" in: SILVA, Armando Coelho e CENTENO, Rui Maria (Org) *Museu Judaico de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, 2005, p. 72.

¹²² Jornal *O Primeiro de Janeiro*, 19 de abril de 2005, p. 12.

¹²³ Acta da sessão ordinária da Câmara Municipal de Belmonte do dia 13 de março de 2000, disponível no Arquivo da Câmara Municipal de Belmonte, Livro Registro de Actas das sessões do ano de 2000, p.74.

com objetivos de dinamizar as atividades culturais e o turismo, como formas de viabilizar a sustentabilidade econômica do município¹²⁴.

Para uma melhor compreensão das motivações e do ambiente em que esses debates ocorreram é necessário contextualizar o cenário social e econômico do município, naquele período, afetado pelas consequências de uma grave crise econômica. O fechamento de fábricas de confecções provocando centenas de despedimentos agravaram ainda mais esse quadro.

Notícias veiculadas em jornais de circulação regional e nacional davam conta da medida do problema¹²⁵.

Em dezembro de 2000, após deliberação na Câmara Municipal, foi aprovado o projeto base para a requalificação do prédio, onde outrora funcionou a primeira escola de Belmonte (ver fig. 5, anexo II), e que foi adquirido pela Câmara para sediar as instalações do futuro Museu Judaico¹²⁶.

Em 20 de junho de 2001, em cerimônia realizada na Sinagoga de Belmonte, o projeto do Museu Judaico foi apresentado à comunidade. O evento contou com a presença do então Secretário de Estado do Turismo, Vítor Neto, de Adriano Vasco Rodrigues, ex-governador civil do distrito da Guarda, de membros da câmara de vereadores, de moradores locais e de outras autoridades¹²⁷.

Em dezembro de 2002, foram aprovados pela Câmara Municipal os termos e os valores para a empreitada de construção do Museu Judaico e estabeleceu-se um prazo para o início das obras¹²⁸.

Em julho de 2003, após aprovação da candidatura, foi firmado o convênio com a Ação Integrada de Base Territorial (AIBT) da Serra da Estrela, para o aporte de capital (estimado em 1,3 milhão de euros) e lançado o edital de concurso para contratação das obras com vista à instalação do Museu Judaico em Belmonte¹²⁹.

¹²⁴ Ver matéria jornalística sobre o assunto In: *Jornal a Voz do Campo*, suplemento especial à edição de 18 de dezembro de 2005, pp. 1-16.

¹²⁵ Ver notícias in: *Jornal O Primeiro de Janeiro*, 12 de novembro de 2003, p. 9; *Jornal de Notícias*, 10 de dezembro de 2003, p. 8 e *Jornal Correio da Manhã*, 13 de janeiro de 2004, p. 11.

¹²⁶ Acta de sessão ordinária da Câmara Municipal de Belmonte do dia 5 de dezembro de 2000, disponível no Arquivo da Câmara Municipal de Belmonte, Livro de Registro de Actas das sessões do ano de 2000, p. 37.

¹²⁷ Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, nº 6, de julho de 2001, p. 16.

¹²⁸ Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, nº 7, de dezembro de 2002, p. 3.

¹²⁹ Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, nº 10, de julho de 2003, p. 7.

As obras de requalificação foram iniciadas no final de 2003 e concluídas em junho de 2004¹³⁰. No segundo semestre de 2004 foram realizadas as obras de adequação do espaço interno e concluídas as instalações dos equipamentos¹³¹.

Inaugurado em 17 de abril de 2005¹³², com a presença do então Ministro dos Assuntos Parlamentares, Augusto Santos Silva, e de autoridades nacionais e estrangeiras, o Museu Judaico de Belmonte é um espaço pioneiro em Portugal. Decorridos mais de dez anos, ainda é o único museu judaico no país.

A notícia da inauguração teve grande repercussão e ocupou espaço nas páginas dos principais jornais do país¹³³.

3. Descrição, localização e estrutura física do edifício

O museu está instalado em um edifício de três andares (ver fig. 3, anexo II), com 2.987 m² de área útil construída. Originalmente o prédio era a sede de uma escola católica do município e, em 2000, foi incorporado ao patrimônio da Câmara Municipal de Belmonte e submetido a um projeto de requalificação para promover a adequação do espaço ao destino atual. Situa-se na rua da Portela nº 42, na zona da antiga judiaria de Belmonte.

A requalificação do edifício para adequar-se às especificidades de um espaço museológico foi realizada pela empresa Proengel Ltda, sob a supervisão técnica da engenheira Ana Paula Silva Aleixo. O projeto museológico foi elaborado pela empresa ETNOS, Património e Turismo, Ltda e assinado por Miguel Teixeira, engenheiro civil, licenciado pela Universidade do Porto e especialista em design de interiores. A localização do edifício, no centro histórico da cidade, permite um acesso facilitado para quem chega no município, através de uma sinalética adequada e de fácil compreensão.

A arquitetura em estilo medieval e a utilização da pedra como elemento básico da construção integram de forma harmônica o museu com os demais edifícios do centro histórico, onde localiza-se ainda o gabinete local da Rede de

¹³⁰ Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, nº 11, de dezembro de 2003, p. 8, e nº 12, de junho de 2004, p. 7.

¹³¹ Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, nº 13, de dezembro de 2004, p. 16.

¹³² Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, nº 14, de junho de 2005, pp. 9-11.

¹³³ Ver notícias In: *Jornal Correio da Manhã*, 17 de abril de 2005, p. 55; *Jornal O Primeiro de Janeiro*, 17 de abril de 2005, p. 9; *Jornal Expresso*, 16 de abril de 2005, pp. 24-27; *Jornal de Notícias*, 17 de abril de 2005, p. 18; *Jornal Público*, 17 de abril de 2005, p. 44; *Jornal 24 Horas*, 18 de abril de 2005, p. 48; *Jornal Gazeta do Interior*, 20 de abril de 2005, p. 18; *Jornal A Bola*, 20 de abril de 2005, p. 47; *Jornal do Fundão*, 2 de junho de 2005, p. 14.

Judiarias, a representação das Aldeias Históricas de Portugal, o Centro de Formação e Estudos Judaicos e o Pelourinho Medieval.

A partir da entrada principal, no piso 1 (ver fig.9, anexo II), acede-se a um átrio/recepção, onde se localizam os serviços de atendimento, a loja do museu onde se vendem produtos kasher produzidos na região (ver fig.10, anexo II), bem como um auditório (ver fig.11, anexo II), com capacidade para receber até 70 pessoas. Por escadaria ou elevador acede-se ao piso 2, destinado a abrigar a exposição permanente.

4. Exposição permanente, discurso museológico e museografia

Segundo Miguel Teixeira, autor do projeto de musealização do Museu Judaico de Belmonte, o discurso museológico foi concebido com a intenção de proporcionar ao visitante uma percepção da realidade judaica através da exposição de objetos que refletem a sua história e cultura milenares, suas práticas litúrgicas e suas atividades laborais¹³⁴.

O discurso está fundamentado com base em três eixos temáticos: A Inquisição portuguesa e os judeus da Beira Interior; A resistência e o criptojudaísmo e A obra de resgate. Seguindo o modelo de discurso da nova museologia, pretende-se que o visitante tenha uma experiência que permita contextualizar a exposição com a realidade da comunidade judaica que integra a população do município desde a sua criação.

A museografia empregada, com a utilização de cores em tons de negro e azul escuro, tem o objetivo de criar no ambiente um aspecto de sobriedade, que conduza a visita através de uma contemplação individual de cada conjunto de objetos referente a cada eixo temático (ver fig. 19 – anexo II)

O percurso de visitação inicia-se por uma visão abrangente do juda ismo através de objetos utilizados em cultos e festas religiosas (ver fig.12, 19, anexo II). A museografia empregada nesta abordagem utiliza quatro grandes vitrines em formato retangular com base em madeira, e outras sete, de formato cilíndrico com base met lica (ver fig. 15, 16, anexo II), todas dotadas de ilumina o direcional sobre os objetos, que em contraste com a penumbra existente na sala, permite que o visitante avance pelo percurso visualizando os objetos de acordo

¹³⁴ Ver notícia In: *Jornal O Belmontino*, n  14, de junho de 2005, pp. 9-11.

com uma sequência lógica. A disposição das vitrines ao longo da parede de entrada e dos cilindros, alinhados no centro da sala (ver fig. 14, anexo II), dividem o espaço em dois ambientes.

O trajeto continua com um núcleo dedicado à história e cultura judaica em Portugal, mediante a exposição de objetos em mais cinco vitrines e três expositores horizontais, com iluminação idêntica à das anteriores (ver fig. 17, anexo II). Destacam-se registros importantes, como o movimento da diáspora e os tempos mais atribulados que são recordados, em especial, por intermédio de um memorial das vítimas da inquisição (ver fig. 13, anexo II). Esta parte da exposição é complementada por uma aplicação interativa onde o visitante pode aceder a pequenos ecrãs (ver fig. 18, anexo II) e conferir dados de identificação pessoal das vítimas. Aspectos do criptojudaísmo e da obra de resgate fazem a relação com o espaço da exposição destinado à comunidade judaica de Belmonte (ver fig. 21, anexo II), revelando assim sua singularidade histórica. Merecem referência particular os objetos utilizados nas principais festas do calendário litúrgico judaico (Sabbath, Purim, Pessah, Rosh Hashana, Yom Kipur, Sucoth e Hannukah), cerimônias religiosas associadas ao ciclo da vida (circuncisão, Bar Mishva, Bat Mishva, casamento e morte). As festas e cerimônias também são ilustradas por um conjunto de pinturas a óleo (28 quadros), da artista plástica Isabel Rodrigues Konrad (ver fig. 22, anexo II), fixados na parede junto à saída da exposição.

Também por escada ou elevador acede-se ao piso 3, reservado a exposições temporárias e onde existe uma pequena biblioteca especializada em assuntos ligados ao judaísmo, uma sala destinada a alojar os cerca de 50 objetos em reserva (ver fig. 24, anexo II), e o Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues (ver fig. 23, anexo II).

5. Tutela e administração

A instituição que detém a tutela do Museu Judaico de Belmonte é a Câmara Municipal de Belmonte, a qual é responsável, através do Gabinete de Cultura, pela tomada de decisões sobre questões relativas à vida orgânica do Museu.

No entanto, como se verifica em outros municípios portugueses, em Belmonte os serviços de administração pública são terceirizados e executados pela Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social (EMPDS). A

tutela é compartilhada pelos outros quatro espaços museológicos existentes no município: O Museu do Azeite, O Museu dos Descobrimentos, O Ecomuseu do Zézere e o Panteão dos Cabrais. O presidente da Empresa Municipal é o diretor de todos esses espaços e o Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte é responsável pela organização da programação das atividades culturais, como exposições, congressos, feiras culturais e outros.

O Museu Judaico de Belmonte está filiado no Núcleo de Apoio aos Museus da Região Centro e tem como instituições parceiras, a Rede de Judiarias de Portugal, a Rede das Aldeias Históricas de Portugal, o Pólo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela, a Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico, o Centro de Formação e Estudos Judaicos de Belmonte, a Comunidade Judaica de Belmonte, a Comunidade Israelita do Porto e a Comunidade Israelita de Lisboa.

As atividades desenvolvidas pelo Museu Judaico são facilitadas por esta rede de apoios que contribuem, de diversas formas, para a realização dos eventos, desde suporte financeiro até a cooperação técnica para a organização de exposições temporárias, colóquios e atividades culturais bem como a divulgação e atração de turistas para prestigiar estes eventos.

A tutela única dos cinco espaços museológicos existentes no município permite maior facilidade na organização de eventos culturais. A coordenação das atividades através de um calendário de atividades culturais unificado também é fator de êxito.

O apelo turístico de Belmonte não se limita às temáticas associadas ao judaísmo. O município recebe também visitantes com interesses no ecoturismo e no turismo rural, temáticas trabalhadas pelo mais antigo museu da localidade, inaugurado em 2001, o Ecomuseu do Zézere. O Museu do Azeite, inaugurado em 2005, explora a história do fabrico artesanal do azeite, como uma das atividades mais antigas desenvolvidas pela comunidade local. O Panteão dos Cabrais, inaugurado em 2007, remete o visitante através dos tempos, preservando a memória de uma das mais antigas e importantes famílias portuguesas, a família Cabral e de seu filho ilustre, o navegador Pedro Álvares Cabral. Finalmente, o Museu dos Descobrimentos, inaugurado em 2009, explora a história das grandes navegações portuguesas e a fundação das colônias, com destaque para a “descoberta” e colonização do Brasil.

6. Coleção

Segundo relatos de personagens envolvidas na concepção do projeto para criação do Museu Judaico, entre elas David Augusto Canelo, Amândio Melo e Rui Centeno, um dos principais problemas enfrentados para levar o projeto adiante consistia na inexistência de um espólio próprio. O Museu foi concebido para abrigar uma exposição de objetos que ainda não possuía. A solução encontrada foi solicitar apoio à comunidade local, o que acabou por surtir o efeito desejado. Os objetos que compõem a coleção pertencem, quase na totalidade, à família Carqueja Rodrigues, uma das mais tradicionais e antigas famílias da cidade da Guarda, da qual é membro Adriano Vasco Rodrigues, ex-governador civil do Distrito da Guarda, historiador, escritor e colecionador de arte. O espólio, composto por cerca de 150 objetos, encontra-se cedido ao museu através de um contrato de consignação renovável a cada 5 anos¹³⁵.

A coleção é composta por objetos utilizados em cerimônias religiosas, como castiçais, livros de oração, cálices e diversos outros símbolos, além de peças de vestuário, livros, quadros, gravuras, documentos, utensílios domésticos e outros objetos que foram utilizados ou estão relacionados aos habitantes judeus da Beira Interior e com significado para sua história e que são homenageadas na exposição. Dentre os objetos, destacamos o rolo do primeiro Sefer Torah (Lei Hebraica) de Belmonte; um conjunto monetário hebarico encontrado em Mértola, no ano de 1968, no decurso da demolição de um muro antigo, presumivelmente de uma habitação datada do século VI a IX depois de Cristo; uma Hanukah (candelabro de oito braços) do século XV; uma estela funerária encontrada em Mértola (réplica); uma pedra em granito com inscrição em hebraico, da antiga sinagoga de Belmonte, datada de 1297 e uma indumentária religiosa utilizada em diferentes festas judaicas (Páscoa, Purim, Tabernáculos, Luzes, etc). Uma pequena parte do espólio, aproximadamente 30 peças, na maioria utensílios de uso doméstico diário e objetos de uso pessoal, foram doados ao museu por membros da comunidade judaica local (ver fig. 25-50, anexo II). Dentre os doadores desta parte do espólio encontra-se a família Domingues, à qual

¹³⁵ O contrato de Consignação firmado entre Adriano Vasco Rodrigues, representando a família Carqueja Rodrigues e a Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social (EMPDS) encontra-se depositado no sector de Patrimônio da EMPDS em Belmonte.

pertence o atual diretor do Gabinete Judaico da Câmara Municipal de Belmonte, Levi Domingues, morador do município, membro da comunidade judaica e que contribuiu, com seus relatos, para a realização desta pesquisa.

O conjunto dos objetos que constituem a coleção, tanto aqueles que foram doados como os que estão em consignação, possuem elementos comuns de forte apelo identitário e enquadram-se nas temáticas que sustentam o discurso museológico concebido a partir da junção destes elementos. A museografia utilizada, recorrendo-se à distribuição lógica dos objetos pela sala, permite ao visitante contextualizar e correlacionar essas temáticas.

7. O museu e suas temáticas

As idéias condutoras do discurso museológico são transmitidas aos visitantes através de uma exposição permanente de objetos com forte apelo identitário e fundamentam-se basicamente em três temáticas que abordaremos de forma detalhada a seguir.

7.1. A Inquisição portuguesa e os judeus da Beira Interior

Ao iniciar o percurso de visitação, logo à entrada da sala que abriga a exposição permanente, o visitante se depara com um painel em madeira, onde estão inscritos os nomes de 210 pessoas, habitantes da Beira Interior e que foram vítimas de processos nos tribunais do Santo Ofício desde o século XVI, acusadas de judaísmo. Destes, 28 nomes são de judeus que residiam no Concelho ou eram originários de Belmonte.

O objetivo da apresentação desta temática logo na entrada do percurso expositivo é sugerir ao visitante a ligação entre a Inquisição e a existência do criptojudaísmo em Belmonte e nas demais localidades da Beira Interior.

Essa opção de apresentar aos visitantes as vítimas da Inquisição antes da exposição de objetos mostra-se bastante coerente com o discurso museológico na medida em que provoca um primeiro impacto, intencional, com o intuito de provocar reflexões e induzir conclusões.

O discurso possui embasamento no trabalho de pesquisadores que contribuíram para validar estas idéias e que possuem uma forte ligação com o Museu Judaico através do Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte. Destacamos Jorge Martins, Antonio Melo, Maria Antonieta Garcia e

Elvira de Azevedo Mea. A continuidade dessas pesquisas na atualidade fomenta debates e o auditório do museu costuma ser palco de encontro para divulgação de resultados. Isso contribui para a convergência de pessoas que, para além de visitantes do museu, são interessados em conhecer melhor as temáticas do judaísmo e do criptojudaísmo.

De entre os documentos inquisitoriais disponíveis para consulta no Arquivo da Torre do Tombo, encontram-se 73 processos relativos a moradores de Belmonte, todos presos e julgados pela Inquisição ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Ao todo, foram 34 homens e 39 mulheres, acusados genericamente de judaísmo e de práticas judaizantes, principalmente (Tabela II).

Tabela II

Gênero dos réus acusados de judaísmo e de práticas judaizantes em Belmonte (séculos XVI a XVIII)

Século	XVI	XVII	XVIII	Totais	%
Masculino	3	8	23	34	46,6
Feminino	8	7	24	39	53,4

Fonte: MARTINS, Jorge. *O judaísmo em Belmonte no tempo da Inquisição*. Guarda: Câmara Municipal, 2016, p.16.

Contrariando a idéia elitista muitas vezes difundida, de que os judeus, de maneira geral, eram pessoas de posses e de elevado grau de instrução, verifica-se que 23,5% dos homens e 76,9% das mulheres eram analfabetos (Tabela III). Dentre as profissões declaradas pelos réus há um predomínio de atividades de pouca qualificação, como sapateiros, 34 no total, e mercadores, 14 ao todo. Cabe ressaltar que, no caso dos mercadores, a atividade envolvia toda a família, inclusive tinha a participação das crianças menores que acompanhavam os pais em sua prática laboral. A exceção nestes números é a existência de 1 médico, 1 físico e um botânico, entre os judeus arguidos nos mencionados processos¹³⁶.

¹³⁶ MARTINS, Jorge. *O judaísmo em Belmonte no tempo da Inquisição*. Guarda: Câmara Municipal, 2016, pp. 16-17.

Tabela III**Número de analfabetos entre os réus de Belmonte (séculos XVI a XVIII)**

Século	XVI	XVII	XVIII	Totais	%
Homens	1	2	5	8	23,5
Mulheres	6	5	19	30	76,9

Fonte: MARTINS, Jorge. *O judaísmo em Belmonte no tempo da Inquisição*. Guarda: Câmara Municipal, 2016, p. 17.

Pesquisas realizadas pelos investigadores que já citamos e por outros, com interesses na temática da Inquisição, através de detalhados estudos de caso, têm promovido uma maior compreensão de como viviam os judeus beirões na Idade Moderna. Os estudos feitos têm permitido estabelecer um cenário em que, embora pese a falta de algumas peças, já é possível afirmar que a presença de judeus na região da Beira Interior, nomeadamente em Belmonte, foi fortemente afetada pela ação do tribunal do Santo Ofício, obrigando os judeus a estabelecerem estratégias de sobrevivência sem, no entanto, abrirem mão de sua identidade cultural, mesmo que de forma oculta, ou seja, publicamente declaravam-se cristãos-novos, mas na intimidade de seus lares mantinham práticas da cultura e da religião judaicas¹³⁷.

A importância de comprovar a existência de judeus ocultos (criptojudeus) na região está na base de todo o discurso que justifica a existência do museu judaico em Belmonte.

7.2. A resistência e o criptojudáismo

Esta é, sem dúvida, a temática principal do discurso museológico do Museu Judaico de Belmonte e articula-se, prolongando-a com o tema da Inquisição. O criptojudáismo, como fator de resistência, encontra-se, como já afirmamos, na base do discurso de carácter identitário que permeia os eventos promovidos pelo Gabinete de Cultura da Câmara Municipal e constitui o cerne das discussões em torno do papel desempenhado pelo Museu na preservação da memória e da identidade da comunidade judaica local.

¹³⁷ Ver também. MEA, Elvira Cunha de Azevedo. *O sefardismo na cultura portuguesa*. Porto: Paisagem, 1974, pp. 29-57; MARTINS, Jorge, *A questão judaica em Portugal: bibliografia essencial comentada*, In: Revista Clio, separata. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, pp. 29-37.

Segundo Canelo¹³⁸, a historiografia portuguesa, nos últimos cinquenta anos, debate-se com um problema importante. Trata-se da existência ou não de uma sociedade criptojudáica que, a partir da conversão forçada, ordenada por D. Manuel II, se teria constituído em Portugal.

À luz da historiografia tradicional o problema do marranismo parece não deixar espaço para dúvidas. Há autores que procuram defender a legalidade do Tribunal do Santo Ofício baseando-se na existência do criptojudaísmo dos cristãos-novos¹³⁹; outros defendem a ilegitimidade moral da conversão forçada e a desumanidade das perseguições inquisitoriais, mas também afirmam que a maioria dos cristãos-novos praticava a religião judaica¹⁴⁰.

A Inquisição não é alvo desta pesquisa e não pretendo aprofundar o tema, mas apenas situá-lo no contexto do discurso museológico do Museu Judaico. Para isso faço referência a pesquisadores que pertencem a diferentes correntes historiográficas e reconheço a necessidade de situar corretamente suas publicações no tempo e no espaço. O que estes possuem em comum é o ponto de partida para suas pesquisas: a Inquisição e suas consequências sobre os judeus.

O Museu Judaico de Belmonte, coerente com sua missão institucional, costuma abrir espaço para debates quando se trata de discutir academicamente a Inquisição e os seus reflexos na comunidade judaica. Em abril de 2016, realizou-se, em Belmonte, um colóquio internacional com o tema: Inquisição, Criptojudaísmo e Marranismo. O encontro ocorrido no auditório do museu contou com a presença, dentre outros, de Herman Prins Salomon, que possui uma vasta publicação sobre Inquisição e Cristãos-Novos e que, na ocasião, ressaltou a contribuição para a historiografia das divergências de opiniões entre Saraiva e Révah¹⁴¹. Participaram também dos debates os pesquisadores Jorge Martins e Elvira de Azevedo Mea, já citados anteriormente e que têm na temática da

¹³⁸ CANELO, David Augusto. *Belmonte, judaísmo e criptojudaísmo*. 2ª edição. Belmonte: Câmara Municipal, 2008, pp. 33-44.

¹³⁹ Ver, entre outros: AZEVEDO, João Lúcio de. *História dos cristãos-novos portugueses*. Lisboa: Typografia Gouveia, 1921, pp. 12-42; ORTIZ, António Dominguez, *La classe de los conversos en Castilla en la edade moderna*. Barcelona: Barines, 1954, pp. 36-51.

¹⁴⁰ Ver, entre outros: KAYSERLING, Meyer. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971, pp. 27-45.

¹⁴¹ A polémica acerca das divergências entre Révah e Saraiva pode ser lida em: SARAIVA, António José. *Inquisição e cristãos-novos*. 5ª edição, separata. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

inquisição e do criptojudáismo a linha condutora de suas pesquisas tendo ambos publicações importantes, com discussões atualizadas sobre o assunto, as quais utilizamos como fonte em nosso trabalho¹⁴².

A partir da análise da obra dos autores já citados é factível afirmar que o criptojudáismo existiu em Portugal e é resultante da conversão forçada dos judeus portugueses. Contrariamente ao que se passou em Espanha, os judeus existentes ao tempo de D. Manuel II não foram expulsos, pois foram convertidos ao cristianismo pela força. Essas conversões levaram ao aparecimento de cristãos-novos, que a Igreja se esforçou por converter às regras da religião dominante. É razoável acreditar que uma parte desses cristãos-novos aceitou a fé católica. Mas, para muitos outros, a nova fé não os motivou, pelo contrário, levou-os a uma vida religiosa secreta, surgindo assim o criptojudáismo. Talvez se não fosse o tribunal inquisitorial a assimilação tivesse sido possível. Mas não quis a Inquisição que essa integração se viesse a realizar. E muitos dos conversos viram-se na obrigação de continuarem judeus, pela triagem feita em Portugal com a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos. Naturalmente que o criptojudáismo se afastou, com o decorrer do tempo, do judaísmo normativo, mas isso deve-se sobretudo à sua situação de culto secreto.

7.3. A obra de resgate

Esta é outra das temáticas que funciona como idéia condutora do discurso museológico no Museu Judaico de Belmonte.

Mas o que é exatamente o resgate? Este é de interesse da comunidade local? Já aconteceu? Quem são os seus principais responsáveis?

Para responder a essas e outras perguntas é necessário inicialmente assimilar a realidade do criptojudáismo, já mencionado, bem como as condições em que viviam os judeus em Portugal, especialmente na região da Beira Interior, durante os séculos da Inquisição. O que diferenciava os criptojudeus do

¹⁴² Ver, entre outros: TAVARES, Maria José Ferro. *A herança judaica em Portugal*. Lisboa: CTT, 2004, pp. 67-84; GARCIA, Maria Antonieta. *Os Judeus de Belmonte, os caminhos da memória*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 19-35; MARTINS, Jorge. *O judaísmo em Belmonte no tempo da Inquisição*. Guarda: Câmara Municipal, 2016, pp. 15-28.

judaísmo ortodoxo, era, basicamente, a sua liturgia, seus cânticos e suas orações. A proibição de praticar a sua religião livremente, agravada pela falta da orientação de um rabi provocou um afastamento e uma despadronização das práticas tradicionais. A obra de resgate consiste, portanto, em trazer de volta, resgatar para as práticas litúrgicas do judaísmo normativo aqueles judeus que, face a seu isolamento, afastaram-se dessas práticas¹⁴³.

As peculiaridades das tradições mantidas na comunidade judaica de Belmonte mostram que, ao longo do tempo, ocorreu um distanciamento relativamente aos ritos e às tradições do judaísmo tradicional. O isolamento geográfico a que ficaram submetidos e o desconhecimento do hebraico, a língua dos antepassados, levou-os a criar suas próprias orações, rituais e formas de adoração. A presença de Samuel Schwarz na vila e a publicação de seu estudo “Os cristãos novos em Portugal no século XX”, acabou por contribuir significativamente para o início da desocultação religiosa, “(...) permitindo conhecer, pela primeira vez, o *modus vivendi* desta comunidade criptojudáica cuja sobrevivência se ficou a dever a estratégias como a ocultação religiosa e a prática da endogamia como garantia da sua continuidade(...)”¹⁴⁴.

Ao longo do século XX foram feitas tentativas de reintegrar a comunidade criptojudáica de Belmonte no judaísmo ortodoxo. Na década de 20 do século passado, o capitão do exército português Artur Carlos de Barros Basto, de origem criptojudáica, desencadeou, a partir da cidade do Porto, uma movimentação que procurava trazer para o judaísmo oficial os marranos que então viviam em diversas povoações de Trás-os-Montes e da Beira Interior. Barros Basto conseguiu apoios logísticos e financeiros de meios judaicos estrangeiros para levar a cabo a idéia da restauração do judaísmo português e a construção da sinagoga Kadoorie Makor H’aim, no Porto, a catedral judaica do norte de Portugal, que pretendia simbolizar esse renascimento judaico dos marranos portugueses que ainda conservavam em segredo algumas práticas religiosas de origem judaica.

No entanto, esse movimento provocou, já dentro do Estado Novo, algumas reações adversas por parte de meios ligados a idéias nacionalistas, fascistas e

¹⁴³ Ver, entre outros: GARCIA, Maria Antonieta. *Festividades da Páscoa Beirã*. Coimbra: Alma Azul, 2003.

¹⁴⁴ NOGUEIRA, Cristina, *op. cit.*, p. 127.

anti-semitas que resultaram no seu abafamento organizativo e à perseguição movida ao seu principal impulsionador, inclusive, levariam mesmo o próprio Barros Basto a ser expulso do exército português, em 1937, sob a acusação de não ter integridade moral para continuar a exercer sua atividade profissional, até então reconhecida como exemplar. Acusado de práticas de homossexualidade, com estudantes da escola israelita que dirigia, o “Apóstolo dos Marranos” caiu em desgraça¹⁴⁵.

Para além disso, as intrigas internas dentro da comunidade israelita do Porto, o fraco apoio que lhe foi prestado ou que lhe puderam prestar os judeus de Lisboa, mas principalmente - e este é o ponto chave - o condicionalismo da essência daquilo que caracteriza verdadeiramente a religião marrana e a condição marramática portuguesa, foram fatores determinantes para uma “obra do resgate” sem sucesso digno de registro marcante, tendo em consideração os propósitos iniciais que animaram entusiasticamente o capitão e moveram o interesse e a curiosidade de várias organizações judaicas estrangeiras.

O *Resgate dos Marranos*, iniciado com o impulso de personalidades como Samuel Schwarz e Artur Barros Basto, foi retomado em novas bases em período mais recente e tem-se desenvolvido progressivamente sendo marcado pelos principais fatos: a constituição legal da comunidade judaica de Belmonte (1988); a presença de rabi nas principais cerimônias; a inauguração da Sinagoga Bet Eliahu (1996); a abertura de um cemitério judaico (2001); a inauguração do Museu Judaico de Belmonte (2005) e o lançamento e comercialização do vinho Kasher – Terras de Belmonte – pela Adega Cooperativa da Covilhã (2006)¹⁴⁶.

Os conflitos surgidos a partir da tentativa de resgate¹⁴⁷ e as consequências para o Capitão Barros Basto e seus seguidores oferecem-nos a dimensão do problema e ainda hoje alimenta debates acalorados em torno da temática.

¹⁴⁵ CANELO, David Augusto. *Belmonte, judaísmo e criptojudáismo* 2ª Edição. Belmonte: Câmara Municipal, 2008, pp. 111-112.

¹⁴⁶ Ver mais in: NOGUEIRA, Cristina, *op. cit.*, p. 128.

¹⁴⁷ A utilização da expressão *Resgate dos Marranos* foi cunhada por David Augusto Canelo, na obra de mesmo nome já citada.

7.4. Personalidades ligadas à obra de resgate

7.4.1. Samuel Schwarz

Nasceu em Zgierz, na Polônia, em 12 de janeiro de 1880. Era o primogênito dos oito filhos que tiveram Isucher Schwarz e Sara Glucksmann, família judaica de cultura talmúdica. Seu pai era um erudito hebraísta que tomou parte como delegado no I Congresso Sionista, convocado por Theodor Herzl e realizado em Basileia, Suíça, em agosto de 1897. Por ser o filho mais velho, Samuel chegou a estar indicado para mestre rabi, mas, por razões que seu pai guardou para si, achou preferível dar-lhe uma educação laica politécnica. Foi assim que, concluídos os estudos secundários na Polônia, com 18 anos, deixou a casa dos pais e foi para Paris, onde formou-se engenheiro na *École Nationale Supérieure des Mines*¹⁴⁸.

Em 1904 o recém formado engenheiro de minas se deslocou em viagem de estudo e prospecção de jazidas de petróleo a Baku, na Rússia, onde conhece sua futura esposa Ágata Barbash, filha de um banqueiro de Odessa. Durou três anos essa digressão, que incluiu igualmente deslocamentos às minas de carvão de Sosnowice, na Polônia. É ainda neste período que se desloca à África para observar os filões auríferos em Daomé, na Costa do Marfim. Em 1907 é já um experiente engenheiro que a empresa Arnoya Mining Company contrata para proceder o estudo das reservas em estanho da mina de Conso, em Orense, Espanha. Ali ficou dois anos que ficaram assinalados, para além da prospecção mineira, pelo contributo que deu à cultura local, de tal modo reconhecido, que foi convidado para sócio-correspondente da Real Academia Galega, onde passa a publicar artigos sobre marranismo. Seguiu-se outro contrato, em 1911, desta vez com a Monte-Rosa Gold Mining Co., para a exploração de uma mina de ouro em Aldagna-Sésia, na Itália. Foi uma curta estadia de um ano, pois em 1912 regressou a Orense, onde prosseguiu o seu trabalho como engenheiro e como erudito da cultura hebraica. Em abril de 1914, casa-se em Odessa e, em novembro do mesmo ano, aproveitando o período da lua de mel passada na região da Galiza, Samuel Schwarz veio a Portugal pela primeira vez. Veio auscultar as potencialidades mineiras do país que contavam já os romanos ser

¹⁴⁸ MELO, António. Samuel Schwarz, "O cosmopolita que quis ser português". In: *Revista da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos* n.7. Lisboa: SIG, 2004, pp.7-21.

rico em ouro e estanho. A primeira paragem foi em Vilar Formoso, que diziam abundante em volfrâmio, um mineral sempre procurado em período de guerras. Desceu até Belmonte, onde constava haver exploração de estanho e decidiu aí assentar arraiais. Veio e ficou. Comprou uma propriedade no Colmeal e deu início à prospecção que o levaria, para além do minério, a encontrar o tesouro que considerava mais precioso: os seus irmãos de tradição, perdidos e escondidos nas dobras fundas da negra história da Inquisição¹⁴⁹.

Em Lisboa, entretanto, já tinha estabelecido estreitas ligações com a comunidade israelita, majoritariamente sefardita, vinda recentemente e em pequeno grupo de Marrocos. Costumava frequentar a sinagoga da rua Alexandre Herculano, inaugurada alguns anos antes. Por essa altura já dominava o português, com a mesma facilidade com que falava o francês, o espanhol, o inglês, o italiano, o russo e, claro, as suas três línguas maternas: o hebraico, o polaco e o ídiche.

Em 1915, a 14 de fevereiro, nasce, em Lisboa, aquela que seria sua única filha, Clara, estabelecendo um vínculo definitivo da família Schwarz com Portugal. Mas é na Beira Interior que esperavam-no motivos de interesse que iriam marcar para sempre a sua vida¹⁵⁰. Em 1917 é contratado pela mineradora *The Portuguese American Tin Company* para dirigir a exploração do couro mineiro na Gaia, considerado um dos mais ricos jazigos de cassiterite da Europa. Em Belmonte, na Covilhã, no Fundão, entre outras localidades, descobre que havia famílias judias que preservavam práticas judaicas. É em Belmonte que, logo ao chegar, ouve falar em judeus, mas “só depois de meses e de continuados esforços contando com a intermediação de judeus que conheci em Lisboa, é que conseguimos ser admitidos em seu grêmio e tomar parte nas suas orações e cerimônias judaicas”¹⁵¹. O engenheiro percebe, então, as alterações, deturpações, adições que a memória e a transmissão oral tinham produzido. Surpreende-se com vozes várias que impediram o silêncio e reconstituíram, em comum, práticas e rituais. Samuel Schwarz passa a publicar, então, textos em jornais regionais sobre a história dos judeus. Em 1925, publica aquela que seria

¹⁴⁹ MELO, António, *op. cit.*, p. 14.

¹⁵⁰ GARCIA, Maria Antonieta. *O renascimento do judaísmo na Beira* In: Revista da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos n.7..Lisboa: SIG, 2004, pp. 44-49.

¹⁵¹ SCHWARZ, Samuel. *Os cristãos Novos em Portugal no século XX*. Lisboa: Empresa Portuguesa de Livros, 1925.

sua obra mais conhecida: *Os Cristãos novos em Portugal no século XX*. É essa obra que desoculta, para o mundo, a existência dos criptojudeus beirões.

Alertada a comunidade israelita de Lisboa, lança a idéia de fundar, na cidade, uma escola onde os filhos dos judeus pudessem ser instruídos na lei mosaica ortodoxa. Uma angariação de fundos para esse fim trouxe a Portugal Lucien Wolf. Historiador e diplomata, Wolf apresenta à Aliance Israélite e ao Council of the Anglo-Jewish Association as suas conclusões, onde ressalta o trabalho de Schwarz e acrescenta a necessidade de encontrar uma forma de remediar o esquecimento de preceitos doutrinários. Wolf em seu relatório difere de Schwarz em dois pontos: propõe que a formação doutrinária se faça no Porto, onde Barros Basto, um oficial português que se havia distinguido na I Grande Guerra, também ele descendente de marranos, liderava um movimento de integração de cristãos novos e defende que a escola se destinasse à instrução de adultos, por entender ser este um meio mais eficaz para difundir o judaísmo. “Não presumia, o diplomata, a mudança que o país e o mundo iriam sofrer e que iriam refletir-se, também, no seio do judaísmo português”¹⁵².

Samuel Schwarz teve uma participação ativa no processo de resgatar as tradições judaicas, mas diferenciava-se de outros integrantes da “obra de resgate” num ponto fundamental: não era um fundamentalista na observância religiosa, embora respeitasse a lei de Moisés na sua vida pública e privada. Seu interesse maior era preservar a cultura judaica e defender a manutenção dos ritos e tradições que identificavam os judeus como nação. Tomou parte em diversas associações e órgãos de classe, com destaque para o papel desempenhado à frente da Câmara de Comércio Luso-Polaca, da qual foi presidente desde a sua fundação, em 1930, até o ano de 1939.

Adquiriu com recursos próprios o prédio da antiga sinagoga de Tomar e, após um longo processo de requalificação, fez a doação do prédio ao Estado português, em 1939, para que ali fosse instalado um museu. Faleceu em Lisboa, em 10 de junho de 1953.

¹⁵² CANELO, David Augusto, *Cronologia da obra de resgate*. Belmonte: Câmara Municipal, 1997, p. 112.

7.4.2. Artur Carlos de Barros Basto

Nasceu em Amarante, distrito do Porto, em 18 de dezembro de 1887. Filho de pai criptojudeu e de mãe cristã, foi educado pela mãe, com quem ficou após a separação dos pais. No entanto, é o convívio com o avô paterno, Francisco Carlos de Barros Bastos, também criptojudeu, em cuja casa costumava passar as férias, que o vai influenciar mais tarde no seu destino religioso.

Em 1906 parte para Lisboa a fim de frequentar o curso da Arma de Infantaria da Escola Politécnica e aí começa a sua carreira militar. Em 1908 adere ao movimento republicano, “tendo sido ele quem hasteou a bandeira na cidade do Porto, no famoso 5 de outubro de 1910”¹⁵³.

Depois de estabelecida a I República, Barros Basto, como muitos de sua época, inclina-se para atividades espirituais inspiradas na teosofia da russa Helena Blavatzky (1831-1891) e do alemão Rudolf Steiner (1861-1925) e funda o Instituto Oryamita do Porto, em 1912. O Instituto passa a editar um periódico intitulado *Luz do Ocidente*, onde Barros Basto assina alguns textos em que faz propaganda das idéias teosófico- antroposóficas, com o nome de Abraão Ben-Rosh.

Em 1916 é promovido ao posto de tenente e é destacado para combater na costa africana, em Marrocos, e depois na Flandres, no âmbito da 1ª Guerra Mundial. Em 1918 é promovido ao posto de Capitão e, no ano seguinte, com o fim da Guerra, regressa a Portugal, com várias condecorações por atos de bravura. A sua permanência no norte da Europa levou-o a uma maior adesão ao judaísmo pois aí conseguiu alguma proximidade com pessoas e instituições relacionadas a essa religião. Em 1920, após a morte da mãe, decide ser circuncidado. Dirige-se a Tânger, em Marrocos, onde depois de algumas dificuldades consegue ser admitido no seio do judaísmo oficial.

Em 1921 casou-se em Lisboa, com Lea Montero Anzancot, integrante da comunidade judaica dessa cidade. Abandonou a doutrina Oryamita e passou a dedicar-se ao resgate dos criptojudeus portugueses ao judaísmo oficial. Em 1922, a vida militar levou-o novamente ao Porto, onde fundou, em junho de 1923, a Comunidade Israelita do Porto, em conjunto com outros judeus que viviam na

¹⁵³ MEA, Elvira de Azevedo. *Ben –Rosh, uma biografia do Capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*. Lisboa: Afrontamento, 1997, p. 34.

cidade, emigrados do leste europeu. A comunidade tinha a finalidade de incentivar a prática do judaísmo, a cultura e a assistência aos judeus.

Em fevereiro de 1925 participa da fundação da Escola Elementar Israelita, na cidade do Porto. Em janeiro de 1926, quando da visita de Lucien Wolf a Portugal, conhece Samuel Schwarz e, em companhia deste, passa a visitar com frequência as localidades da Beira Interior para divulgar os objetivos de sua missão. Em julho de 1927 é inaugurada a sinagoga judaica do Porto, da qual foi um dos fundadores. Em 1929 é criado o Instituto Teológico Israelita do Porto, onde Barros Basto passa a lecionar.

Entre 1926 e 1934 participou ativamente das atividades relacionadas à “obra de resgate” tornando-se conhecido internacionalmente pelo trabalho realizado na tentativa de trazer de volta os criptojudeus para o judaísmo ortodoxo. Com a implantação do regime do Estado Novo, a oposição política e a repressão à causa judaica torna-se acirrada e divide opiniões. A partir de 1935, é vítima de uma campanha difamatória e seu nome cai em desgraça com denúncias sobre a prática de “actos imorais” com alunos do Instituto Teológico Israelita. Em 1937, como consequência de processo disciplinar, é expulso do exército português. Passou o resto da vida dedicando-se ao trabalho de difusão dos ideais judaicos e defendendo a reabilitação de seu nome. Faleceu no Porto, em 8 de março de 1961¹⁵⁴.

7.5. Principais festas do calendário litúrgico judaico

Os objectos utilizados nas celebrações domésticas e nos rituais no interior da sinagoga estão em destaque na exposição permanente. As legendas, colocadas ao pé dos objectos, fazem menção à sua utilização nas festas constantes do calendário litúrgico judaico. Entendemos que isso justifica a necessidade de uma melhor compreensão do significado dessas festas e quais os objectos que lhe estão relacionados. As principais festas judaicas estão associadas aos ciclos da natureza. As comemorações ligadas às primícias, às

¹⁵⁴ Ver mais em: MEA, Elvira de Azevedo, op. cit., pp. 265-317; CANELO, David Augusto. *Cronologia da obra de resgate*. Belmonte: Câmara Municipal, 1997, pp. 13-17.

colheitas, transformaram-se em datas de aniversário de acontecimentos da História de Israel¹⁵⁵.

O Museu Judaico de Belmonte costuma realizar eventos, no espaço junto ao Pelourinho, associados à realização de duas dessas festas: A Festa da Luzes (Hanukah) e a Festa das Cabanas (Sukkot).

As festas às quais fazem referência os objetos integrantes da exposição permanente são as seguintes:

7.5.1. Rosh Hashanah (Festa do ano novo)

É o nome hebraico do ano novo. Representa um dos dois dias santos mais sagrados da fé judaica e dá início aos dez dias de penitência quando a humanidade se submete a julgamento perante o trono celestial. Durante esse período, segundo afirma a tradição, Deus perscruta os corações dos homens e examina os motivos de seus actos. É também o período em que os judeus se julgam a si mesmos, comparando o seu procedimento durante o ano findo com as resoluções tomadas e as esperanças que tinham acalentado.

A exemplo de quase todos os demais dias santos do judaísmo, as observâncias do Rosh-Hashanah associam solenidade e festividade. O ano novo é uma época para reunião da família, quando tanto os jovens quanto os anciãos voltam ao lar. O esplendor de seu ritual cria laços emocionais com o judaísmo, inclusive nas crianças, pequenas demais para compreenderem e apreciarem plenamente a ética da fé. Nos anos seguintes, a mente reforça esses laços do espírito e do coração.

O símbolo mais relevante das práticas do Rosh-hashanah é o Shofar, ou chifre de carneiro, que se faz soar durante o culto do ano novo e em cada um dos dez dias de penitência. Em tempos idos, o “shofar” era um instrumento de comunicação. Nas colinas da Judeia era possível alcançar todo o país em poucos momentos por meio de apelos do shofar, correndo do cume de um monte para outro. Nos ofícios do Rosh-Hashanah o som emitido pelo shofar é o chamado para a adoração. Conclama aos fiéis para se arrependem de suas faltas no ano decorrido; a voltarem a Deus com o espírito contrito e humilde e a

¹⁵⁵ GARCIA, Maria Antonieta. “Diálogo entre diferenças”, In: *Guarda, história e cultura judaica, museu*. Guarda: Câmara Municipal, 1999, p. 37.

distinguirem entre o trivial e o importante na vida, de modo que os doze meses seguintes passam a ser mais ricos de serviços a Deus e aos homens¹⁵⁶.

7.5.2. Yom Kippur (dia da expiação, do perdão)

É o dia da expiação, o último dos dez dias de penitência e, tal como Rosh-Hashanah, um dos dois dias grandes dias santificados. É marcado por vinte e quatro horas de orações e jejum. Quando o sol principia a morrer na véspera da expiação, a família reúne-se para uma refeição festiva. Acendem-se velas, todos pedem perdão uns aos outros pelos agravos cometidos: os pais aos filhos, os filhos aos pais, o marido à mulher e esta ao marido, pois deve-se ingressar no dia sagrado de alma limpa.

O branco, cor da pureza, é a cor dominante do Yom-Kippur. Os panos do altar e a cobertura da Torá na sinagoga, castanhos aos sábados e azuis nos dias de festa, são substituídos por brancos. O rabi e o “cantor” trajam vestes brancas e, em algumas congregações conservadoras, todos os homens usam solidéus brancos.

O cântico do kol Nidre, dirigido pelo “cantor”, é o prelúdio ao Dia da Expiação e recita-se imediatamente antes do pôr-do-sol. É uma prece pela absolvição, pedindo a Deus que livre os fiéis dos votos feitos, mas não cumpridos. Trata-se unicamente das promessas do homem a Deus e não das do homem a seu semelhante. Nem todas as preces do Yom Kippur podem absolver um homem dos pecados contra o seu próximo, só este, inclinado ao perdão, é capaz de fazê-lo. O estribilho constante do dia é a oração: “Pai pecamos diante de ti” e o oficiante desfia o tradicional catálogo de pecados, negligências e transgressões, que cobrem a vasta gama das faltas humanas.

A confissão do Yom Kippur é recitada, deliberadamente, na primeira pessoa do plural e não no singular, nós em vez de eu. Há, naturalmente, pecados individuais, mas também existe a aceitação da responsabilidade coletiva pelas deficiências da humanidade. Cada um compartilha do peso da culpa dos outros. Mas, por mais solene que possa ser o dia, no Yom Kippur ainda há um elemento de alegria, proveniente da idéia do perdão. O judeu acredita que Deus está perto

¹⁵⁶ OLIVEIRA, Jorge Antunes. *As festas judaicas no antigo testamento*. Porto Alegre: Pampa, 2012, p. 7.

dos aflitos e que, segundo as palavras do ritual, “tu não desejas a morte do mau e sim que ele saia de seu pecado e viva”. Por conseguinte, o judeu piedoso confia implicitamente na sua misericórdia e perdão¹⁵⁷.

7.5.3. Sukkot (Festa das cabanas)

É a festa dos tabernáculos, que se inicia cinco dias após o Dia da Expição e continua por oito dias. É um festejo de colheitas para dar graças a Deus, que reenvia à antiga Palestina, após as colheitas e à aproximação da estação chuvosa. A festa constitui um acontecimento de grande alegria, especialmente para as crianças, a quem se destina, sendo repleta de símbolos ricos e coloridos. Ergue-se uma tenda ou cabana (*suká*) perto da casa. Em geral é uma estrutura improvisada, de tábuas de madeira, com teto de folhas e ramos. O teto não deve ser compacto, pois os que se encontram dentro da *suká* devem poder ver o céu o tempo todo.

A construção de uma tenda é prescrita na Bíblia como eterna lembrança das habitações precárias utilizadas pelos israelitas nos seus quarenta anos de peregrinação através do deserto. O interior da *suká* é alegremente decorado com frutas da estação outonal e mobiliado com mesa e cadeiras. Durante a semana de *sukkot* a refeição familiar é servida na *suká*.

Dois outros símbolos marcam a festa: a cidra e o lulav, um ramo de palmeira amarrado com mirto e salgueiros. Cada planta tem o seu significado simbólico. Tal como a *suká* recordam, essencialmente, a relação com a terra e as obrigações para com aquele que faz a terra frutificar e entregar as suas dádivas¹⁵⁸.

7.5.4. Shemin Atzeret

Após ter deixado para trás os dias de penitência do mês de Tishrei e os de júbilo da festa de *Sukkot*, esta temporada festiva despede-se com a celebração de *Shemin Atzeret* e *Simchat Torá*. Em Israel, estas duas festas celebram-se juntas, num só dia. Na diáspora, celebram-se em dois dias. Na Torá é identificada como a festa do 8º dia (Nm. 39:35).

¹⁵⁷ OLIVEIRA, Jorge Antunes, *op. cit.*, p. 8

¹⁵⁸ OLIVEIRA, Jorge Antunes, *op. cit.*, p. 9.

Embora se festejem juntas existem diferenças entre si. A *shemin atzeret* é um prolongamento da festa das cabanas (*sukkot*) e significa a vontade do judeu em permanecer celebrando a Deus. Enquanto a *sukkot* se celebra fora de casa, a *shemin atzeret* é festejada em casa. Um aspecto particular desta festa é a oração pela chuva. Na época em que se realiza, o mundo é apreciado em função da água. Nas orações introduz-se a frase que é recitada até a Pessah “o que faz com que o vento sopra e a chuva caia”, dando expressão à natural ansiedade que é sentida, em Israel, durante a estação das chuvas, já que a sua ausência significa fome, sede e enfermidades. Esta oração é feita no último dia da festa, para não invocar chuva antes do tempo certo, o que atrapalharia a realização da festa quando se necessita de bom tempo para se habitar a *suká*¹⁵⁹.

7.5.5. Simhat Torá (Alegria da Lei)

Celebra-se este festejo ao findar a *sukkot* e é dedicado à glorificação da Torá. Nesse dia completa-se o ciclo anual das leituras semanais dos cinco livros de Moisés e a sinagoga principia, de novo, a leitura da Torá. Durante a festa, os fiéis lêem os últimos capítulos do livro do Deuteronômio e, imediatamente depois, o primeiro capítulo do Gênesis, simbolizando com isso a eterna continuidade do Judaísmo. A Torá, sempre eterna, não tem pois início, nem fim.

A respeito da solenidade deste simbolismo, a festa de Simhat Torá tornou-se o dia mais alegre do ano. É época de banquetes e, entre os Hassidim, ocasião de danças exuberantes¹⁶⁰.

7.5.6. Hanukah (festa das luzes)

É celebrada em dezembro, por um período de oito dias e comemora a vitória de Israel na primeira batalha pela liberdade religiosa de que há memória. A sua história é a dos Macabeus que, em 168 a.C., comandaram um pequeno e inspirado exército de judeus contra o poder esmagador dos seus opressores sírios, numa luta de morte pelo direito de adorar a Deus de acordo com os seus ritos tradicionais. É uma história de bravura que encheu de justificável orgulho muitas gerações de judeus. Todavia, a tradição judaica hesitou em transformar um triunfo militar numa celebração religiosa, pois embora a Bíblia considerasse

¹⁵⁹ OLIVEIRA, Jorge Antunes, *op. cit.*, pp. 9-10.

¹⁶⁰ *Idem*, p. 10.

justas algumas guerras, não permitia associar ao culto o derramamento de sangue humano. Ao rei David, um dos maiores heróis do judaísmo, não foi permitido construir o Templo, porque a sua vida fora dedicada aos feitos guerreiros.

O simbolismo desta festa está pejado de referências militares. As velas são acesas durante oito noites consecutivas pelos pais (algumas famílias permitem às crianças também o façam) numa Menorá especialmente concebida para a festa das luzes. Na primeira noite acende-se uma vela, duas na segunda e assim por diante até que todas as oito se acendam. Uma vela adicional, denominada shamash, é acesa ao mesmo tempo, a fim de ser usada como pavio para acender as outras. Em tempos idos sugeriu-se que a ordem fosse invertida: oito velas acesas na primeira noite, sete na segunda, etc.

A vela adicional também foi dotada de um significado especial. A chama simbolicamente “entrega-se” para criar uma chama adicional sem nada perder do seu próprio fulgor. Assim o homem dá amor aos semelhantes sem nada perder de si¹⁶¹.

7.5.7. Tu B'Shevat

O décimo quinto dia de Shevat (janeiro-fevereiro), citado nas fontes rabínicas como o ano novo para o dízimo e a data de referência quanto ao ano sabático para as frutas das árvores, quase não tem expressão ritual. A festa adquiriu na atualidade conotação secular, sendo um dia em que são plantadas árvores, sobretudo pelos alunos das escolas, contribuindo assim ao intenso reflorestamento de Israel supervisionado pelo Keren Kayemet LeIsrael (Fundo Nacional Judaico) e pelas autoridades locais. Durante o mês de shevat, inicia-se a floração das árvores frutíferas, a primeira das quais é a amendoeira, embora o inverno ainda não tenha terminado¹⁶².

7.5.8. Purim

É a festa carnavalesca da vida judaica, um dia despreocupado, de regozijo pelos acontecimentos registrados no livro de Ester¹⁶³. Em fevereiro ou março de

¹⁶¹ OLIVEIRA, Jorge Antunes, *op. cit.*, pp. 10-11.

¹⁶² *Idem*, p. 11.

¹⁶³ O Livro de Estér é um dos livros históricos do Antigo Testamento e conta como Ester, uma jovem judia que estava entre os deportados para a Babilônia, tornou-se imperatriz da Pérsia ao

cada ano, a Purim evoca a trama de Haman para destruir os judeus da Pérsia e a bravura da rainha Ester, assim como a sabedoria de Mordecai que, juntos, salvaram da morte o seu povo.

É um período para festas a fantasia, costume tomado de empréstimo aos cristãos que celebram seus folguedos de Momo pouco mais ou menos na mesma época. A idéia do carnaval, propriamente, não é cristã nem judia, mas remonta a primitivas celebrações da primavera.

A comemoração do Purim tem sido uma espécie de válvula de escape para os que sofrem sob o jugo da perseguição. Reúnem-se na sinagoga na véspera do Purim e ouvem as dramáticas ocorrências narradas na meguilá (rolo) de Ester. Sempre que se menciona o nome de Haman, as crianças fazem barulho com instrumentos ruidosos para expressar seu repúdio ao vilão. Após a leitura, servem-se doces, trocam-se presentes e fazem-se ofertas aos pobres¹⁶⁴.

7.5.9. Pessah (Páscoa)

Páscoa ou Pessah, de acordo com a designação em hebraico, é a principal festa doméstica da vida judaica. É a festa da liberdade, comemorativa da libertação de Israel relativamente à servidão egípcia.

Os rituais da Páscoa são, em grande parte, cerimônias do lar. Na véspera da comemoração, a casa é examinada, dos alicerces até ao sótão, em busca de algum sinal de pão levedado ou de qualquer alimento que contenha fermento e, caso sejam encontrados, são eliminados. Durante essa semana, matzot (pão ázimo), panquecas e pudins, confeccionados com ingredientes não levedados, substituem no cardápio todas as formas de pão.

A cerimônia consiste, essencialmente, em contar a história do Êxodo, utilizando vários símbolos para ilustrar e dramatizar. A criança mais nova sentada à mesa faz quatro perguntas ao pai. A história que o pai relata, lendo um livro, chamado Hagadá, é a narrativa familiar da escravidão no Egito, a

casar-se com o rei Assuero (Xerxes I); como seu primo e tutor Mordecai (Mordoqueu) descobriu um complô contra a vida do rei; como o grão-vizir Hanan (Amã) procurou liquidar os judeus; como ester interveio, arriscando a própria vida; como os judeus foram salvos e Haman enforcado. Cfe ECHEGARY, Juan González. *A Bíblia judaica e seu contexto*. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 113-116.

¹⁶⁴ OLIVEIRA, Jorge Antunes, *op. cit.*, p. 12.

obstinada recusa do faraó em deixar os israelitas partirem, a corajosa chefia de Moisés e o milagre da redenção.

Cada um dos diversos componentes da refeição contém uma mensagem simbólica: o ovo cozido é o símbolo da existência, a otimista afirmação de Israel da santidade da vida¹⁶⁵. É mergulhado em água salgada de forma a se manifestar solidariedade com o destino amargo dos antepassados. A mistura de nozes e maçãs recorda à família a argamassa usada pelos hebreus escravos na construção de cidades para os cruéis Faraós. Impõe, ainda, a tradição que haja hóspedes na mesa familiar. Além dos amigos, um estudante que esteja longe do lar, um soldado ou um viajante afastado dos seus, serão elementos bem-vindos.

Comemora-se a festa com um ofício especial na sinagoga: da Torá, lê-se uma vez mais a narrativa do êxodo e entoam-se o Halel, salmos de louvor. Compreende-se que ao moderno Estado de Israel, a festa de Pessah seja especialmente cara. Centenas de milhares dos seus cidadãos reviveram a escravidão egípcia em campos de concentração e em asilos de deslocados. A nova terra da promessa, no próprio solo da antiga, é uma realidade que empresta pungência e júbilo à celebração israelita da festa da libertação¹⁶⁶.

7.5.10. Shavuot (Festa das colheitas)

É também conhecida como a festa das semanas, ou Pentecostes, que se celebra em fins de Maio ou princípios de Junho, sete semanas após a Páscoa. Ao contrário das outras festas principais é celebrada apenas durante dois dias.

Originalmente, Shavuot era um festejo agrícola, a “Festa das Primícias”, mas com o decorrer dos anos adquiriu outro significado, o de aniversário da outorga da Lei.

O livro do Êxodo é lido no Shavuot, inclusive o capítulo que contém os dez mandamentos. O tema geral desse dia é o tradicional amor ao estudo. O livro de Ruth, a história de dedicação de uma jovem Moabita à fé que adotou, também se lê na sinagoga durante a Festa das Semanas¹⁶⁷.

¹⁶⁵ O ovo, no judaísmo, simboliza aquele que contém o germe da vida. No geral, o ovo representa uma forma primitiva embrionária e, dessa maneira, a nova vida, que está latente no ovo, uma vez que passa a ser associada à energia vital e à renovação periódica da natureza. Cfe LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 72.

¹⁶⁶ OLIVEIRA, Jorge Antunes, op. cit., pp. 13-14.

¹⁶⁷ Idem, p. 15.

7.5.11. Tishá Beav (Destruição do templo)

O Tishá Beav é um dia de jejum público (semelhante ao de Yom Kippur) dia mais triste da História judaica e de luto pela destruição dos dois templos de Jerusalém. O primeiro por Nabucodonosor em 586 a.C. e o segundo por Tito, em 70 d.C., e ambos foram destruídos no mesmo dia e mês, embora em anos diferentes.

Depois do Yom Kippur, Tishá Beav é o dia de jejum mais importante do calendário judaico. Este marca o último dia do período de três semanas de intenso luto nacional pelos eventos que levaram à perda da independência do povo com a destruição dos santuários da vida judaica.

Tal como no Yom Kippur, o jejum começa antes do pôr-do-sol e termina após o pôr-do-sol do dia seguinte. Durante esse período, não se deve comer ou beber, inclusive água. Na sinagoga a cortina que existe em frente da Arca é retirada. No serviço do anoitecer, acendem-se velas suficientes para a leitura do serviço e os fiéis não se sentam em bancos ou cadeiras, mas no chão ou em banquinhos baixos e permanecem descalços em sinal de luto. O uso de sapatos de couro é proibido.

Na última refeição antes do jejum, comem-se pãezinhos redondos e ovos e, por vezes, espalham-se cinzas sobre os ovos. O círculo não tem começo nem fim, assim como a eternidade. Portanto esses alimentos têm sido, desde longa data, associados ao luto e à vida eterna. Alimentos redondos são tradicionalmente servidos aos enlutados quando voltam do cemitério, depois do funeral. Alguns dos costumes seguidos pelos enlutados são observados em Tísha Beav. As cinzas são espalhadas sobre os ovos em sinal de luto, em algumas comunidades, embora não se trate de um costume muito comum.

Após o serviço do anoitecer, lêem-se trechos do livro das lamentações, seguindo-se a leitura de elegias, hinos e preces de luto, contidos num livro especial, guardado na sinagoga para o dia. Os ashkenazim (judeus do leste europeu) e os sefaradim (judeus da Península Ibérica) dispõem de elegias distintas, em parte, devido ao facto de a expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, também ocorreu no nono dia de Av tal como a queda de Betar (a última fortaleza judaica durante a rebelião contra os romanos) em 135 a.C.

No serviço matutino, nem o talit (xale de orações) nem os tefilin (filactérios) são usados, pois são considerados enfeites. Contudo, são colocados à tarde, para o serviço de Minchá (oração da tarde), de maneira que o Mitsvá (mandamento) possa ser cumprido. As lamentações são lidas após o serviço, assim como as elegias. Permite-se que os crentes trabalhem no Tishá Beav, mas barbear-se, ter relações conjugais, fazer festas, casamentos e até mesmo o estudo da Torá são proibidos.

A Mishná (Lei oral compilada) observa que, para recordar a destruição do templo, durante estes nove dias, não se deve cortar o cabelo nem lavar roupa (salvo na quinta-feira, para honrar o shabat). Exeto no shabat, não se consomem vinho e carne durante os primeiros nove dias de Av, uma vez que se trata de alimentos que são tradicionalmente servidos em ocasiões festivas. Podem, no entanto, consumir-se produtos lácteos ¹⁶⁸.

7.5.12. Shabat

O nome do sétimo dia da semana deriva do hebraico – Shabat – o qual significa “cessar de trabalhar”. O shabat é totalmente observado, sendo o dia reservado ao descanso físico e à recreação espiritual. Estes aspectos são enfatizados nos dez mandamentos e na Torá, estando associados ao social e ao religioso.

Na kidush, a benção da santificação recitada no shabat, a importância social do dia está expressa na frase “em recordação à saída do Egipto” quando o povo de Israel foi redimido da escravidão física. O significado religioso reflete-se no facto de se dedicar esse dia à memória da criação do Universo pelo poder divino.

O cessar de todas as formas de trabalho é fundamental para a observância do shabat. No entanto, segundo a lei judaica, o shabat pode ser interrompido em caso de perigo para a vida humanas¹⁶⁹.

8. Público visitante

Quando da inauguração do Museu Judaico, em 2005, Amândio Melo, então presidente da Câmara Municipal de Belmonte, declarou que sua expectativa era de receber um público de 20 mil visitantes ao ano. “É necessário saber tirar

¹⁶⁸ OLIVEIRA, Jorge Antunes, op. cit., pp. 16-17.

¹⁶⁹ Idem, p. 17.

dividendos da capacidade que Belmonte tem para atrair visitantes”¹⁷⁰. Antonio Rocha, o atual presidente da Câmara, costuma afirmar que “em tempos difíceis como estes que temos vivido, os visitantes são o nosso maior patrimônio”¹⁷¹.

No ano de 2015, pela primeira vez desde a inauguração essa expectativa de Amândio Melo foi superada, quando o Museu Judaico recebeu um total de 20.560 visitantes (tabelas, anexo I).

Até 2015, o museu recebeu o número total de 173.390 visitantes. Diversas estratégias foram adotadas para que esses resultados fossem obtidos, dentre elas destacamos as parcerias com os demais museus existentes no município e com instituições que buscam divulgar elementos idênticos aos da temática abordada pelo Museu Judaico, entre os quais, o judaísmo, a resistência (tanto física como cultural de comunidades) ou as singularidades que caracterizam os judeus da Região da Beira Interior.

Dentre estas instituições citamos a Rede de Judiarias de Portugal, secção de Belmonte, a Rede de Aldeias Históricas de Portugal e a Associação do Roteiro Turístico da Serra da Estrela, além da Sinagoga de Belmonte (Sinagoga Bet Eliahu).

Essas parcerias estão reguladas pelas “normas de cooperação entre instituições de carácter público e privado do Município de Belmonte, de 10 de julho de 2011”¹⁷².

O documento disciplina as relações e determina as atribuições de cada instituição no âmbito das parcerias. No caso da Câmara Municipal de Belmonte, a esta compete ceder os espaços físicos necessários para a instalação das instituições parceiras e, através da EMPDS, fornecer o quadro de pessoal necessário ao desempenho de suas funções. As instituições, por sua vez, comprometem-se a prestar apoio técnico e administrativo ao município, na preparação, divulgação e execução de eventos de carácter artístico, cultural e de entretenimento.

¹⁷⁰ Ver entrevista In: *Jornal O Primeiro de Janeiro*, edição de 19 de abril de 2005, p. 12.

¹⁷¹ Ver entrevista In: *Jornal de Belmonte*, edição de 4 de fevereiro de 2016, p. 17.

¹⁷² O documento encontra-se depositado no sector de património da Empresa Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social-EMPDS, em Belmonte.

Os dados constantes da tabela IV referem-se ao fluxo de visitantes entre 2005 e 2015 e permitem uma melhor visualização dos quantitativos e das origens do público visitante do Museu Judaico de Belmonte.

As demais tabelas de fluxo de visitantes, organizadas para cada ano de atividade do museu, constam do anexo I deste trabalho.

Tabela IV
Museu Judaico de Belmonte
Número total de visitantes, período 2005/2015
(ordem decrescente de visitas)

País	Visitantes	%
Portugal	122.325	70,50
Israel	20.816	12,01
Residentes	6.293	3,62
Espanha	5.903	3,40
E.U.A.	5.449	3,14
Brasil	3.507	2,02
França	2.193	1,26
Inglaterra	1.255	0,72
Canadá	1.019	0,58
Alemanha	836	0,48
Holanda	777	0,44
Itália	359	0,21
Outros	2.643	1,52
Total	173.375	100

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

A análise da origem geográfica dos visitantes, no período estudado, permite que se tirem algumas conclusões sobre o papel desempenhado pelo museu na divulgação da cultura judaica.

Despertou nossa atenção, em especial, o grande número de cidadãos israelitas que verificamos entre os visitantes o que demonstra que as estratégias de divulgar a criação do museu¹⁷³ e posteriormente a difusão de suas atividades, sobretudo em eventos realizados em Israel, através da participação de representantes da Câmara Municipal de Belmonte¹⁷⁴, tem surtido efeito. Israel participou com 20.816 visitas, perfazendo 12% do total de visitantes.

Os portugueses, excetuando os residentes no Concelho, que computamos separadamente, contribuíram com 122.325 visitantes, o que corresponde a 70,5% do total. Trata-se de valores que, em nossa compreensão, comprovam o êxito da execução de projetos com vistas a incluir Belmonte em um circuito de turismo regional através da divulgação dentro do próprio país. Essa propaganda interna é feita, principalmente através da difusão de um impresso com o calendário de eventos culturais do município. Esse calendário, elaborado pelo Gabinete de Assuntos Culturais, é distribuído através dos órgãos parceiros em diversos pontos do país e divulgado através da *net* no *web site* da Câmara Municipal de Belmonte.

Quanto a visitantes, a Espanha, com 5.903 (3,4%); os Estados Unidos, com 5.449 (3,14%) e o Brasil, com 3.507 (2,02%) completam o quadro dos cinco países com maior número. Os residentes do Concelho com 6.293 visitantes contribuíram com 3,62% das visitas registradas no período. França, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Itália e Canadá, juntos, somam 6.439 visitantes, ou 3,71% do total. Os demais 2.643 visitantes (1,52%) pertencem a 98 países diferentes de todos os continentes.

Nos últimos anos o Museu Judaico afirmou-se como o segundo mais visitado do município, perdendo em número de visitantes apenas para o Museu dos Descobrimientos (Tabela V).

Em 2015, o conjunto dos cinco museus de Belmonte receberam um total de 62.370 visitantes. Os 20.560 visitantes do Museu Judaico correspondem a 33% do total. A ausência de dados sobre a origem geográfica dos visitantes dos

¹⁷³ Uma comitiva composta por seis jornalistas israelitas esteve em visita à Região de Turismo da Serra da Estrela e às futuras instalações do Museu Judaico de Belmonte em março de 2005. Ver notícia no jornal *Primeiro de Janeiro*, edição do dia 16 de março de 2005, p. 12.

¹⁷⁴ Uma comitiva composta pelo Presidente da Câmara Municipal de Belmonte e mais quatro integrantes da Empresa Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social estiveram presentes em feira de turismo realizada em Telaviv, Israel, em abril de 2006, para divulgar o Museu Judaico de Belmonte. Ver notícia no *Jornal de Notícias*, edição de 28 de abril de 2006, p. 15.

demais museus do município impossibilitam uma análise mais aprofundada de modo a estabelecer comparações e a traçar o perfil do público que visita os museus de Belmonte.

Tabela V
Visitantes dos museus de Belmonte 2013/2015

Museu/nº de visitantes	2013	%	2014	%	2015	%
Dos Descobrimentos	19.987	34,39	20.715	34,12	22.770	36,51
Judaico	16.259	27,98	18.212	30	20.560	33
Ecomuseu do Zézere	9.115	15,68	10.312	17	8.617	13,81
Panteão dos Cabrais	7.429	12,79	5.504	9,07	6.311	10,11
Do Azeite	5.319	9,16	5.969	9,83	4.112	6,57
Total	58.109	100	60.712	100	62.370	100

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

9. Principais eventos do Museu Judaico de Belmonte (2005-2015)

A principal dificuldade que precisou ser ultrapassada nesta fase da pesquisa foi a inexistência de um sector de arquivo no museu. Parece contraditório que uma instituição que tem como sua principal missão a preservação da memória da comunidade não invista na preservação de sua própria memória. Os dados apresentados no anexo I, bem como aqueles já apresentados sobre o número de visitantes, não estão publicados em parte alguma e foram obtidos através de contactos feitos com integrantes do Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte e do setor de expediente da Empresa Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social. Estes funcionários possuem, em arquivos pessoais, a memória dos eventos realizados e as estatísticas de visitantes.

De grande valia foi a pesquisa realizada nos arquivos da Biblioteca Municipal de Belmonte que possui um arquivo bem organizado de recortes dos principais jornais do país das últimas quatro décadas. Através desses “fragmentos” foi possível complementar o levantamento das atividades desenvolvidas bem como de outras notícias sobre o museu. As informações recolhidas (anexo I),

demonstram que as atividades culturais promovidas pelo museu judaico, sejam elas exposições temporárias, promoção de colóquios com pesquisadores ou mostras de cinema¹⁷⁵, ocorrem de forma coordenada, com outros eventos dinamizados no município. Destaca-se a Festa das Luzes, realizada no mês de dezembro, e que começou a partir do ano de 2013, assim como a mostra de cinema *Judaica*, no mês de abril, desde 2014, ambas atividades incluídas no calendário dos eventos culturais do município.

10. Análise SWOT

Entende-se por análise SWOT aquela que “consiste num exercício de disposição por quadrante das debilidades, das ameaças (pontos fortes), das forças e das oportunidades (pontos fracos), que tem por objetivo o desenvolvimento de uma plano de intervenção que considere os diferentes fatores internos e externos, que maximize o potencial dos pontos fortes e das oportunidades e que minimize o impacto das debilidades e das ameaças”¹⁷⁶. Atualmente, este instrumento é utilizado nos sítios e setores culturais de maneira a sistematizar os dados disponíveis para melhor alcançar a sua proteção e promoção.

Utilizamos este modelo adaptado de análise situacional, sem a composição dos quadrantes, como forma de promover uma avaliação externa do Museu Judaico, baseada em critérios objetivos e definidos de forma metódica nos quatro pontos a seguir.

10.1. Pontos fortes

- O pioneirismo, sendo o único museu judaico em Portugal além de possuir um acervo constituído por objetos únicos, com forte vinculação com a população local e otimizado por um discurso museológico com apelo memorial, identitário e etnográfico.

¹⁷⁵ A *Judaica*, é uma mostra anual de cinema que se organiza desde há sete anos nas cidades de Lisboa e Porto, incluindo também no seu circuito, a partir dos últimos três, a cidade de Belmonte. Uma parte do evento tem lugar no auditório do Museu Judaico. Ver notícia In: *Jornal Correio da Manhã*, edição de 16 de abril de 2016, p. 9.

¹⁷⁶ CABRAL, Clara Bertrand, *Património Cultural Imaterial. Convenções e seus contextos*, Lisboa: Edições 70, 2011, p. 132 e 133.

- A associação aos principais programas e entidades que visam o desenvolvimento regional através do turismo cultural, possibilitam aporte financeiro para sua manutenção e o qualificam como um vetor importante desse projeto.

- A divulgação do Museu no estrangeiro, através da presença de integrantes da Câmara Municipal e de outras instituições parceiras em eventos culturais internacionais, em Israel, na Alemanha e em outros países, conforme já foi referenciado no texto.

10.2. Pontos fracos

- A não existência de um serviço educativo fragiliza a relação do museu aquando da visita de grupos escolares que costumam incluir a história dos judeus em suas bases curriculares.

- A ausência de uma secção de arquivo dificulta a atividade de estudantes e de pesquisadores que queiram inteirar-se das atividades desenvolvidas pela entidade museal.

- Não ser detentor de uma coleção própria é também um fator de fragilidade. Este fator condiciona suas atividades e restringe-a a coleção disponível, a qual, ao ser cedida por empréstimo, impõem os objetos expostos na exposição permanente. Deste facto resulta pouca mobilidade e incapacidade para inovar nas exposições.

- A complexidade do discurso museológico compromete uma melhor compreensão da exposição permanente, haja vista que requer, por parte do visitante, um conhecimento prévio da cultura judaica e das demais temáticas que compõem o discurso.

10.3. Oportunidades

- As políticas públicas que ora estão em curso com vista ao incremento do turismo regional, bem como a inclusão de Belmonte no roteiro turístico da Serra da Estrela, possibilitam ao museu um maior fluxo de visitantes oriundos de outras regiões do país e de diversas partes do mundo.

- A temática do judaísmo costuma despertar o interesse de públicos diversos que buscam compreender aspectos da identidade judaica através da observação dos objetos em exposição.

- A existência de uma comunidade judaica na localidade poderá vir a ser um factor de enriquecimento do museu, seja pela oferta/doação ou empréstimo de objetos pessoais ou de peças significativas para a memória local, seja, ainda, pela sua própria intervenção em actividades do museu como testemunhos diretos de uma realidade que faz parte de seus quotidianos. Neste campo, seria possível ao museu criar arquivos de fontes orais mediante a recolha de testemunhos pessoais como forma de aprofundamento do conhecimento da comunidade local e de preservação da sua memória.

10.4. Ameaças

- A existência de outros museus no próprio Concelho e nas proximidades, com melhores recursos de interatividade, de que o Museu Judaico de Belmonte não dispõe.

- A criação de um grande número de atrações no âmbito do turismo cultural na região, o que tende a dividir atenções e a dispersar os públicos.

CONCLUSÃO

Ao iniciarmos a pesquisa para esta dissertação, tendo como objeto de estudo o Museu Judaico de Belmonte, partimos do pressuposto de que a missão de um museu com essas características identitárias deveria ser a de preservar a cultura e a memória e transmitir as singularidades da comunidade na qual está inserido.

A problematização que apresentamos *a priori* foi definida pelo seguinte questionamento: o museu, a partir de um discurso com forte apelo identitário e de uma coleção com essas mesmas características, consegue transmitir aos visitantes a singularidade da comunidade criptojudáica de Belmonte?

Inicialmente realizamos uma revisão da bibliografia que trata dos conceitos de história, memória e identidade selecionando autores cujas obras serviram de embasamento teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Buscamos ainda, nesta primeira parte do trabalho, identificar as características que particularizam a história e a memória judaica e de que forma a cultura é transmitida através das diferentes gerações de judeus. Analisamos o surgimento dos museus como locais de memória e a cronologia da criação dos principais museus no mundo e, especialmente, em Portugal.

A partir desta análise entendemos que o atual panorama da museologia portuguesa resulta essencialmente de quatro períodos distintos, intimamente relacionados com a história recente de Portugal. Um primeiro momento, que corresponde à Primeira República, em que se criou uma estrutura nacional e regional de museus de arte e arqueologia; um segundo período, correspondente ao Estado Novo, regime cujo espírito nacionalista utilizou os museus segundo as suas conveniências; um terceiro momento, a que corresponderá o período do pós 25 de Abril, nas décadas de setenta e oitenta, marcado pelo surgimento do movimento da 'Nova Museologia' (movimento que preconiza um alargamento do conceito de objeto museológico, propondo uma museologia ativa e próxima da comunidade em oposição ao modelo de curadoria e de conservação passiva dos museus tradicionais); e um quarto momento, que acontece durante a "viragem" do milénio, em que se assiste à massificação da cultura, com grandes eventos culturais de expressão internacional e em que os museus assumem um novo papel de dinamizadores do turismo e da economia.

Todas as alterações, redefinições e mutações dos conceitos e políticas museológicas ao longo deste percurso deram origem a uma malha de projetos museológicos que cobre todo o território português, com inúmeras tipologias, âmbitos e modos de ação. Todavia, apesar das enormes diferenças entre alguns projetos, no seu todo há uma evolução num mesmo sentido, de crescente abertura ao exterior e participação ativa a favor da sociedade. Hoje os museus estão definitivamente ao serviço da sociedade e a comunicação com os seus diferentes públicos surge como uma condição da sua própria existência enquanto museu. O museu que ora estudamos enquadra-se nestes novos paradigmas.

O passo seguinte foi a apresentação, de forma sucinta, da história do povo judeu e do judaísmo pontuando, quando e de que forma, grupos de judeus chegaram à Península Ibérica, nomeadamente à região da Beira Interior em Portugal. Para estabelecer a ponte que liga os judeus ancestrais às atuais comunidades judaicas fez-se necessário compreender os fenômenos que os conduziram às sucessivas diásporas e a importância da manutenção de suas características culturais transmitidas através de suas práticas cotidianas e de uma religião monoteísta. Dentre as causas propulsoras das migrações de judeus em especial no interior da Península Ibérica e para fora dela encontramos a perseguição promovida pelos tribunais do Santo Ofício durante a Inquisição, entre os séculos XVI e XVIII. As condições estabelecidas para a permanência dos judeus em Portugal através das conversões forçadas estão na origem de um outro fenômeno essencial para compreender o comportamento da comunidade judaica de Belmonte: o criptojudaísmo. O criptojudeu diferencia-se do cristão novo, na medida em que assume uma dupla identidade, sua conversão não é autêntica, mas fruto de uma imposição que, se contrariada, não garante sua sobrevivência. Ao mesmo tempo em que externamente apresenta-se como cristão, na intimidade do lar e da família, continua a professar a religião judaica mantendo secretamente os preceitos religiosos que aprendeu com seus antepassados.

A terceira e última parte do trabalho consistiu na pesquisa de campo, na aproximação física com nosso objeto de estudo. No decorrer desta fase do trabalho, ao entrar em contato com a comunidade local e em conversas que mantivemos com as pessoas responsáveis pelo funcionamento dos diversos

equipamentos municipais, percebemos a importância da execução de um planeamento de desenvolvimento sustentável a longo prazo. Esse projeto institucional fez a opção pelo turismo cultural como forma de recuperar a combalida economia do município. A execução tem apresentado resultados significativos envolvendo os diversos segmentos da sociedade local, não só no âmbito das atividades culturais.

Para compreender o papel desempenhado pelo Museu Judaico é necessário estudá-lo dentro de um contexto mais abrangente que extrapola o campo de estudo da museologia e o insere, como peça importante, junto com os demais equipamentos de cultura do município, constituindo-se numa mais-valia para a atração de visitantes. É essencial também observar o município de Belmonte inserido no contexto social e económico da Região da Beira Interior, com suas peculiaridades económicas, sociais, históricas e culturais.

A uniformização das políticas culturais, a criação de um calendário de atividades bem estruturado, com ampla divulgação na comunicação social aliado à execução centralizada e integrada dos eventos culturais através do trabalho em rede, com a participação de instituições municipais e regionais, permitiu, nos últimos anos, uma otimização do turismo cultural. A atividade firmou-se a nível regional como importante fonte de criação de empregos e na melhoria do desempenho do setor de comércio e serviços.

O aumento da procura por alojamento propiciou a construção de três novos hotéis no município nos últimos dois anos. Nomeadamente o “Holiday Home”, localizado próximo ao Panteão dos Cabrais, inaugurado em 14 de dezembro de 2014; o “Kazas do Serrado”, localizado na zona rural de Caria, inaugurado em 8 de março de 2015; e o “Belmonte Monte Sinai Hotel”, localizado próximo ao centro histórico, inaugurado em 26 de abril de 2016, além da abertura de novas pousadas e alojamentos locais¹⁷⁷. Um destes estabelecimentos, que recentemente abriu ao público, o “Monte Sinai”, é destinado a hospedar judeus que visitam a região e foi concebido dentro de princípios que são valorizados por seu público-alvo, com destaque para um menu totalmente Kasher, ou seja, alimentos confeccionados com base em procedimentos tradicionais judaicos. O

¹⁷⁷ Ver notícia: Publituris. PT, disponível In: <http://www.publituris.pt/2016/belmonte>, acesso em 20 de maio de 2016, às 06:32h.

setor de restauração também tem obtido um considerável crescimento com a inauguração de novos restaurantes e cafés com menu variado para atender as preferências dos visitantes.

Dentre as instituições diretamente envolvidas na realização dos eventos que costumam movimentar o município merecem destaque especial a Rede de Judiarias e a Rede de Aldeias Históricas que realizam importante trabalho na divulgação dos aspectos identitários do município e sua relação com o judaísmo, estimulando a visita ao museu judaico como parte do percurso sugerido aos visitantes.

Concluimos, portanto, que o Museu Judaico de Belmonte, valendo-se das estratégias já abordadas e fazendo parte de um projeto institucional voltado para o turismo cultural, cumpre de forma satisfatória a missão a que se propôs, ou seja, a de preservar a memória e a cultura judaica em Belmonte através de uma exposição de objetos relacionados à cultura e atividades laborais dos judeus. Presta também homenagem àqueles que, acusados de práticas judaizantes, pereceram diante dos tribunais da Inquisição, bem como aos que dedicaram suas vidas à causa judaica em Portugal, em especial, na região da Beira Interior.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1. Manuscritas

Sinagoga Bet Eliahu, Caderno de notas do rabinato, registros sobre a presença de membros da comunidade judaica local nas cerimônias.

1.2. Impressas

Arquivo da Câmara Municipal de Belmonte, Livro de actas (anos 2000 a 2015).

Biblioteca Municipal de Belmonte, Pasta com recortes de imprensa (anos 1988 a 2015).

Empresa Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social de Belmonte, Arquivo de Projectos/Cultura/Museu Judaico de Belmonte.

Escritório da Rede de Aldeias Históricas de Portugal, secção de Belmonte, Base de dados sobre atividades culturais conjuntas.

Escritório da Rede de Judiarias de Portugal, secção de Belmonte, Livro controle de movimento migratório de judeus residentes no município em direção à outros países, pp. 10-17.

Gabinete de Assuntos Judaicos da Câmara Municipal de Belmonte, Livro de registro de actas e estatutos da Associação Judaica de Belmonte, p. 113A.

Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte, Base de dados sobre atividades desenvolvidas e fluxo de visitantes dos museus do município.

Periódicos

Jornal *A Bola*, edição de 20/04/05, p. 47.

Jornal *Avante*, edição de 10/11/05, p. 19; edição de 19/01/2008, p. 13; edição de 09/05/2008, p.17.

Jornal *A Voz do Campo*, edição de 08/11/92, p. 7; edição de 18/09/05, pp. 14-17.

Jornal *Correio da Manhã*, edição de 10/10/96, p. 32; edição de 17/04/05, p. 55; edição de 16/04/16, p. 9.

Jornal Correio de Notícias, edição de 10/12/03, p. 8; edição de 16/07/04, p.21; edição de 06/01/05, p.33; edição de 28/12/05, p.p. 8-10; edição de 28/10/06, p. 61; edição de 28/09/13, p. 8.

Jornal de Belmonte, edição de 04/02/16, p. 17.

Jornal de Negócios, edição de 10/10/96, p. 32.

Jornal do Fundão, edição de 04/04/99, p. 14; edição de 02/06/05, p. 14; edição de 28/09/05, pp. 8-11.

Jornal Expresso, edição de 16/04/05, pp. 24-27.

Jornal Gazeta do Interior, edição de 20/04/05, p. 18.

Jornal O Belmontino, nº 6, edição de Jul/01, p. 16; nº 7, edição de Dez/02, p. 3; nº 10, edição de Jul/03, p. 7; nº 11, edição de Dez/03, p. 8; nº 12, edição de Jun/04, p. 7; nº 13, edição de Dez/04, p. 16; nº 14, edição de Jun/05, pp. 9-11.

Jornal O Primeiro de Janeiro, edição de 17/04/05, p. 9; edição de 16/09/05, p. 12; edição de 09/01/06, p. 15.

Jornal Público, edição de 17/04/05, p. 44.

1.3. Orais

Antonieta Garcia, pesquisadora, coleta de informações sobre os judeus de Belmonte na década de 70, quando foi diretora de uma escola local.

António Rocha, presidente da Câmara Municipal de Belmonte, coleta de informações sobre o projeto de governo voltado para o turismo cultural.

David Augusto Canelo, pesquisador, coleta de informações sobre as origens do Museu Judaico de Belmonte.

Elisha Salas, rabino, coleta de informações sobre as relações institucionais entre a Sinagoga Bet Eliahu e o Museu Judaico de Belmonte.

Elvira de Azevedo Mea, pesquisadora, coleta de informações sobre a vida e a obra de Artur Barros Basto.

Joaquim Costa, engenheiro, presidente da EMPDS, coleta de informações sobre o papel desempenhado como gestor do Museu Judaico de Belmonte.

José Levy domingos, diretor do Gabinete Judaico da Câmara Municipal de Belmonte, coleta de informações sobre a participação da comunidade judaica nos eventos promovidos no Museu Judaico de Belmonte.

Jorge Martins, pesquisador, coleta de informações sobre moradores de Belmonte que foram réus em processos inquisitoriais, nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Manuel Marques, ex-pároco de Belmonte, coleta de informações sobre as relações entre cristãos católicos e judeus em Belmonte.

Miguel Teixeira, engenheiro, autor do projeto de musealização do Museu Judaico de Belmonte, coleta de informações sobre as bases teóricas do projeto museológico implantado no museu.

Palmira Rodrigues, antiga moradora de Belmonte, coleta de informações sobre as famílias judias residentes no município.

Pedro Diogo, chefe do escritório da Rede de Judiarias em Belmonte, coleta de informações sobre atual situação da população judaica residente em Belmonte.

1.4. WEB

Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico, estatutos, texto em linha, disponível In: www.apmch.pt/documentos, acessado em 02/05/16, às 16:32h.

ICOMOS Comissão Nacional Portuguesa – Carta do México (documento em linha), disponível In: www.icomos.pt, acessado em 10/03/16 às 10:59h.

Instituto Nacional de Estatística, relatório do censo 2011, (texto em linha) disponível In: [www.ine.pt/relatorios/beira interior](http://www.ine.pt/relatorios/beira%20interior), acessado em 12/04/16 às 10:26h.

Museu Judaico de Buenos Aires, histórico, disponível In: www.museojudio.org.org, acessado em 10/05/16, às 02:42h.

Museu Judaico de Curitiba, histórico, disponível In: www.museuspr.br/museujudaico/doc, acessado em 10/05/16, às 03:15h.

Museu Judaico de Girona, histórico, disponível In: www.gironamuseodehistoriajudia.esp.org, acessado em 17/05/16, às 04:40h.

Museu Judaico de Toledo, histórico, disponível In: www.museosefarditoledo.esp.org, acessado em 17/05/16, às 03:12h.

Museu Judaico do Rio de Janeiro, histórico, disponível In: www.museujudaico.rj.br, acessado em 10/05/16 às 02:11h.

Pólo de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela, estatutos, texto em linha, disponível In: www.aibtserradaestrela.pt, acessado em 04/02/16, às 04:22h.

Rede de Aldeias Históricas de Portugal, estatutos, texto em linha, disponível In: www.aldeiahistoricasdeportugal.pt, acessado em 02/05/16 às 13:30h.

Rede de Judiarias de Portugal, estatutos, texto em linha, disponível In: www.redejudiariasportugal.com, acessado em 30/04/16, às 23:21h.

2. BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, José Vicente, *Fundamentos e Dimensões do Turismo*, 8ª ed., Belo Horizonte: Ática, 1976.

AUGÉ, Marc. *El tiempo em ruínas*. Barcelona: Gedisa, 2003.

AUGÉ, Marc. *As formas do esquecimento*. Lisboa: Íman Edições, 2008.

AZEVEDO, João Lúcio de. *História dos cristãos novos portugueses*. Lisboa: Clássica, 1989.

ASSMAN, Aleida. *Cultural Memory and Western Civilization. Functions, Media, Archives*. Cambridge: University Press, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade cultural e pós-modernidade*. Rio de Janeiro : Zahar, 2006.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América, 1965.

BRUNNER, José Joaquim. *Cartografias de la modernidad*. Santiago Chile: Dolmen Ediciones, 1991.

BURKE, Peter. *A história como memória social*. Lisboa: Difel, 1992.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1989.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CANCLINI, Nèstor Garcia. *Culturas híbridas : estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.

CANCLINI, Nèstor Garcia. *Consumidores e cidadãos : conflitos multiculturais da globalização*. 4ª edição. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANCLINI, Nèstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados : mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CANELO, David Augusto. *Criptojudaísmo, um problema de historiografia*. Belmonte: Câmara Municipal, 1995.

CANELO, David Augusto, *Cronologia da obra de resgate*. Belmonte: Câmara Municipal, 1997.

CANELO, David Augusto *O criptojudaísmo continua em Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, 1997.

CANELO, David Augusto *Os últimos criptojudeus em Portugal*. 2ª Edição Belmonte: Câmara Municipal, 2001.

CANELO, David Augusto, *Judaísmo e Criptojudaísmo*. Belmonte: Câmara Municipal, 2008.

CATROGA, Fernando. *O céu da memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva, 1999.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CATROGA, Fernando. *Caminhos do fim da história*. Coimbra: Quarteto, 2003.

CHOAY, Françoise. *Património e mundialização*. Lisboa: Licorne, 2005.

CHOURAQUI, André. *O pensamento judaico*. Lisboa: Arcádia, 1971.

CHOURAQUI, André *O Estado de Israel*. Lisboa: Arcádia, 1971.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1999.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999.

CUESTA, Maria Josefina. *La Odissea de la memória*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. "Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora", In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, 1993, vol. 13, n. 25/26, pp. 97-103.

ECHEGARY, Juan González. *A Bíblia judaica e seu contexto*. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FENTRES, James e WICKMAN, Cris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992.

- FONTANA, Josep. *La História de los hombres*. Barcelona: Crítica, 1992.
- FRANCK, Claude, HERSZLIKOWICZ, Michel. *O sionismo*. Lisboa: Europa-América, 1979.
- GARCIA, Maria Antonieta. *Judaísmo no feminino, Tradição popular e ortodoxia em Belmonte*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das religiões, 1999.
- GARCIA, Maria Antonieta. "Diálogo entre diferenças", In: *Guarda, história e cultura judaica, museu*. Guarda: Câmara Municipal, 1999, pp. 17-58.
- GARCIA, Maria Antonieta. *Festividades da Páscoa Beirã*. Coimbra: Alma Azul, 2003.
- GARCIA, Maria Antonieta *Os Judeus de Belmonte, os caminhos da memória*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002
- GOLDBERG, David J. e RAYNER, John D. *Os Judeus e o Judaísmo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- GOUVEIA, Henrique Coutinho. "Acerca do Conceito e Evolução dos Museus Regionais Portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo", In: *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, volume I, Lisboa; Alfa, 1985, pp. 147-184.
- GUILLAUME, Marc. *A política do património*. Porto: Campo das Letras, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. "Identidade cultural e diáspora", In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996, p. 68-75.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Elvares, Francisco Rodger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/Brasília, Representação da UNESCO no Brasil, 2003
- HARTOG, François. *Tempo e história*. São Paulo: Braziliense, 2000.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção da Tradição*. São Paulo: Moderna, 1999.

HOBSBAWM, Eric e POLITO, Antonio. *O Século XXI, Reflexões Sobre o Futuro*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Ímago, 1989.

KAMEN, Henry. *La Inquisición española*. Edição revisada. Barcelona: Editorial Crítica, 1985, p. 26.

KAYSERLING, Meyer. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.

KELLER, Werner. *História do povo judeu, da destruição do templo ao novo Estado de Israel*. Alfragide: Panorama, 1972.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Moderna, 1997.

LARRAIN, Jorge. *Identity and Modernity in Latin America*. Cambridge: Polity Press, 2000.

LARRAIN, Jorge. "El concepto de identidad", In: *Revista Famecos*, nº1, Porto Alegre: Pampa, 2003, pp. 17-23.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Lisboa: Edições 70, 2000.

LEROI-GOURHAIN, A. *O gesto e a palavra*. Lisboa: Edições 70, 1981.

LYRA, Synésio. *O sionismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.

MALRAUX, André. *O museu imaginário*. Lisboa: edições 70, 2013.

MARQUES, Manuel. *Concelho de Belmonte, memória e história. Estudo Monográfico do Concelho de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, 2001.

MARTINS, Jorge. *Breve história dos judeus em Portugal*. Lisboa: Vega, 2011.

MARTINS, Jorge. *O judaísmo em Belmonte no tempo da Inquisição*. Guarda: Câmara Municipal, 2016.

MARTINS, Moisés Lemos. *O olho de Deus no discurso salazarista*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

MEA, Elvira de Azevedo. *O sefardismo na cultura portuguesa*. Porto: Paisagem, 1974.

MEA, Elvira de Azevedo. *Ben –Rosh, uma biografia do Capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*. Lisboa: Afrontamento, 1997.

MELO, António. Samuel Schwarz, “O cosmopolita que quis ser português”, In: *Revista da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos* n. 7. Lisboa: SIG, 2004, pp.7-21.

MENDES, José Maria Amado. *Estudos do Património, Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

MOREIRA, Fernando João. “O processo de criação dos museus locais”, In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2008, n. 25, p.p. 25- 47.

MOREIRA, Isabel Martins. *Museus e monumentos em Portugal. 1772-1974*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989.

MOREIRA, João Carlos e SENE, Eustáquio de. *Geografia Geral e Económica*. São Paulo: Moderna, 2015.

MOUTINHO, Mário. “Museus Locais em Portugal após o 25 de abril”, In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012, n. 53, p.p. 8-22.

NETANYAHU, Benzion. *The marranos of Spain. From the Late XIVth to the Early XVIth Century, according to Contemporary Hebrew Sources*, American Academy for Jewish Research, New York: Jewish, 1966.

NOGUEIRA, Cristina. *Monografia histórica do Concelho de Belmonte. Novos contributos*. Belmonte: Câmara Municipal, 2007.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, 1993, n. 10, pp. 07-28.

NUNES, João Paulo Avelãs. *Darwinismo social e antisemitismo, o caso português*. Coimbra: Almedina, 2014.

OLIVEIRA, Jorge Antunes. *As festas judaicas no antigo testamento*. Porto Alegre: Pampa, 2012.

PAULO, Amílcar. *A dispersão dos sephardim*. Porto: Nova Crítica, 1978.

PERALTA, Elsa; ANICO, Marta (Org.). *Património e identidades, ficções contemporâneas*. Oeiras: Celta, 2006.

POLLACK, Michel. “Memória e Identidade social”, In: *Revista de Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10. Rio de Janeiro: Saraiva, 1992, pp. 8-17.

POULOT, Dominique. *Museu e museologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RAMOS, Paulo Oliveira. “Breve história do museu em Portugal”, in: *Bibliotecas, Arquivos e Museus*. Lisboa: Univeridade Aberta, 1982, pp. 21-62.

RÉVAH, Israel Salvador. "Les Marranes", In: *Revue des Études Juives*. Paris: Olympique: 1960, pp. 45-47.

RICOUER, Paul. *Memória, história e esquecimento*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Saraiva, 2007.

RIVIKIN, Ellis. "The utilization of non-Jewist sources for the reconstruction of Jewish History", In: *The Jewish Quarterly review*. Londres: East University, 1958, pp. 192-193.

SALOMON, Herman Prins. *Novos pontos de vista sobre a Inquisição em Portugal*. Porto: Sefarad, 1976.

SANCHES, Antônio Ribeiro. *Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal*. Porto: Paisagem, 1973.

SARAIVA, António José. *Inquisição e cristãos novos*, 5ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

SCHAMA, Simon. *A história dos judeus*. São Paulo: Moderna, 2014.

SCHWARTZ, Samuel. *Os cristãos Novos em Portugal no século XX*. Lisboa: Empresa Portuguesa de Livros, 1925.

SCHARTZTEIN, Dora. *História oral, memória e histórias traumáticas*. São Paulo: Moderna, 2001.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Armando Coelho; CENTENO, Rui Maria (coord.). *Museu Judaico de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, 2005.

TAVARES, Maria José Ferro. *A herança judaica em Portugal*. Lisboa: CTT, 2004.

TEIXEIRA, Madalena Brás. "Os primeiros museus criados em Portugal". In: *Bibliotecas, Arquivos e Museus*. Lisboa: Alfa, 1984, Vol. I, pp. 185-239.

TURKLE, Sherry. *La vida en la pantalla : la construcción de la identidad en la era de internet*. Barcelona : Paidós, 1997.

VEYNE, PAUL. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Braziliense, 1983.

VEYNE, Paul, *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1984.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Petrópolis: Vozes, 2000.

YERUSHALMI, Yossef Haym. Zakhor: *História e Memória Judaica*. Tradução Lina G. Ferreira. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ANEXO I

TABELAS

FLUXO DE VISITANTES E PRINCIPAIS EVENTOS REALIZADOS

Fluxo de visitantes 2005/2015

País/Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Portugal	5021	9329	11285	9780	14635	13462	14186	13122	10758	10648	10099
França	63	155	158	139	206	231	158	245	306	237	295
Espanha	148	431	250	223	345	299	501	729	1104	513	1360
Brasil	47	150	180	209	282	425	350	391	476	437	560
Inglaterra	56	68	59	74	81	212	117	99	127	209	153
E.U.A.	87	247	577	591	426	495	537	625	581	463	820
Israel	95	228	489	901	687	717	1579	2220	2324	5065	6511
Alemanha	31	43	75	172	73	65	49	64	92	89	83
Holanda	23	41	47	130	56	100	146	48	70	74	42
Itália	24	22	25	72	12	43	23	21	12	29	76
Canadá	47	54	121	150	47	47	80	99	93	146	135
Residentes	921	1005	612	694	759	614	507	413	316	308	144
Outros	93	145	212	227	231	247	241	259	310	396	282
Total	6646	11918	14090	13362	17840	16982	18474	18335	16569	18614	20560

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Outros : África do Sul: 28, Angola: 3, Argélia :1, Argentina: 129, Armênia: 6, Austrália: 682, Áustria : 48, Bangladesh: 9, Bélgica: 203. Bielorrússia: 1, Bolívia: 5, Bosnia. 3, Bulgária: 5, Cabo Verde: 1, Camboja: 7, Cazaquistão: 3. China: 30, Chile: 42 Chipre: 15, Colômbia 18, Congo. 3, Coreia do Norte: 1, Coreia do Sul: 3, Costa Rica: 2, Croácia: 2, Cuba: 4 , Dinamarca: 49, Egito: 45, Equador: 8, Escócia: 37 Eslováquia: 29, Eslovênia: 22, Estônia: 5, Filipinas: 3, Finlândia: 32, Gabão: 1 Gibraltar: 1, Guatemala: 1 , Guiana: 1, Guiné: 1, Grécia: 91, Haiti: 1, Honduras: 6, Hong-Kong: 3, Hungria: 21, Ilhas Maurício: 2, Índia:18, Indonésia: 7, Irã: 11, Iraque: 7, Irlanda: 50, Irlanda do Norte: 4, Islândia: 4, Jamaica: 2, Japão 43, Letônia: 15, Líbano: 11, Lituânia: 23, Luxemburgo: 29, Macedônia: 5, Malásia: 1, Malta: 6, Marrocos: 7, Maurítânia: 3, México: 34, Moçambique: 9 , Moldávia: 3, Montenegro: 7, Nepal: 5, Nicarágua: 8, Noruega: 9, Nova Zelândia: 83, País de gales: 2, Panamá: 6, Paquistão: 3, Paraguai: 16, Peru: 10, Polónia: 85, Porto Rico: 5, Qatar: 3, República Checa: 53, República Dominicana: 1, Romênia: 36, Rússia: 92, São Tomé e Príncipe: 1, Sérvia: 15, Singapura: 3, Síria: 7, Sri Lanka: 11, Sudão: 6, Suécia :46, Suíça: 103, Suriname: 5, Tailândia: 8, Timor: 8, Turquia: 54, Ucrânia: 19, Uruguai: 17, Venezuela: 40, Vietnã:

ANO 2005

País/Mês	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	512	625	608	713	902	501	478	315	367	5.021
França	10	7	10	8	13	1	0	2	12	63
Espanha	42	13	8	6	36	7	11	10	15	148
Brasil	6	2	5	7	4	7	1	3	12	47
Inglaterra	9	6	3	8	16	2	0	5	7	56
E.U.A.	6	9	12	14	19	13	2	7	5	87
Israel	3	8	18	22	9	10	7	5	13	95
Alemanha	1	2	0	15	6	2	3	2	0	31
Holanda	0	2	3	5	7	2	1	0	3	23
Itália	2	0	5	0	8	3	4	2	0	24
Canadá	4	0	2	12	11	2	6	8	2	47
Residentes	222	106	103	113	172	67	35	46	57	921
Outros	8	7	9	14	15	9	10	5	16	93
Total	825	787	786	937	1.218	626	558	410	509	6.646

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Hungria: 2, Polónia: 11, Uruguai: 5, Argentina: 10, Cuba: 2, Coreia do Sul: 2, Áustria: 4, Moçambique: 2, China: 2, Nova Zelândia: 3, Irlanda: 6, Suécia :9, Jamaica: 1, Escócia: 4, Rússia: 3, Venezuela: 1, México: 2, Honduras: 1 Grécia: 2, República Checa: 4, Equador: 3, Índia: 2. Paquistão: 1, Síria: 2, Chile: 2, Luxemburgo: 4, Malta: 1, Croácia: 1, Romênia: 1.

ANO 2006

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	257	730	901	1.075	945	934	595	1.131	705	546	640	870	9.329
França	0	0	1	7	10	7	28	73	15	6	1	7	155
Espanha	6	7	42	45	46	24	26	72	16	62	7	78	431
Brasil	2	3	9	15	13	12	16	9	22	15	13	21	150
Inglaterra	1	1	0	2	7	14	4	13	20	4	0	2	68
E.U.A.	6	2	9	14	34	32	17	10	11	90	15	7	247
Israel	0	5	11	28	6	14	20	6	55	74	6	3	228
Alemanha	1	2	0	1	15	2	2	7	5	3	3	2	43
Holanda	0	2	0	0	7	6	12	4	6	1	2	1	41
Itália	2	0	0	0	5	3	0	9	0	0	0	3	22
Canadá	0	0	2	4	6	12	8	5	8	8	1	0	54
Residentes	81	60	37	92	222	106	103	113	50	39	35	67	1.005
Outros	0	2	5	8	12	14	20	34	21	22	3	4	145
Total	356	814	1.017	1.291	1.328	1.180	851	1.486	934	870	726	1.065	11.918

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Argentina: 13, Nova Zelândia: 3, Grécia: 2, Irlanda: 6, Suécia: 9, Bélgica: 18, Hungria: 2, Uruguai: 3, Cuba: 2, Chile: 1, Suíça: 8, Colômbia: 1, Coreia do Sul: 2, Japão: 1, México: 1, Jamaica: 1, Áustria: 4, Índia: 4, Guiné: 1, Moçambique: 2, Dinamarca: 3, Venezuela: 1, Polónia: 13, Turquia: 9, Escócia: 4, Austrália: 22, Noruega: 1, Rússia: 7.

Ano 2007

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez*	Totais
Portugal	402	883	1.435	1.364	934	1.360	847	1.575	841	959	685	0	11.285
França	3	2	0	9	19	9	31	55	19	4	7	0	158
Espanha	10	1	10	34	35	5	15	59	23	39	19	0	250
Brasil	24	18	4	11	15	13	18	8	40	14	15	0	180
Inglaterra	3	1	0	1	24	7	6	4	9	4	0	0	59
E.U.A.	8	7	53	38	66	64	52	80	111	93	5	0	577
Israel	5	7	0	89	36	58	8	45	131	110	0	0	489
Alemanha	0	0	0	4	0	7	7	6	39	10	2	0	75
Holanda	4	1	0	4	14	4	9	3	8	0	0	0	47
Itália	0	0	0	4	0	0	14	6	1	0	0	0	25
Canadá	1	0	8	30	14	12	8	13	15	20	0	0	121
Residentes	43	53	56	81	25	49	38	86	22	24	135	0	612
Outros	3	3	6	26	55	25	16	24	32	20	2	0	212
Total	506	976	1.572	1.695	1.237	1.613	1.069	1.964	1.291	1.297	870	0	14.090

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

*No mês de dezembro, o edifício passou por obras de melhoramento e o museu ficou encerrado para a visita.

Fonte: Museu Judaico de Belmonte

Descrição dos outros países:

Argentina: 11, Moçambique: 3, Colômbia: 2, Turquia: 3, Irlanda: 2, Austrália: 59, Japão: 3, Dinamarca: 5, Gibraltar: 1, Áustria: 3, Suíça: 4, Rússia: 4, Bélgica: 19, Nova Zelândia: 6, Chile: 3, México: 3, Grécia: 34, Suécia: 2, Polónia: 2, Chipre: 5, Montenegro: 1, Letônia: 1, Eslovênia: 2, África do Sul: 4, Hungria: 1. Islândia: 1, Cazaquistão: 3, Letônia: 9, Moldávia: 1, Chile: 6, Uruguai: 1, Paraguai: 8, Suriname: 2, Bolívia: 4, Peru: 3, Venezuela: 1.

Ano 2008

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	357	712	932	817	801	1.112	703	1.477	763	813	578	715	9.780
França	1	0	2	7	13	6	29	52	14	2	6	7	139
Espanha	9	3	8	25	38	7	10	54	16	32	12	9	223
Brasil	26	19	9	12	16	23	29	4	17	9	8	37	209
Inglaterra	2	4	2	0	22	6	9	12	4	3	8	2	74
E.U.A.	9	5	16	39	74	57	82	67	75	102	18	47	591
Israel	9	16	13	116	47	69	17	62	119	165	76	192	901
Alemanha	15	43	9	17	8	10	12	7	8	5	17	21	172
Holanda	5	3	4	7	19	8	12	5	9	14	18	26	130
Itália	3	5	9	4	2	1	9	4	8	3	9	15	72
Canadá	0	2	3	19	16	15	9	17	26	22	8	13	150
Residentes	32	41	51	76	17	35	28	92	47	21	145	109	694
Outros	2	1	7	21	43	22	13	20	39	10	3	46	227
Total	470	854	1.065	1.160	1.116	1.371	962	1.873	1.145	1.201	906	1.239	13.362

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Austrália: 15, Nova Zelândia: 12, Japão: 9, Ucrânia: 4, Argentina: 8, República Checa: 5, Polónia: 12, Eslováquia: 4, Finlândia: 2, Sérvia: 2, Irlanda: 8, Tailândia: 2, Dinamarca: 8, México: 5, Uruguai: 3, Moldávia: 2, Romênia: 7, Grécia: 36, Gabão: 1, Marrocos: 2, África do Sul: 1, Luxemburgo: 9, Bélgica: 16, Islândia: 3, Honduras: 5, Chile: 9, Colômbia: 4, Guiana: 1, Coreia do Sul: 3, Montenegro: 6, Irã: 2, Egito: 6, Suécia: 2, Turquia: 5, Peru: 3. Qatar: 3, Líbano: 2.

Ano 2009

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	327	1011	1153	1255	1685	2224	1590	2030	816	1078	803	663	14635
França	2	2	10	9	10	6	36	103	11	10	6	1	206
Espanha	8	8	17	101	27	10	33	42	14	27	27	31	345
Brasil	28	18	14	8	18	27	26	9	40	32	27	35	282
Inglaterra	2	4	2	3	11	24	7	12	10	2	4	0	81
E.U.A.	3	23	6	16	87	10	71	86	43	60	8	13	426
Israel	4	4	8	180	28	115	30	58	112	103	33	12	687
Alemanha	0	0	37	1	6	2	10	2	8	7	0	0	73
Holanda	0	0	3	2	13	8	6	13	6	5	0	0	56
Itália	0	0	0	2	0	0	3	4	1	2	0	0	12
Canadá	0	2	0	5	10	3	7	0	4	15	0	1	47
Residentes	7	112	35	108	95	39	56	147	38	44	30	48	759
Outros	4	1	0	18	26	14	42	26	26	36	28	10	231
Total	385	1185	1285	1708	2016	2482	1917	2532	1129	1421	966	814	17840

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Rússia: 25, Argentina: 31, Hungria: 9, Ucrânia: 1, Polónia: 2, Austrália: 47, Bélgica: 22, Romênia: 7, Lituânia: 7, Turquia: 3, Suíça: 6, Noruega: 2, Escócia: 6, Áustria: 10, Equador: 1, Japão: 1, Hong-Kong: 1, África do Sul: 1, República Checa: 4, Irlanda do Norte: 4, Irlanda: 3, Grécia: 2, Finlândia: 1, Dinamarca: 7, Nova Zelândia: 3, Ilhas Maurício: 2, México: 6, Estónia: 4, Eslovênia: 1, Venezuela: 1, Guatemala: 1, Uruguai: 1, Equador: 1, Suécia: 5, Marrocos: 2. China: 1.

Ano 2010

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	433	729	1125	1667	1795	1704	1132	1656	768	723	863	867	13462
França	1	0	7	5	35	35	35	54	43	6	10	0	231
Espanha	7	8	21	54	21	21	37	59	19	25	10	17	299
Brasil	33	42	26	30	27	17	29	39	55	31	29	67	425
Inglaterra	17	10	11	60	24	47	7	16	10	6	2	2	212
E.U.A.	12	24	38	18	83	59	40	52	44	78	9	38	495
Israel	25	17	9	66	49	65	67	46	223	130	10	10	717
Alemanha	1	0	6	8	14	7	6	14	4	5	0	0	65
Holanda	0	0	0	2	32	13	8	14	22	6	3	0	100
Itália	3	0	1	1	2	2	0	30	1	1	1	1	43
Canadá	0	2	0	5	10	3	7	0	4	15	0	1	47
Residentes	74	29	50	67	58	47	36	140	28	41	16	28	614
Outros	1	3	9	7	61	36	45	21	19	27	1	17	247
Total	607	864	1308	1985	2213	2057	1444	2156	1251	1089	961	1047	16982

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Suécia: 11, Suíça: 10, Bélgica: 39, Luxemburgo: 3, Finlândia: 5, China: 4, Rússia: 16, Austrália: 57, Argentina: 12, Polónia: 6, Eslovênia: 13, Lituânia: 5, Costa Rica: 2, Romênia: 7, México: 3, Hungria: 2, Peru: 3, Japão: 16, República Checa: 4, Escócia: 4, Dinamarca: 7, Áustria: 12, Venezuela: 2, País de gales: 2, São Tomé e Príncipe: 1, Equador: 1.

Ano 2011

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	557	870	1688	1940	2176	1263	964	1458	912	879	625	854	14186
França	1	0	4	11	6	12	45	47	11	11	6	4	158
Espanha	30	3	51	97	38	25	37	97	38	35	21	29	501
Brasil	32	13	21	27	26	27	54	20	32	55	17	26	350
Inglaterra	0	0	6	11	8	32	7	16	26	9	0	2	117
E.U.A.	14	11	22	31	75	66	78	60	64	107	6	3	537
Israel	41	4	8	224	159	235	250	111	284	214	14	35	1579
Alemanha	0	1	4	3	4	4	6	3	13	5	3	3	49
Holanda	0	0	0	6	47	8	27	49	4	0	2	3	146
Itália	0	0	0	0	2	2	5	10	2	2	0	0	23
Canadá	0	0	5	4	15	8	6	12	12	18	0	0	80
Residentes	11	38	76	59	21	33	37	86	41	45	12	48	507
Outros	4	6	5	20	32	28	31	26	25	25	1	38	241
Total	690	946	1890	2433	2609	1743	1547	1995	1464	1405	707	1045	18474

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Escócia: 15, Argentina: 3, África do Sul: 9, Ucrânia: 1, Rússia: 4, Suécia: 2, Hungria: 2, Austrália: 92, China: 2, Nova Zelândia: 17, Eslovênia: 2, Bélgica: 30, Japão: 7, Índia: 4, Irlanda: 5, Suíça: 11, Áustria: 6, México: 2, Polónia: 9, Uruguai: 3, Tailândia: 1, Colômbia: 2, Iraque: 1, Estónia: 1, Romênia: 2, República Checa: 5, Chile: 2, Letónia: 5, Chipre: 6, Hungria: 3, Lituânia: 5, Turquia: 5.

Ano 2012

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	785	1490	2131	2169	980	1147	814	1300	488	552	529	737	13122
França	4	3	31	19	8	7	45	95	13	9	11	0	245
Espanha	9	16	39	35	60	69	79	112	36	139	33	102	729
Brasil	45	21	23	21	29	39	29	31	78	23	16	36	391
Inglaterra	2	0	0	1	9	10	17	22	12	16	7	3	99
E.U.A.	3	0	14	50	117	76	112	30	108	92	6	17	625
Israel	30	37	34	204	221	397	196	237	382	435	12	35	2220
Alemanha	3	2	5	10	2	11	7	12	10	2	0	0	64
Holanda	0	0	2	0	8	7	15	10	6	0	0	0	48
Itália	0	0	0	2	0	2	5	11	1	0	0	0	21
Canadá	4	1	2	9	18	2	22	8	21	12	0	0	99
Residentes	24	53	65	31	45	22	28	70	21	19	10	25	413
Outros	4	25	6	24	37	25	56	25	25	17	10	5	259
Total	913	1648	2352	2575	1534	1814	1425	1963	1201	1316	634	960	18335

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Polónia: 7, Eslováquia: 5, República Checa: 8, Rússia: 1, México: 4, Finlândia: 2, Irlanda: 2, Austrália: 42, África do Sul: 3, Turquia: 3, Suíça: 6, Tailândia: 2, Malásia: 1, Irlanda: 3, Bélgica: 9, Japão: 2, Dinamarca: 1, Índia: 3, Moçambique: 2, Porto Rico: 3, Grécia: 2, Bielorrússia: 1, Angola: 2, Colômbia: 1. Uruguai: 1, Equador: 1, Suécia: 5, Marrocos: 2. China: 1, Egito: 39, Sudão: 6, Congo: 3, Chile: 9, Paraguai: 8, Suriname: 3, Panamá: 6, Armênia: 6, Malta: 5, Chipre: 4, Irã: 8, Bangladesh: 9, Mauritânia: 3, Indonésia: 7, Timor: 8, Coreia do Norte: 1, Bolívia: 1, Nicarágua: 8.

Ano 2013

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	575	1264	1410	1164	1128	966	565	1257	776	499	543	611	10758
França	2	4	4	19	91	3	60	75	4	33	5	6	306
Espanha	17	22	29	69	229	101	55	167	90	27	94	204	1104
Brasil	52	25	21	29	56	69	43	32	64	31	25	29	476
Inglaterra	0	0	2	2	29	12	9	3	49	18	3	0	127
E.U.A.	7	53	3	23	76	75	82	9	123	125	1	4	581
Israel	6	4	112	142	267	297	283	175	579	366	69	24	2324
Alemanha	0	0	4	3	50	9	4	7	10	5	0	0	92
Holanda	0	0	0	6	11	6	21	24	0	0	2	0	70
Itália	0	0	0	0	1	2	2	4	0	3	0	0	12
Canadá	0	0	2	0	6	6	5	2	44	25	2	1	93
Residentes	7	2	16	25	69	46	35	71	13	8	7	17	316
Outros	3	9	3	43	20	30	35	58	44	41	22	2	310
Total	669	1383	1606	1525	2033	1622	1199	1884	1796	1181	773	898	16569

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Austrália: 93, Irã: 1, Chile: 1, Finlândia: 22, República Checa: 8, Colômbia: 2, Polónia: 10, Argentina: 29, Irlanda: 5, México: 2, Bélgica: 10, Luxemburgo: 11, Nova Zelândia: 9, Paquistão: 2, China:2, Cingapura: 2, Turquia: 1, Colômbia:1, República Dominicana: 1, Porto Rico: 2, Equador:1, Venezuela: 34, Suíça:4, Dinamarca:12, Suécia: 1, Índia: 4, Escócia: 2, Áustria: 1, Eslovênia:4, Síria: 5, Iraque: 6, Macedônia: 5, Bosnia. 3, Sérvia. 13, Haiti: 1.

ANO 2014

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	346	474	1809	1708	1087	1102	762	1204	650	370	259	877	10648
França	4	1	7	18	37	37	30	80	10	3	6	4	237
Espanha	8	3	21	131	61	17	73	101	47	17	15	19	513
Brasil	68	17	29	24	20	24	43	13	84	49	31	35	437
Inglaterra	0	0	11	4	75	29	4	6	43	32	3	2	209
E.U.A.	2	10	4	51	103	50	55	14	112	41	10	11	463
Israel	0	2	14	216	536	952	804	650	666	1130	88	7	5065
Alemanha	0	1	3	5	5	6	8	8	15	35	2	1	89
Holanda	0	1	1	4	6	6	15	4	17	6	1	13	74
Itália	0	0	0	0	1	0	13	5	10	0	0	0	29
Canadá	0	2	4	10	11	14	50	7	40	8	0	0	146
Residentes	12	16	97	60	12	12	20	28	23	8	7	13	308
Outros	6	14	32	89	54	41	36	14	95	9	3	4	396
Total	446	541	2032	2320	2008	2290	1912	2134	1812	1708	425	986	18614

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

México: 3, Peru: 1, Austrália: 136, Rússia: 30, Escócia: 1, Argentina: 11, Japão: 2, Ucrânia: 11, Noruega: 6, Polónia: 15, Bulgária: 5, Turquia: 3, Eslováquia: 10, Suíça: 37, República Checa: 15, Eslováquia: 10, Grécia: 5, Bélgica: 26, Irlanda: 6, África do Sul: 9, Cingapura: 1, Nova Zelândia: 14, China: 11, Camboja: 7, Nepal: 5, Lituânia: 6, Líbano: 9, Vietnã: 1.

ANO 2015

País/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Totais
Portugal	454	1073	1274	1031	1167	1059	833	1379	525	537	242	525	10099
França	9	5	2	23	19	11	38	137	24	9	16	2	295
Espanha	20	29	67	74	119	113	47	435	141	158	33	124	1360
Brasil	82	26	41	20	54	27	36	58	72	55	47	42	560
Inglaterra	0	3	6	6	4	12	12	25	38	31	11	5	153
E.U.A.	3	2	20	61	109	76	59	38	180	212	50	10	820
Israel	76	4	22	263	710	1555	947	736	917	1214	67	0	6511
Alemanha	0	0	1	7	17	6	6	9	16	18	1	2	83
Holanda	0	0	0	5	10	3	6	8	4	0	1	5	42
Itália	0	0	0	0	56	2	0	7	11	0	0	0	76
Canadá	0	0	2	10	19	20	11	8	13	47	5	0	135
Residentes	18	6	7	24	3	7	12	29	22	7	1	8	144
Outros	2	3	6	26	66	25	36	29	36	30	2	21	282
Total	664	1151	1448	1550	2353	2916	2043	2898	1999	2318	476	744	20560

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

Descrição dos outros países:

Romênia: 12, Índia: 1, Irlanda: 4, Turquia: 22, Suíça: 17, Austrália: 119, Sri Lanka: 11, Dinamarca: 6, Bélgica: 14, Japão: 2, México: 3, Filipinas: 3, Nova Zelândia: 16, Áustria: 8, Escócia: 1, Hong Kong: 2, Tailândia: 3, Argentina: 1, Rússia: 2, China: 3, África do Sul: 1, Croácia: 1, Argélia: 1, Marrocos: 1, Angola: 1, Luxemburgo: 2, Cabo Verde: 1, Ucrânia: 2, Grécia: 8, Colômbia: 5, Chile: 9.

Principais eventos do Museu Judaico de Belmonte (2005-2015)

<p>2005 - 17 Abr – Inauguração, com a presença de diversas autoridades locais e representantes do governo de Portugal e de Israel.</p> <p>08 Nov – A visita do Presidente da República, Jorge Sampaio, é registrada com a fixação de uma placa alusiva no átrio do museu.</p>
<p>2006 – 05 a 09 Abr - Realização do 1º Congresso Mundial Sefardita, com a participação de representantes de comunidades judaicas de Israel, Estados Unidos, Argentina, Brasil e de outros países.</p>
<p>2007 – 26 Abr a 9 Mai - Desenvolvimento de trabalho conjunto com escolas do município, sobretudo na organização de visitas guiadas destinadas aos estudantes.</p>
<p>2008 – 26 Jan: Abertura de uma sala em homenagem a Samuel Schwarz</p>
<p>2009 – 23 a 29 Set: Inclusão de visita guiada à exposição permanente como parte dos eventos culturais da Feira Medieval da localidade.</p>
<p>2010 –10 Abr - Recepção de grupo de representantes do Ministério de Relações Externas de Israel e visita guiada à exposição permanente.</p>
<p>2011 - 05 a 27 Mar - Curso de hebraico aberto à comunidade.</p> <p>04 Ago - Annie Bennett, jornalista do periódico inglês The Telegraph, em visita de trabalho à região da Serra da Estrela, visita a coleção permanente para recolha de informações para artigo a publicar sobre o museu.</p>
<p>2012 – 15 Jan – São dadas aulas de dança tradicional judaica no Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues, pelo grupo Radalaila, de Valladolid (Espanha).</p> <p>12 Fev a 12 Mai - Exposição temporária “Tesouros escondidos do Museu Judaico”.</p> <p>08 a 30 Mar - Curso de hebraico.</p>
<p>2013 - 16 Mar - Conferência proferida pelo professor Jorge Martins, autor de diversos livros sobre judaísmo e criptojudaísmo em Portugal, subordinada ao título “Vestígios criptojudaios e história do criptojudaísmo”.</p> <p>02 a 22 Mar - Curso de hebraico.</p> <p>18 a 26 Dez - Festa das Luzes, cinema, conferências e exposições.</p>
<p>2014 - 27 Jan – Exposição de fotografias no Dia Internacional das Vítimas do Holocausto.</p> <p>04 Fev - A embaixadora de Portugal em Israel, Tzipora Rimon, visitou Belmonte e região e veio conhecer o Museu Judaico. Durante a visita comprometeu-se a apoiar a construção de um centro de cultura judaica no município.</p> <p>09 a 27 Mar - Curso de hebraico.</p> <p>27 Mai - Inauguração da exposição temporária “Para não esquecer”, organizada pela associação jovens judeus de Belmonte, em homenagem às vítimas do holocausto. A exposição manteve-se até 10 Fev 2015.</p>

24 a 29 Dez: Exposição “Arte Orgânica”, organizada pela associação de jovens judeus de Belmonte.

20 a 27 Dez - Festa das Luzes, cinema, conferências e exposições.

2015 – 27 Jan - Exposição de fotografias no Dia Internacional das Vítimas do Holocausto.

17 a 28 Set - Exposição: Magen David - Estrela de David.

20 a 22 Nov – Diáspora, Festival Literário de Belmonte

19 a 27 Dez - Festa das Luzes, cinema, conferências e exposições.

Fonte: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Belmonte

ANEXO II

FIGURAS



fig. 1

Belmonte, vista parcial

Fonte: Angélica Máximo



fig. 2

Belmonte – Centro Histórico

Fonte: Angélica Máximo



fig. 3
Museu Judaico de Belmonte, visão frontal.
Fonte: o autor

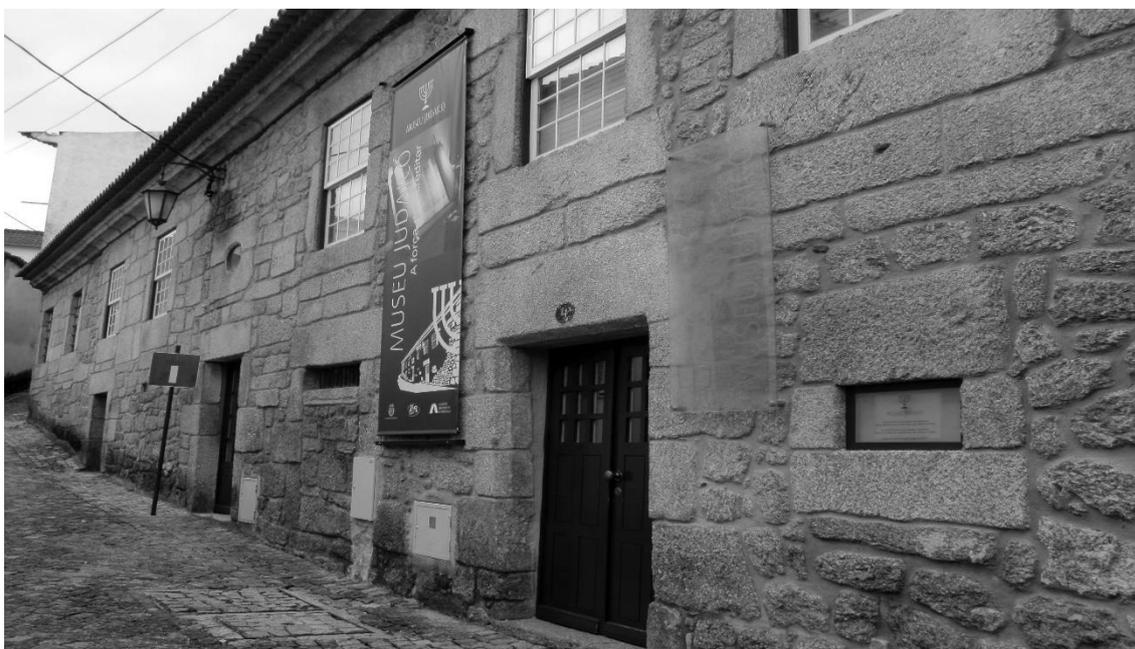


fig. 4
Museu Judaico de Belmonte – visão lateral
Fonte: Angélica Máximo



fig. 5

Visão lateral do prédio adquirido para sediar o Museu Judaico de Belmonte, antes de passar pelo processo de requalificação – Abr 2003.

Fonte: José Manuel Caninhas



fig. 6

Belmonte, rua da antiga judiaria.

Fonte: o autor



fig. 7
Belmonte, Sinagoga Bet Eliahu
fonte: o autor



fig. 8
Belmonte, largo do Pelourinho
Fonte: o autor

Visualização interna do Museu

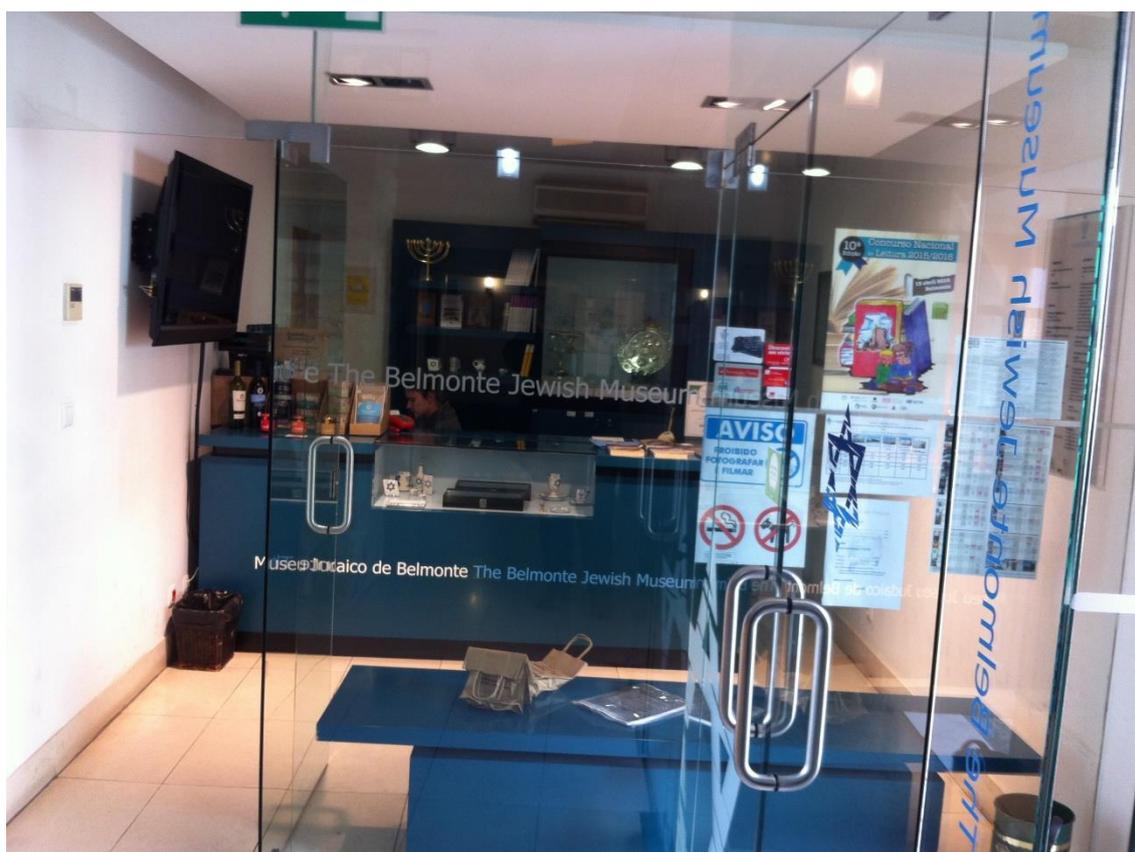


fig. 9

Entrada principal, com recepção ao fundo

Fonte: o autor



fig. 10

Loja de venda de produtos kosher e outros objetos

Fonte: o autor



fig. 11
Auditério
Fonte: o autor



fig. 12
Entrada da sala de exposição permanente
Fonte: o autor



fig. 15
Sala de exposição permanente, em destaque um Menorah
Fonte: o autor



fig. 16
Sala de exposição permanente, na vitrine ao centro, um Sefer Torah
Fonte: o autor



fig. 17

Sala de exposição permanente, documentos sobre as atingas judiarias
Fonte: o autor

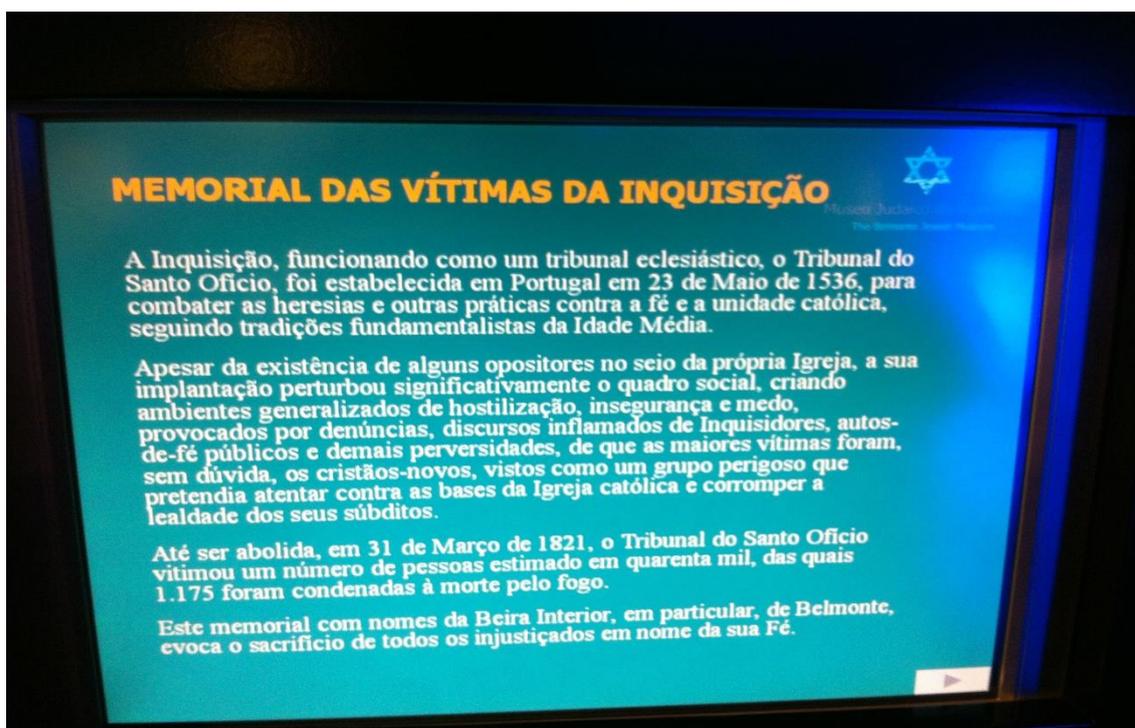


fig 18

Sala de exposição permanente, ecrã com informações sobre a Inquisição
Fonte: o autor



fig. 19
Sala de exposição permanente, no interior da vitrine um turíbulo
fonte: o autor



fig. 20
Sala de exposição permanente, Menorah Arco de Tito e livro de Flávio Josefo
Fonte: o autor



fig. 21
Sala de exposição permanente, personagens da obra de resgate
Fonte: o autor

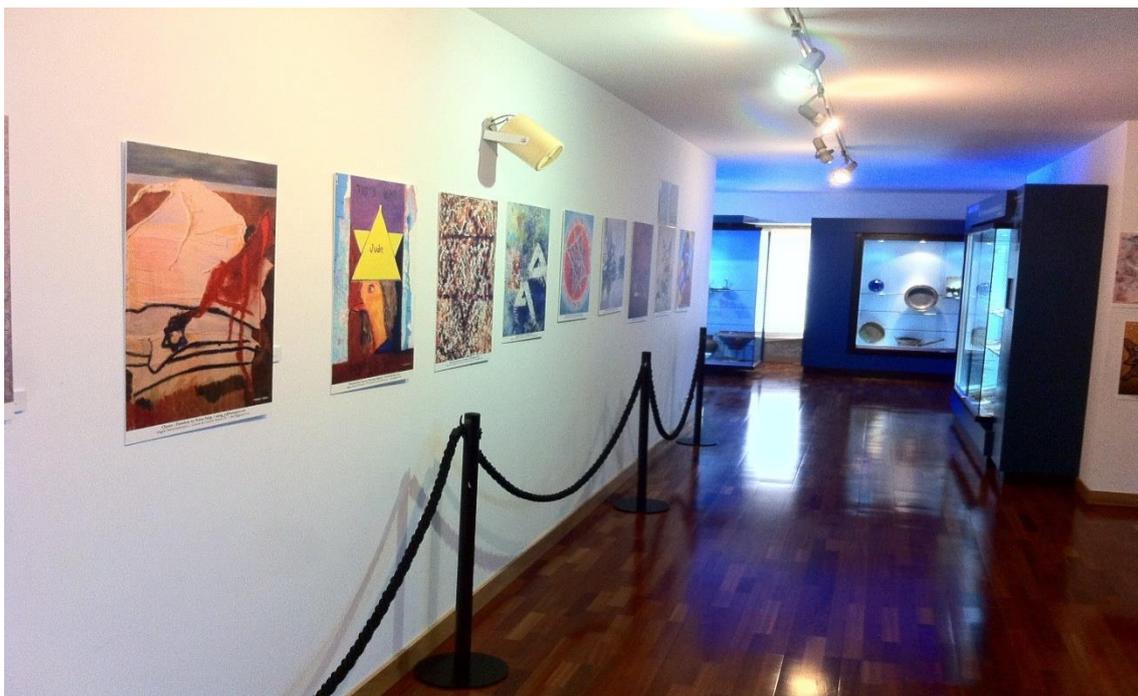


fig. 22
Sala de exposição permanente, na parede, ilustrações de Isabel Konrad
Fonte: o autor



fig. 23
Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues
Fonte: o autor



fig. 24
Objetos em reserva
Fonte: o autor

OBJETOS EM DESTAQUE NA EXPOSIÇÃO PERMANENTE



© MJB 2005

LIVRO DE FLÁVIO JOSEFO

- Giosefo / NEL QVAL SI TRAT / ta delle guerre de Giudei, la / ossidion, è destruttion de / Gierusalè, dal uero esem / plare latino nella uol / gar lingua tradot / to, con grã dili / genza, è som / mo stu= / dio nuouamente ristampato. / [hedera]

- (título enquadrado em gravura com frontão apoiado em duas colunas com pedestal, sendo todos os elementos ricamente decorados com motivos vegetalistas; em baixo, entre os pedestais das colunas, sereia desnuda).

Cólofon (folha 324) - "In Venneggia per Vettor .q. Piero Rauano, della / Serena et Compagni, Nel anno del Signore / M.D.XXXV."

fig. 25 – Livro de Flávio Josefo

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte



© MJB 2005

MENORAH DO ARCO DE TITO

Mármore de Estremoz. 2005, escultura de José Carlos Nogueira Coelho.

700 X 500 mm.

Pormenor do painel do arco do imperador Tito, erigido no forum de Roma para comemorar a vitória do exército romano sobre os judeus no ano 70, representando o desfile triunfal com a exibição de prisioneiros e outros troféus, de que se destaca a menorah de ouro do Templo de Jerusalém, então destruído pelos romanos.

fig. 26

Menorah do Arco de Tito

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**FOGAREIRO**

De cerâmica, perfurado, assente em tripé de ferro sobre uma chapa quadrada também de ferro, coberto com duas telhas em canudo. 440 X 440 mm.

Alguidar de cerâmica vidrada, troncocónico, com decoração pintada. 117 X 272 mm.

Taça de cerâmica ovoide, vidrada a branco. 127 X 232 mm.

Cântaro de cerâmica com decoração penteada na parte superior do bojo e asa de fita. 340 X 235 mm. Eram utilizados por cripto judeus de Belmonte para fazer o pão ázimo (o Pão Santo).

© MJB 2005

fig. 27 – fogareiro

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**FATOS**

De algodão branco usados pelos cripto judeus de Belmonte, durante a preparação do Pão Santo.

© MJB 2005

fig. 28 – fatos

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

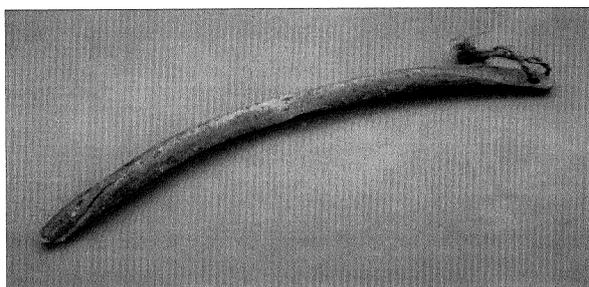
**CANECO PARA ÁGUA**

Cobre. Peça subtruncocónica, de fundo hemisférico, com asa de ferro. Possível origem muçulmana. 110 X 130 mm. Col. Família Carqueja Rodrigues

© MJB 2005

fig. 29 – Caneco para água

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**ARROCHO**

Madeira. Peça de secção circular, arqueada, com orifício de suspensão por fio. Para apertar as cargas dos machos dos mercadores. Séc. XIX. 390 X 27 mm. Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 30 – Arrocho

fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**AZULEJO**

Cerâmica. Azul sobre branco. Sécs. XVII-XVIII.

160 X 142 mm.

"Oração dos que caminham pelas águas e por terra".

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 31 – Azulejo

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**MENORAH**

Latão com banho de estanho. Séc. XX.

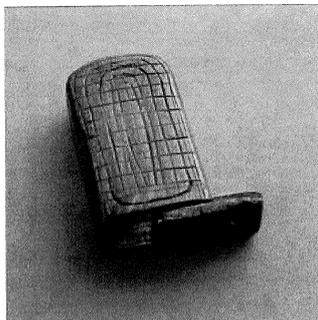
155 X 140 mm.

Candelabro de sete braços. Ícone do Judaísmo, simboliza a árvore da vida, e os sete braços, os sete planetas ou as sete palavras que compõem o primeiro versículo de Génesis.

© MJB 2005

fig. 32 – Menorah

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte.

**MEZUZAH**

Madeira. Sécs. XVI-XVII.

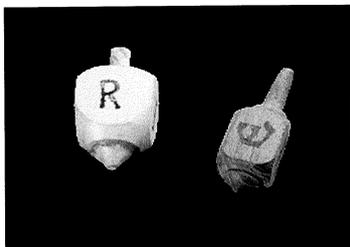
60 X 29 X 17 mm.

Portátil no bolso, decorada com estilização de Menorah gravado à mão, abrindo com tampa de correr. No interior era introduzido o pequeno pergaminho, contendo duas passagens bíblicas do Deuteronomio. Peça rara, que *fugiu* à Inquisição e sobreviveu oculta, passando de geração em geração, ao longo dos séculos. Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 33 – Mezuzah

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**SEIVON (PIÃO)**

Madeira

Caracteres hebraicos pintados a negro.

55 X 19 mm.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

SEIVON (PIÃO)

Madeira

Caracteres latinos pintados a negro,

iniciais de Rapa, Tira, Deixa, Põe.

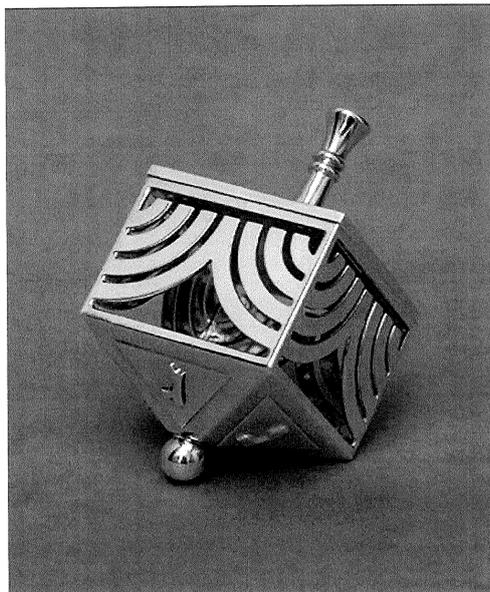
50 X 24 mm.

Col. Família Carqueja Rodrigues

© MJB 2005

fig. 34 – Pião

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte



SEVIVON (PIÃO)

Metal prateado Christofle
(Collection Judaïque). 1994,
design Bernard Yot.

7,1 X 3,8 mm.

Peça de corpo paralelepípedo, de
secção quadrangular, com
decoreção estilizada simétrica de
hanukkah, sobre base prismática
com caracteres hebraicos (iniciais
da frase "um grande milagre
ocorreu lá", referente ao milagre
da festa da Hanukkah) e remate
esférico; volante com duas
nervuras.

© MJB 2005

fig. 35 – Pião

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte



ESTELA FUNERÁRIA DECORADA COM MENORAH

Réplica de lápide em mármore da
necrópole paleocristã de Mértola.
365 X 220 mm.

Leitura:

[...]
[...V]ixit ann[os...]
[...re]cessit i[n]
[pa]ce die quart-
[as n]onas Octo-
[bre]s Era DXX

Tradução:

(nome desconhecido) viveu (número
desconhecido) de anos e morreu em paz
no quarto dia das nonas de Outubro da
era de 520 (= 4 de Outubro de 482).

© MJB 2005

fig. 36 – Estela Funerária

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**EPÍGRAFE VOTIVA**

Inscrição hebraica em granito da antiga sinagoga de Belmonte (Col. Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco). Ano de 1297.
350X 400 X 250 mm.

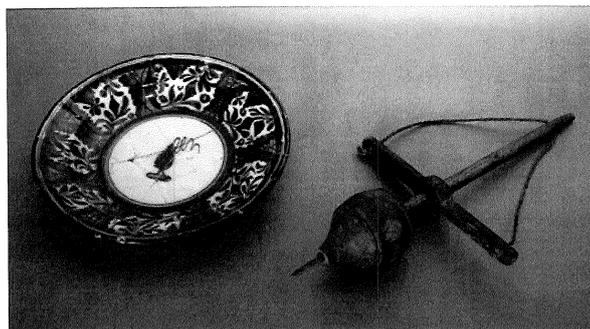
Tradução:

É Adonai está no Seu templo sagrado, emudece perante Ele toda a terra (S. Schwarz).

© MJB 2005

fig. 37 – Epígrafe Votiva

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**ZARANGUITANA**

Peça de madeira, em forma de grande pião com ponte de ferro e eixo embutido na parte superior onde gira um volante suspenso por fio. Sécs. XIX-XX. 450 X 260 mm.

Destinado a consertar pratos de cerâmica. Pertenceu a um ambulante conhecido por "Judeu".
Col. Família Carqueja Rodrigues

PRATO

Prato covo, vidrado, com decoração vegetalista azul sobre branco. Concertado com grampos.
Louça de Viana com marca de pintor : A.C. 45 X 312 mm.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 38 – Zaranguitana e Prato

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**MARTELO**

Martelo de latoeiro em ferro e cabo de madeira.
200 X 135 mm.
Para trabalhar em latão.
Col. Família Carqueja Rodrigues.

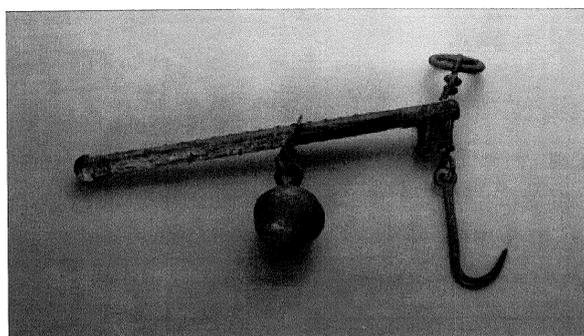
BIGORNA

Bigorna de ferro com anel, para trabalhar latão.
235 X 120 mm.
Pertenceu a uma família de cristãos-novos, onde houve, até ao século XX, ferreiros e latoeiros.
Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 39 – Martelo e Bigorna

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

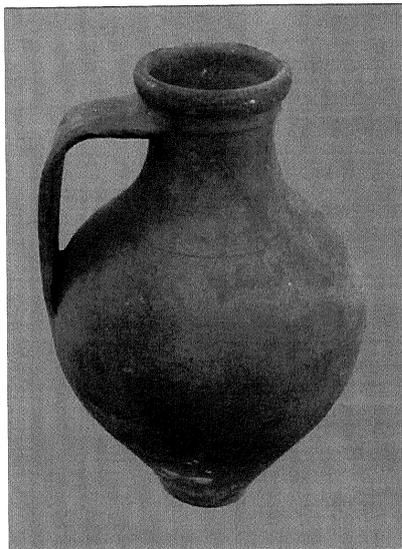
**BALANÇA "ROMANA"**

Ferro e braço em madeira graduado, articulado em argola para suspensão. Cursor de chumbo. Sécs. XVI-XVII.
265 X 290 mm.
Possivelmente para pesar especiarias. Raríssima.
Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 40 – Balança Romana

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**CÂNTARO**

Cerâmica. Séc. XX.
450 X 250 mm.

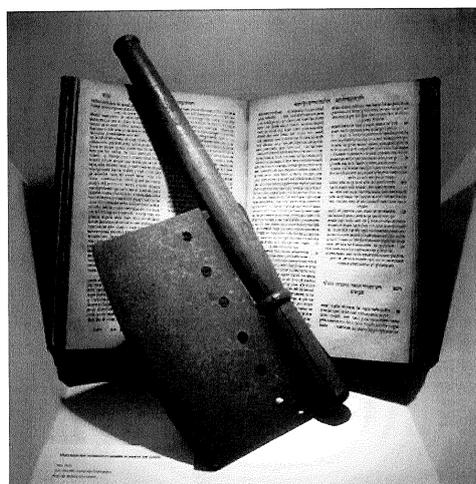
Ligado ao ritual de purificação de *desintreflar* a casa, após a morte de alguém, para evitar que o veneno do Anjo da Morte possa ser bebido pelos da casa.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 41 – Cântaro

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**TRATADO EM HEBRAICO SOBRE O ABATE DE GADO**

Séc. XVI.

Col. Família Carqueja Rodrigues.
Enc. da época em couro.

MACHADO

Lâmina subrectangular de ferro com gume arqueado seis perfurações circulares junto ao cabo de madeira, fixo por espigões de ferro.

412 X 160 mm.

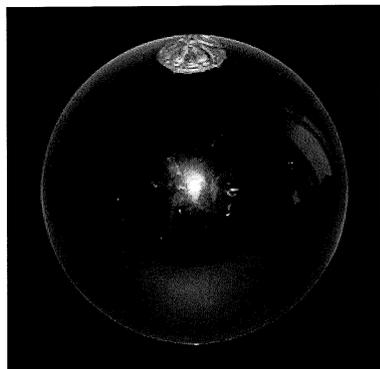
Para o abate do gado, segundo o ritual *casher*.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig 42- Tratado em hebraico sobre o abate de gado e Machado

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**BOLA**

Vidro azul, com reflexos metálicos. Séc. XIX.
180 mm.

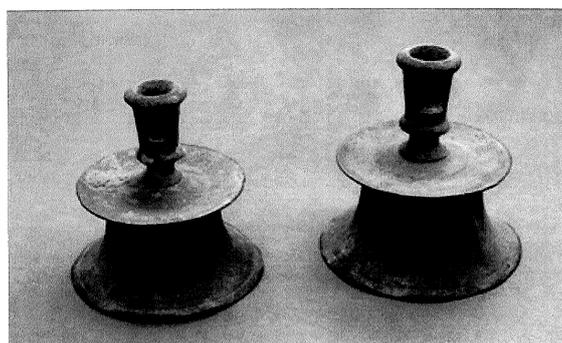
Havia quatro bolas, de cores diferentes, que ornamentavam os quatro cantos da sala onde se festejava o *Sukkot* (Festa das Cabanas ou Tabernáculos).

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 43 – Bola

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**CASTIÇAIS PARA AS VELAS DO SHABBAT**

Latão. Séc. XVI.

140 X 120; 140 X 125 mm.

Base circular espalmada com copo para vela, aplicado.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 44 – Castiçais

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**MENORAH**

Latão com banho de estanho. Séc. XX.

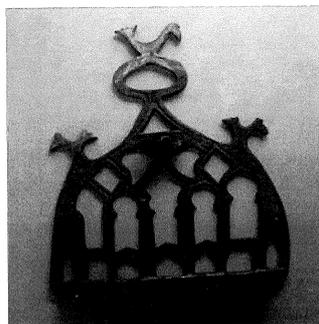
155 X 140 mm.

Candelabro de sete braços. Ícone do Judaísmo, simboliza a árvore da vida, e os sete braços, os sete planetas ou as sete palavras que compõem o primeiro versículo de Génesis.

© MJB 2005

fig. 45 – Menorah

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**HANUKKAH**

Cobre. Medieval (?), com influências marroquinas.

233 X 170 mm.

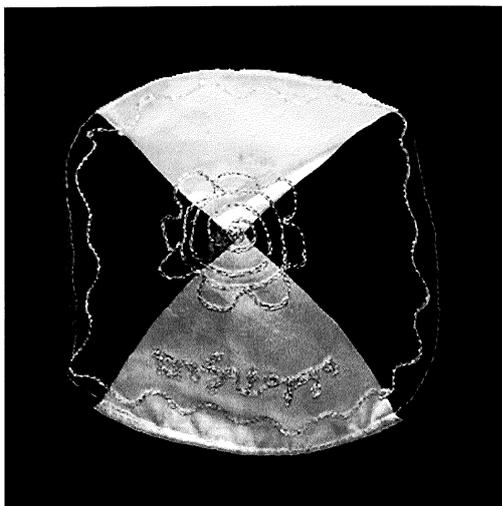
Lâmpada para óleo, tendo oito bocas na base para conter as torcidas, alimentadas a azeite, e uma ao alto, que constitui o acendedor.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 46 – Hanukkah

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**KIPPA**

Kippa de seda. Foi usado por Sam Levy, figura proeminente da cultura portuguesa e presidente honorário da Comunidade Judaica de Lisboa (1912-1997).

Col. Família Carqueja Rodrigues

© MJB 2005

fig. 47 – Kippa

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**COPO**

Pedra calcárea, com Menorah gravada. Sécs. XIX-XX.

171 X 63 mm.

Destinado à bênção do vinho, quer na cerimónia do Shabbat, quer em outras festividades.

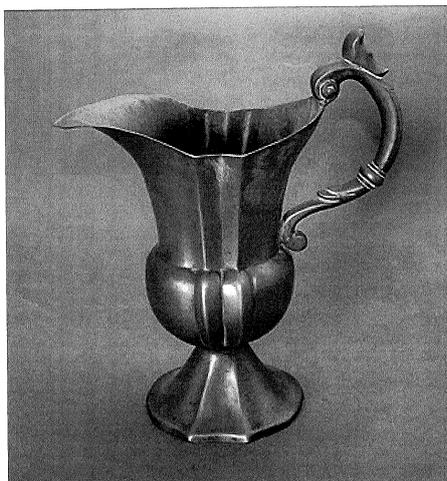
Usado na Havdalah, cerimónia do final do Shabbat, que separa o sagrado do profano.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 48- Copo

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**GOMIL**

Bilhão. Séc. XVII.

265 X 215 mm.

Recipiente com corpo bojudo, boca esvasada e pé alto e asa maciça, decorada, soldados.

Usado no Seder do Pessah.

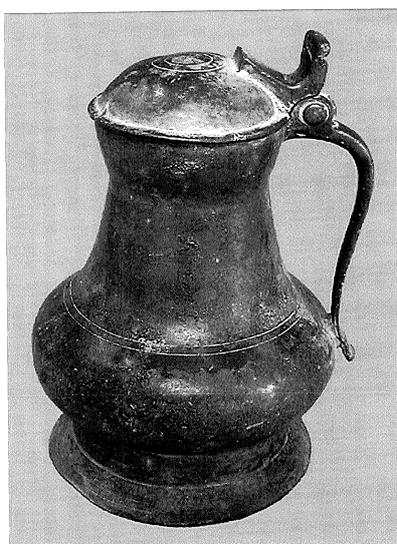
É considerado exemplar único.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig 49 – Gomil

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

**PICHEL PARA VINHO**

Estanho. Séc. XVII. Possível fabrico português.

260 X 163 mm.

Foi usado na ceia de Shabbat e nos dias festivos.

Col. Família Carqueja Rodrigues.

© MJB 2005

fig. 50 – Pichel para vinho

Fonte: Catálogo do Museu Judaico de Belmonte

ANEXO III

DOCUMENTOS

Obras e Projectos

Deliberado adjudicar o arranjo envolvente da Piscina de Cária, pelo valor de 4.155.845\$00, a que acresce o IVA.

Deliberado adjudicar a pavimentação da Rua Nova em Belmonte-Gare, Rua dos Eucaliptos - Ligação à E.N. 18-3, em Caria-Gare e Caminho do Santo Antão, em Belmonte, pelo valor de 24.899.893\$00, a que acresce o IVA, as quais já se encontram pavimentadas.

Deliberado adjudicar o fornecimento do Projecto da Remodelação do Auditório da ex-Casa do Povo em Belmonte pelo valor de 7.500.000\$00, a que acresce o IVA.

Deliberado adjudicar o fornecimento do projecto para a Biblioteca Municipal de Belmonte (Remodelação do Solar dos Cabrais), pelo valor de 11.500.000\$00, a acresce o IVA.

Deliberado adjudicar o fornecimento do projecto para instalação do Museu Judaico e Arquivo Municipal (Recuperação do Edifício do primeiro Colégio de Belmonte), pelo valor de 8.500.000\$00, a que acresce o IVA.

Deliberado adjudicar a Pavimentação de Caminho Municipal de Colmeal da Torre, pelo valor de 4.982.477\$00, a que acresce o IVA.

Deliberado aprovar o estudo prévio do Projecto do Centro Coordenador de Transportes de Belmonte.



doc.1 -Acta da sessão da Câmara Municipal de Belmonte do dia 5/12/2000, p.

5, trata da requalificação do futuro prédio Museu Judaico

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Belmonte



Câmara apresenta projecto do Museu Judaico de Belmonte



O Presidente da Câmara, Amândio Melo, usando da palavra

A Câmara Municipal de Belmonte, apresentou no passado dia 20 de Junho, na Sinagoga de Belmonte, o projecto do Museu Judaico de Belmonte.

Na mesma data e local, foi também apresentado o livro "Os Últimos Criptojudeus em Portugal", da autoria do escritor belmontense Dr. David Canelo.

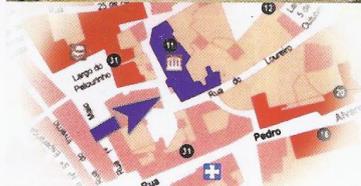
Estas cerimónias foram presididas por Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado do Turismo, Dr. Vitor Neto, que referiu a vontade da sua Secretaria de Estado em apoiar este projecto.

Estão também garantidas, em princípio, verbas do QCA III.

O Senhor Professor Doutor Adriano Vasco Rodrigues, fez a apresentação do livro "Os Últimos Criptojudeus em Portugal" e comunicou publicamente ao Senhor Presidente da Câmara a disponibilidade, para depositar no futuro Museu Judaico, uma quantidade de peças significativas, que são pertença da sua família ligadas ao Judaísmo Português.



A Mesa que presidiu às Cerimónias



Em cima: O edificio onde vai ser instalado o Museu Judaico
Em baixo: Planta da Malha Urbana, onde se situa o edificio

Senhor Presidente da Câmara Municipal, Amândio Melo, na sua intervenção, referiu a importância que este equipamento irá ter para o Município de Belmonte, pretendendo-se que ele sirva para perpetuar a história da Comunidade Judaica ao longo dos Séculos, no que diz respeito à sua existência em Belmonte e à sua importância no desenvolvimento do Município.

Disse ainda o Senhor Presidente da Câmara que se pretende que este espaço museológico dê espe-

cial atenção aos hábitos quotidianos, nomeadamente os referentes à alimentação, vestuário, profissões e seus utensílios, à habitação, bem como às práticas cerimoniais e que tenha uma importância fundamental no contexto nacional, no que concerne à história do Judaísmo em Portugal.

Este Museu irá ser instalado no edificio onde funcionou o primeiro Colégio de Belmonte, que a Câmara já adquiriu e vai ser recuperado.



Câmara Municipal



de Belmonte

Museu Judaico de Belmonte Adjudicado

Já foi adjudicada a empreitada respeitante à recuperação do edifício do primeiro Colégio de Belmonte, para aí ser instalado o Museu Judaico de Belmonte.

As obras deverão ter início nos primeiros meses do próximo ano 2003 e a sua conclusão deverá acontecer no ano 2004.

Muito em breve irão ser abertos os concursos respeitantes à Musealização e aquisição do respectivo equipamento e mobiliário.



Futuras Instalações do Museu Judaico
de Belmonte



Museu Judaico Em construção



Alçado Principal



Alçado Posterior

As obras de recuperação do edifício onde vai ser instalado o Museu Judaico de Belmonte, já se encontram em execução e a bom ritmo.

O custo desta obra está estimado em cerca da 1.300.000 € e está a ser co-financiada por Fundos Comunitários, através da Acção de Base Integrada da Serra da Estrela.

Entretanto e no sentido de aumentar o financiamento deste equipamento foi efectuada uma candidatura a fundos do Instituto de Apoio ao Turismo.

O valor, atrás referido, inclui não só a recuperação do imóvel, bem como todo o equipamento e a respectiva musealização.

Pretende-se que este Museu seja um símbolo, a nível nacional, da história do Judaísmo em Portugal.

Espera-se que durante o primeiro semestre do próximo ano, o Museu esteja em condições de funcionamento.

doc. 4 – Jornal O Belmontino, nº 10, Jul 2003, p. 7.

Fonte: Biblioteca Municipal de Belmonte.

Museu Judaico

Abre no próximo ano

A remodelação do Edifício onde irá ser instalado o Museu Judaico de Belmonte, encontra-se numa fase avançada de construção, pelo que se prevê que dentro de poucos meses a obra esteja concluída.

Entretanto, já se iniciou o processo que visa definir a colecção das peças museológicas e restante equipamento.

A colecção deste Museu vai ser composta na sua maioria, pelas peças que o Senhor Professor Dr. Adriano Vasco Rodrigues, oportunamente decidiu depositar neste Museu.



Auditério e Sala da Exposição Permanente do Museu



O BELMONTINO • Nº 11 | DEZEMBRO 2003



doc. 5 – Jornal O Belmontino, nº 11, dezembro de 2003, p. 8.

Fonte: Biblioteca Municipal de Belmonte

Museu Judaico de Belmonte Remodelação do Edifício concluída

Encontra-se já concluída a obra de remodelação do Edifício do Primeiro Colégio de Belmonte, onde irá ser instalado o Museu Judaico/Centro de Estudos Judaicos.

Iniciado que foi o processo de musealização do referido Museu, encontra-se em fase de adjudicação a aquisição do mobiliário e do equipamento.



O edifício está pronto para receber o Museu e Centro de Estudos Judaicos



O BELMONTINO • Nº 12 | JUNHO 2004



Museus

A Câmara Municipal de Belmonte vai apresentar o 1º Museu Judaico de Portugal

As obras da construção do imóvel estão concluídas, tendo, para o efeito, sido recuperado o edifício do 1.º Colégio de Belmonte, situado no centro histórico da vila. Neste momento, estão a ser desenvolvidos os trabalhos de musealização. No que a estes diz respeito, tratou-se de uma tarefa complexa, devido ao facto de se entender que o museu deveria conter peças originais e representativas, para atingir o seu autêntico objectivo museológico.

A Câmara Municipal de Belmonte apostou num trabalho especializado, em ordem não só à criação de um museu de reconhecido interesse local e regional mas também, e principalmente, de âmbito nacional e internacional, que seja capaz de atrair visitantes de todo o mundo. As estimativas apontam para algumas dezenas de milhares de visitantes só no 1.º ano da sua actividade, incluindo as visitas de estudo de alunos das escolas portuguesas, o que tornará muito exigente e profissional o seu funcionamento, para além de ter de levar à edição de material multimédia e de catálogos pedagógicos que permitam aos professores dos ensinos básico, secundário ou superior trabalhar com os seus alunos. Tendo em vista esse reconhecimento, vai ser desenvolvido todo um trabalho qualificado com vista à promoção e divulgação do Museu para Portugal e para o Mundo, especialmente para os países da Comunidade Europeia, Israel e Estados Unidos da América. O estudo para o estabelecimento de parcerias culturais e científicas com os grandes museus judaicos existentes em países estrangeiros irá também ser perspectivado, de modo a que o Museu Judaico de Belmonte venha a conseguir um papel importante, dentro do seu enquadramento próprio, neste específico panorama cultural da rede internacional.

O Museu pretende ser um singular espaço pedagógico-didáctico sobre o Judaísmo e a cultura do povo judeu, cumprindo uma missão educativa. Fundamentalmente, ilustra a história dos judeus portugueses e as suas vicissitudes históricas; a sua integração na sociedade portuguesa e o seu contributo na cultura, arte, literatura, comércio e ofícios; e ainda a cultura e religião dos judeus, os seus rituais e costumes, na sinagoga e em casa. A história dos cristãos-novos, e a sua persistência religiosa judaica através dos séculos, será desenvolvida, integrada num espaço reservado à vida quotidiana. Outros espaços serão reservados para as suas actividades profissionais, comércio e artesanato: mercadores, ferreiros, carpinteiros, latoeiros,



1925 - Judeus de Belmonte celebram a festa da Páscoa



Kipa



Candeieiro de Hanuka
Epoca Medieval.



GOMIL
Usado no Seder do Pessah.
Exemplar único em Portugal.
Séc. XVII



Castiçal do Shabat
Séc. XVI



Histoire des Juifs
Flavius Ioseph
1667

ourives, remendadores de pratos, curtidores de peles, tanoeiros, etc. A evocação do passado assume-se muito relevante, como informação para as gerações actuais e futuras. Concretiza-se um projecto de musealização com mais de uma centena de peças originais (para lá de outras), da Idade Média e dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, peças genuínas que foram utilizadas por judeus, cristãos-novos e seus descendentes, nos seus actos religiosos, na sua vida quotidiana e nas suas profissões.

O museu é composto por três pisos. A partir da entrada principal, no piso 1, acede-se a um átrio/recepção, onde se localizam os serviços de atendimento, a loja do museu e um auditório. Por escadaria e elevador, sobe-se ao piso 2, destinado à exposição permanente. Aqui, o percurso inicia-se por uma visão abrangente dos conteúdos do Judaísmo. Depois, o trajecto continua com um núcleo dedicado à história e cultura judaica em Portugal. Destacam-se registos importantes, como o movimento da diáspora e os tempos mais atribulados, que serão recordados, em especial, por um Memorial às vítimas da Inquisição. Aspectos do cripto-judaísmo e da Obra do Resgate farão a relação com o espaço dedicado à comunidade judaica de Belmonte, revelando, assim, a sua singularidade histórica. Merecem referência particular as principais festas do calendário litúrgico (Sabbath, Purim, Pessah, Rosh Hashana, Yom Kipur, Sucoth, Hanuká...), cerimónias religiosas associadas ao ciclo da vida (circuncisão, Bar Mishvá, Bat Mishvá, casamento, morte...). O piso 3 é reservado para exposições temporárias, para a área da direcção e administração e ainda para o Centro de Estudos Judaicos. Pela originalidade deste museu no quadro da rede nacional, a Câmara Municipal de Belmonte apostou na criação deste centro de estudos, como unidade de investigação e divulgação dos estudos judaicos, que será constituído por um importante arquivo de documentação histórica e uma biblioteca especializada, complementados por recursos informáticos e tratamento de dados. Este centro denominar-se-á "Centro de Estudos Judaicos Professor Adriano Vasco Rodrigues", em homenagem a este grande educador e investigador português.



Retábulo Senhor da Boa-Morte
Séc. XVI



Destaque

Museu Judaico/Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues Inaugurado

No passado dia 17 de Abril, a Câmara Municipal procedeu à inauguração e abertura do Museu Judaico e do Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues.

Estrutura da máxima importância, quer em termos culturais e históricos, quer em termos de desenvolvimento económico do Município de Belmonte, recebeu a visita de cerca de

3.000 pessoas, desde a sua abertura ao público, não estando neste número reflectidas as visitas efectuadas no dia da sua inauguração, nem as visitas dos naturais e residentes do Concelho, que são gratuitas.

Trata-se, sem dúvida, de um equipamento de grande qualidade, de que o nosso Município passou a dispôr e que é o único, do género, existente no nosso País.

Pretende-se que este Museu seja o grande impulsionador do desenvolvimento do turismo cultural, actividade que acreditamos virá a ser, a curto prazo, um importante factor de desenvolvimento da economia do nosso Município.

Tendo em conta que, para além do seu carácter pedagógico, este Museu tem também uma vertente de desenvolvimento económico e turístico, a Câmara Municipal decidiu entregar a gestão desta infra-estrutura à Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento do Concelho de Belmonte.



Destaque

Museu Judaico

A cerimónia de inauguração foi presidida por Sua Excelência o Senhor Ministro dos Assuntos Parlamentares, Dr. Augusto Santos Silva, em representação de Sua Excelência o Senhor Primeiro Ministro, Engenheiro José Sócrates e contou com a presença de muitos convidados e de muita população do nosso Concelho.

Na Sessão Solene intervieram várias personalidades, entre elas, Sua Excelência o Senhor Ministro dos Assuntos Parlamentares Dr. Augusto Santos Silva, do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Belmonte, do Presidente da Direcção da Comunidade Judaica de Belmonte, Moisés Morão, o Senhor Dr. Adriano Vasco Rodrigues, a representante do Senhor Embaixador de Israel, e Coordenador da AIBT Serra da Estrela, Eng^o Lemos Santos.

Após a Sessão Solene, os convidados e a população presentes tiveram a oportunidade de, pela primeira vez, visitarem este espaço museológico ímpar e pioneiro no nosso País, no que diz respeito à temática do Judaísmo.



Destaque

Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues



Para além do Museu propriamente dito, o Museu Judaico compreende um moderno Auditório devidamente equipado, com lotação para cerca de 75 pessoas, onde se podem levar a efeito palestras, simpósios, reuniões, etc.

Outras das valências desta estrutura museológica é o Centro de Estudos Adriano Vasco Rodrigues, dispondo de algumas centenas de livros e documentação, para consulta e pesquisa, não só de estudiosos, mas que também pode ser utilizado pela população escolar e população em geral.

O Centro de Estudos possui ainda equipamento informático com ligação à INTERNET.

Este Centro de Estudos foi também inaugurado no dia 17 de Abril, pelo seu patrono, Senhor Pof. Dr. Adriano Vasco Rodrigues.

Ao atribuir o nome do Centro de Estudos ao Senhor Prof. Dr. Adriano Vasco Rodrigues, a Câmara Municipal de Belmonte quis homenagear este ilustre investigador que depositou no Museu Judaico muitas das peças que constituem a colecção daquele espaço museológico.



Destaque

Presidente da República Visita Museu Judaico



Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, visitou no dia 7 de Novembro de 2005, o Museu Judaico de Belmonte, no âmbito da Presidência Temática sobre o Turismo.

Muitas centenas de pessoas estiveram no Largo do Pelourinho, em Belmonte para receber Sua Excelência o Senhor Presidente da República, que depois se dirigiu ao Museu Judaico, para visitar este importante equipamento museológico.

No auditório do Museu decorreu uma pequena Sessão, em que intervieram, Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Belmonte, Amândio Melo, o Senhor Presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela, Jorge Patrão e o Senhor Presidente da Direcção da Comunidade Judaica de Belmonte, Moisés Morão.



Reportagem ■ Judeus de Belmonte

O Museu Judaico de Belmonte abre hoje portas ao público e aos investidores da questão judaica. Depois da integração deste município da Beira Interior no roteiro das aldeias históricas, é a vez de se juntar agora aos circuitos do turismo cultural e religioso. Um caminho para o desenvolvimento, num concelho partilhado, ao longo de séculos, por judeus e católicos. Aqui vive a principal comunidade criptojudaca portuguesa.

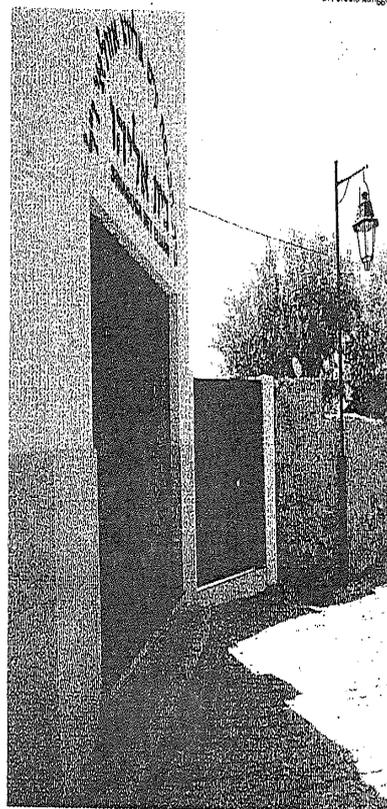
A memória dos marranos

■ PAULA FERREIRA
■ ANA SOFIA RIBEIRO

Nas várias salas do edifício, situado nas traseiras da igreja matriz de Belmonte, os operários davam os últimos retoques no espaço que, a partir de hoje, fica aberto à curiosidade de todos os que querem saber algo mais sobre o judaísmo. Alheios à confusão, quatro rabinos, entre eles Elisha Salas, responsável pelo culto na sinagoga local, mostram-se satisfeitos por encontrar em local recôndito uma casa "tão interessante": o Museu Judaico.

Além de um espólio, que nos faz viajar pela memória do povo judeu em Portugal, desde os aspectos religiosos ao quotidiano, o Museu de Belmonte será, por outro lado, o local por excelência para o estudo do judaísmo, mas também para adquirir produtos, como o vinho *kasher* e o azeite, feitos na região. Dividido em três pisos, o espaço museológico acaba por cingir-se ao segundo andar.

Numa das enormes paredes emerge uma das memórias mais violentas deste povo. Muitos dos nomes dos judeus portugueses mortos



ESPÓLIO. O percurso de um povo num espaço dedicado à investigação

para iluminar toda a tragédia. A listagem completa das vítimas poderá ser consultada numa base digital disponibilizada aos visitantes.

concelho onde nasceu Pedro Álvares Cabral nos roteiros do turismo cultural e religioso. A presença dos rabinos, ainda antes da inaugura-

■ QUANTOS SÃO?

Portugueses com origens hebraicas

Em Portugal vivem cerca de 700 judeus. O maior número encontra-se em Lisboa, à volta de 500; no Porto residem apenas 50. É em Belmonte que a comunidade se apresenta mais forte, não pelo número - 150 indivíduos - mas pelas práticas ancestrais. O rabino Elisha Salas afirma, contudo, que cerca de 60% da população portuguesa é marra-na. Algo atestado pelos apelidos. "Quando D. Manuel obrigou os judeus a converterem-se ao catolicismo, adoptaram nomes de plantas e de profissões". Um sinal que perdura até hoje nos Pereiras, Ferreiras, Laranjeiras, Silvas e outros.

ao que já está exposto. Já o mexicano Carlos Salas lamentou que o seu país, com cem milhões de habitantes, não tenha conseguido desen-

ção da sinagoga, que substituiu um espaço de culto do século XIII, a comunidade judaica de Belmonte conseguiu enterrar os seus mortos em espaço próprio. Agora, por iniciativa da autarquia, é a memória dos marranos que fica preservada.

A vida dos judeus de Belmonte está perfeitamente integrada no quotidiano. Mas a marca da clandestinidade perdura, presente ainda na recusa em assumir a sua condição perante estranhos. Na judaica, onde ainda vivem alguns criptojudaus, abrem-nos a porta. Quando depara com estranhos e uma máquina fotográfica, a idosa não quer sequer saber qual o assunto que nos levou a procurá-la. "Tenho muito que fazer, não tenho tempo", assim ilude o diálogo.

Nem todos, porém, reagem da mesma forma. Emília Henriques lembra que a sua família sempre viveu em Belmonte e, mesmo nos tempos de maior clandestinidade - como a vivida no período da ditadura -, na sua casa "cumpriam-se todos os preceitos". Um tempo que Emília acredita estar perto do fim. O filho, comerciante como a maioria dos judeus de Belmonte, casou com uma católica. "Acabou-se", diz Emília, resenada. "Castrou-me um

HISTÓRIA III ► Ministro Augusto Santos Silva na inauguração do Museu Judaico de Belmonte

“Judeus são elemento vivo”

“Os judeus de Belmonte não são uma curiosidade histórica, são um elemento vivo da liberdade”, realçou Augusto Santos Silva, ministro dos Assuntos Parlamentares, na inauguração do primeiro museu judaico de Portugal, ontem, em Belmonte. “O Portugal democrático tem um elemento de cumplicidade com os judeus de Belmonte, porque, para que fosse uma democracia, foi preciso que muita gente resistisse nas mãos da ditadura”, comparou o governante, num discurso de improviso contra “a intolerância”.

O novo Museu Judaico de Belmonte é a peça fundamental para a Rota das Antigas Judiarias que a Região de Turismo da Serra da Estrela (RTSE) pretende dinamizar. “É uma rota turística pelos antigos bairros judeus”, passando pela Guarda, Trancoso, Gouveia, Linhares da Beira, Celorico da Beira, Penamacor e Covilhã, explicou Jorge Patrão ao JN, à margem da cerimónia de aber-



Ministro discursou de improviso contra a “intolerância”

tura do museu. “Para além da última comunidade judaica que resistiu à Inquisição, sediada em Belmonte, a RTSE alberga o património de outros núcleos judaicos que mantêm a tradição hebraica”, realça aquele responsável para justificar a importância da rota.

Recorde-se que na região são produzidos vinho e azeite kosher

(para consumo judeu), respectivamente pela Adega Cooperativa da Covilhã e pela Cooperativa de Penamacor - Penazeites.

No próximo ano, o objectivo da RTSE passa por acolher um encontro mundial dedicado à identidade sefardita - judeus nascidos na Península Ibérica - para debater a história e tradições judaicas. “Em suma,

pretendemos relançar Belmonte como símbolo da identidade hebraica em Portugal”, conclui

Único no País, o museu reúne mais de uma centena de peças religiosas, domésticas e profissionais utilizadas por famílias hebraicas, sobretudo da Beira Interior e Trás-os-Montes. Jorge Patrão espera que por ali passem, “ainda este ano, cerca de 50 mil visitantes”. Este insere-se num conjunto de museus temáticos na área da Região de Turismo da Serra da Estrela: Museu do Pão e Museu do Brinquedo, em Seia; Eco-museu do Zêzere, também em Belmonte; e Museu dos Lanifícios, na Covilhã. Com mais de 300 mil visitantes anuais, o Museu do Pão de Seia é o mais procurado por turistas.

Segundo o presidente da RTSE, Belmonte poderá vir a acolher também um Centro de Interpretação dos Descobrimentos Portugueses, a instalar no antigo Solar dos Cabrais (família de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil).

Luís Fonseca

BELMONTE

CUSTOU UM MILHÃO DE EUROS

Museu judaico inaugurado

O primeiro Museu judaico português foi inaugurado em Belmonte por iniciativa da Câmara Municipal local, que investiu cerca de um milhão de euros na recuperação do antigo colégio local.

Comparticipado em cerca de 70 por cento pela AIBT da Serra da Estrela, o Museu reúne mais de uma centena de peças cedidas pelo historiador Adriano Vasco Rodrigues, pela família Carqueja Rodrigues, Matos Domingos, Morão, Henriques, e pela Comunidade Judaica de Belmonte.

Entre as peças encontra-se o rolo do primeiro Sefer Torah (Lei Hebraica) de Belmonte, um conjunto monetário hebraico encontrado em Mértola em 1968 no decurso da demolição de um muro antigo, presumivelmente de uma habitação datada de 6 a 9 depois de Cristo, uma Hanukiah (candelabro de nove braços) do século XV, e uma estela funerária (réplica) encontrada em Mértola. Destaca-se ainda a réplica da inscrição hebraica em granito da antiga Sinagoga

indumentária religiosa utilizada nas diferentes festas judaicas (Páscoa, Purim, tabernáculos, Luzes, etc).

O museu comporta um auditório com 70 lugares e um Centro de Estudos Hebraicos dedicado a Adriano Vasco Rodrigues, biblioteca, zona de reservas, multimédia e uma galeria de quadros de Miriam Rodrigues. Um memorial com nomes recorda as vítimas da Inquisição, algumas das quais oriundas de Belmonte, entre as quais Inês Nunes, de 14 anos. Adriano Vasco Rodrigues apresentou na ocasião o livro "O Resgate dos Marranos Portugueses" de David Augusto Canelo,

Edifício foi participado pela AIBT da Serra da Estrela

editado pelo Município. Rodrigues recordou que sobretudo desde o século XIX que se intensificaram os estudos sobre a presença hebraica em Portugal, citando como exemplos Mendes dos Remédios, Luís Bivar Guerra, o Abade de Baçal, e, mais recentemente, Maria

Elvira Mea, ele próprio e Maria Antonieta Garcia, entre outros.

Recordou a constituição na Guarda em 1978 da Associação de Amizade Portugal-Israel, de que foi primeiro presidente o então deputado socialista José Luís Nunes, organização responsável pela organização de vários congressos de reflexão e estudo sobre a presença hebraica realizados na Guarda, Trancoso, Belmonte, Moncorvo, Castelo de Vide, Porto e Lisboa. Adriano Vasco Rodrigues salientou o apoio que Jaime Gama, actual Presidente da Assembleia da República, deu conjuntamente com Sam Levy,

dirigente da comunidade hebraica de Lisboa, para a realização em 1996 do Congresso sobre judeus em Lisboa. A bênção do edifício foi feita pelo Rabino Elisha Sa-

las, que considerou o equipamento como "homenagem ao judaísmo português". Estiveram presentes representantes das comunidades da Guarda, Lisboa e Porto, da Embaixada de Israel, autarcas relacionados com a presença judaica na Beira Interior, historiadores e empresá-

Primeiro museu judaico português inaugura-se domingo em Belmonte

O primeiro museu judaico português abre ao público domingo, em Belmonte, com um espólio que mostra mais de 500 anos de presença hebraica em terras portuguesas. O Museu Judaico ocupa o edifício do antigo colégio local, adaptado pela câmara municipal, onde foram investidos cerca de um milhão de euros, participadas em cerca de 70 por cento pela Acção Integrada de Base Territorial (AIBT) da Serra da Estrela.

O espaço integra uma sala de exposições permanentes,

espaço de exposições temporárias, auditório com 70 lugares, Centro de Estudos Judaicos e loja onde serão vendidos produtos *casher* (azeite, vinho) certificados pela entidade religiosa judaica e produzidos na Beira Interior. O espólio resulta de doações da comunidade judaica de Belmonte e de várias famílias.

Uma *hanukiah* (candelabro de nove braços utilizado na Festa das Luzes) do século XV é a peça mais antiga do museu, onde podem ser vistos *menorah* (candelabros de

sete braços), *mezuzah* (objectos com a lei hebraica afixados nas portas das casas dos judeus), utensílios domésticos, o "fogareiro" onde é tradicionalmente cozido o pão ázimo (*matsah*), *teflin* (correias de couro que se ajustam à cabeça e ao braço nas práticas religiosas), *tallit* (manto religioso), *kipah* (solidéu) ou vestuário branco utilizado pelos homens na feitura do pão.

Segundo Elisha Salas, rabino do Porto e de Belmonte, o Museu Judaico é "uma peça fundamental da memória co-

lectiva portuguesa e, sobretudo, uma referência e reconhecimento do povo judeu num país, hoje democrático, mas que no passado foi marcado pelos horrores da Inquisição, que perseguiram sobretudo os judeus".

Para David Canelo, historiador que se tem dedicado ao estudo da comunidade judaica de Belmonte, o museu "vai seguir os passos do judaísmo português desde a Idade Média até à actualidade, numa perspectiva científica, mas também histórico-cultural". ■ LUSA

doc. 15 – Jornal O Público, 15/04/2005, p. 42

fonte: Biblioteca Municipal de Belmonte

Museu judaico abre portas em Belmonte

O primeiro museu temático dedicado ao judaísmo no País é inaugurado no próximo domingo, dia 17, em Belmonte.

Inserido numa vila que detém uma das maiores comunidades judaicas de Portugal, a infra-estrutura resulta da recuperação do antigo colégio da vila ocupando os três pisos do edifício situado em pleno centro histórico e que se encontrava em avançado estado de degradação.

A obra no valor de um milhão de euros foi executada pela empresa Constopre e

financiada pela Acção Integrada de Base Territorial da Serra da Estrela e pela Câmara Municipal de Belmonte.

As múltiplas facetas da vida do povo judeu desde tradições, costumes, vestuário e práticas cerimoniais vão estar representadas numa área de 400 mil metros quadrados onde grande parte do espólio foi oferecido pelo antigo Governador Civil da Guarda, Adriano Vasco Rodrigues.

O concelho de Belmonte, onde há cerca de duas décadas se revelou existir uma

comunidade de judeus, com cerca de 300 membros, é um dos que ainda mantém uma forte presença judaica. Este facto é uma das razões que motivou a criação do museu, mas não é a única.

Segundo o presidente da Câmara, aquele espaço "terá uma dimensão alargada a todo o país na redescoberta e divulgação da memória do judaísmo português e representa uma forma de corrigir algumas injustiças do passado".

O museu será integrado na Rota das Judiarias, roteiro pro-

movido pela Região de Turismo da Serra da Estrela (RISE) alargando assim a oferta turística na área cultural.

"É mais um passo para a credibilização da Serra da Estrela em termos turísticos e torna Belmonte a sede de um roteiro cultural de grande importância" salienta o presidente da RISE, Jorge Patrão.

Anova infra-estrutura faz parte de uma rede de cinco espaços temáticos que pretendem transformar Belmonte numa vila museu. Além do museu judaico fazem parte da

rede o Eco-Museu do Zézere, duas salas musealizadas no Castelo de Belmonte e ainda um antigo lagar de azeite, em recuperação, para recitar o ciclo da produção do azeite. Prevista está também a recuperação do Solar dos Cabrais, junto à Câmara de Belmonte onde será instalado um centro de interpretação dos Descobrimentos.

O museu chama-se Samuel Schwarz, em honra do judeu que, em 1939, adquiriu a antiga sinagoga de Tomar para ali instalar um museu judaico.

doc. 16 - Jornal Gazeta do Interior, 13/04/2005, p. 32.

Fonte: Biblioteca Municipal de Belmonte

História A descoberta das raízes judaicas

INAUGURAÇÃO
III> Museu Judaico nas Beiras, considerado pioneiro a nível nacional, abre hoje ao público

MUNDO HEBRAICO exposto em Belmonte

de Luis Fonseca

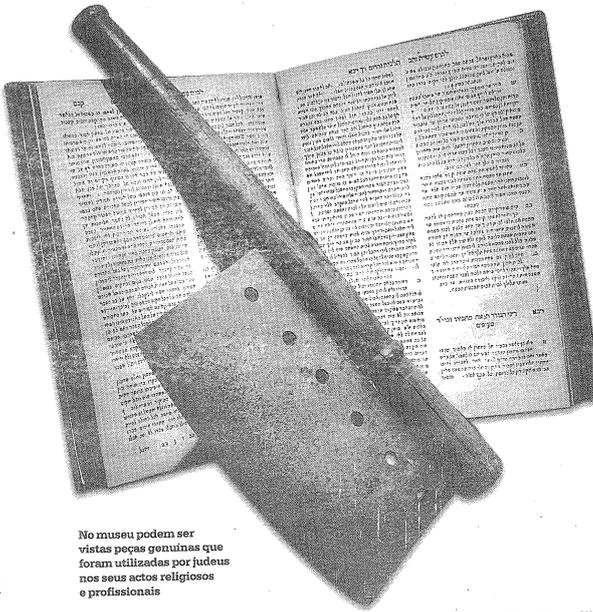
Pioneiro a nível nacional, é inaugurado, hoje, o Museu Judaico de Belmonte. Centenas de peças estão dispostas ao longo de um percurso desde os primeiros sinais de presença hebraica em território nacional, até às chaves judaicas que passaram de geração em geração até chegarem aos nossos dias.

Painéis explicativos e quadros alusivos às diferentes fases da vida judaica, completam o conjunto. "É um espaço que ambiciona cumprir uma missão educativa e abrir o mundo hebraico ao entendimento do público em geral", explica David Canelo, estudioso da comunidade judaica de Belmonte e um dos responsáveis pela criação do museu.

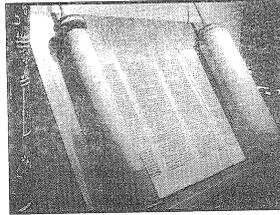
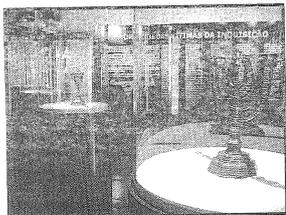
A ideia de instalar um museu em Belmonte já não é nova. Na vila, onde não falta uma sinagoga, está radicada uma das mais importantes comunidades judaicas do País. Estima-se que 90% do espólio – composto por peças artísticas utilizadas em práticas religiosas e profissionais – a exibir na abertura do novo museu tenha sido cedido por famílias judaicas.

Um hanukkah, candelabro de oito braços utilizado na Festa das Luzes, datado do século XV, é a peça mais antiga do Museu Judaico. Ali podem, também, ser vistos os Manorah, candelabros de sete braços e Mezuzah, objectos com a lei hebraica afixados nas portas das casas dos judeus, entre outros utensílios domésticos. "Ao todo, o projecto de musealização conta com mais de uma centena de peças originais da Idade Média e dos séculos XV a XX", realça David Canelo. "Ou seja, estamos a olhar para peças genuínas, que foram utilizadas por judeus, cristãos-novos e seus descendentes, nos seus actos religiosos, na sua vida quotidiana e nas suas profissões".

No percurso museológico, destacam-se ainda registos importantes, como o movimento da diáspora e os tempos mais atribulados, que são recordados, em especial, por um Memorial às Vítimas da Inquisição – aliás, as obras de instalação terminaram na última sexta-feira, com a afixação do Memorial, onde se incluem centenas de nomes, numa das paredes da principal sala do museu.



No museu podem ser vistas peças genuínas que foram utilizadas por judeus nos seus actos religiosos e profissionais



FOTOS: DÍPIPTOS RESERVADOS

Um milhão de euros investidos

III> O Museu Judaico ocupa o edifício do antigo colégio local, adaptado pela Câmara Municipal, onde foram investidos cerca de um milhão de euros, 70% pela Acção Integrada de Base Territorial (AIBT) da Serra da Estrela. O espaço integra uma sala de exposições permanentes e outra para mostras temporárias, um auditório com 70 lugares e uma loja onde serão vendidos produtos "kosher", cascos do azeite e vinho certificados pela entidade religiosa judaica e produzidos na Beira Interior. O imóvel vai albergar também no último piso o Centro de Estudos Judaicos Adriano Vasco Rodrigues, em homenagem a aquele historiador e escritor da região da Guarda, de raízes judaicas, cuja família cedeu grande parte do espólio do Museu Hebraico. O Centro vai servir de unidade de investigação e divulgação dos estudos judaicos e conta com um relevante arquivo de documentação histórica e uma biblioteca especializada, complementados por recursos informáticos. Depois de uma recepção aos convidados, a partir das 14,30 horas a inauguração oficial está agendada para as 15 horas, com a apresentação de um livro sobre o próprio Museu e de uma outra obra, "O Resgate dos Marranos Portugueses", da autoria de David Canelo. Depois deste domingo, o museu estará aberto ao público, das 10 horas às 12,30 horas e das 14 horas às 17,30 horas.

Voices

Amândio Melo
Presidente da Câmara de Belmonte



“Era urgente prestar uma real homenagem ao povo judeu e dar visibilidade à Comunidade Judaica de Belmonte, além de honrar a História. Além disso, está é um trabalho pedagógico com grande alcance”

Jorge Patrão
Presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela (RTSE)



“Belmonte é a sede de uma das mais importantes comunidades judaicas do País. Este Museu está associado à criação de rotas de turismo cultural, que têm sido utilizadas com base na história da presença Judaica”

Elisha Salas
Rabino do Porto e Belmonte



“É necessária a reactivação e recuperação do espírito judaico em Portugal. Que seja um Museu vivo, participado, que pode ser vivido e sentido por todos aqueles que têm no povo de Moisés uma fonte de fé, mas também de cultura”

Aspectos do criptojudaismo estabelecem uma relação especial com a comunidade judaica de Belmonte, “revelando, assim, a sua singularidade histórica”, sublinha David Canelo. Merecem ainda referência particular as principais festas do calendário litúrgico e cerimónias religiosas associadas ao ciclo da vida (circuncisão, casamento, morte), a que são feitas alusões ao longo do museu. “Fundamentalmente, ilustramos em todo este edifício, a história dos judeus portugueses e a sua integração na sociedade portuguesa e os seus contributos”, refere o estudioso.

BELMONTE

>> hábitos». Conseguiu-se? «Houve uma certa dificuldade em atrair os mais velhos».

A abertura do Museu Judaico (ver texto ao lado), que tem lugar amanhã, é bem vista justamente para que as pessoas se reconciliem com os objectos outrora clandestinos. Pessoalmente, Miguel considera-o «uma prova da presença de judeus em Belmonte ao longo dos séculos». Emocionou-se com peças «que nem pensava que existiam», como a «mezuzah» de bolso ou as chaves de casa que os expulsos faziam questão de levar consigo quando abandonavam o país.

Moisés avança pelas ruas da vila, à procura de sinais dos antepassados. Encontra uma casa em ruínas com uma cruz gravada na pedra. «Esta casa era de judeus», afirma sem reservas, parado frente a outra casa, também em péssimo estado. Na Rua do Inverno apresenta-nos dois prédios que pertenceram à sua família. Na muralha do castelo do século XII vai apontando indícios, como letras em hebraico, direitas ou invertidas, mais cru-

Miguel considera o museu «uma prova da presença de judeus em Belmonte ao longo dos séculos»

zes ou inscrições fundas. Em apenas cinco minutos mostra cinco símbolos. Mais adiante, perante uma igreja próxima que apresenta muitos destes exemplos, explica a sua teoria de que ali terá sido a antiga sinagoga. O pátio da igreja seria um cemitério: «Há gente enterrada aqui». Moisés não alinha com a voz corrente, segundo a qual a ancestral sinagoga se sediava na Igreja de S. Francisco, já destruída, mesmo ao lado da sua loja. A certa altura, quando a tentação de olhar para a pedra a cada passo começava a tornar-se irresistível, quase obsessiva, Moisés levanta os olhos por trás dos óculos embaçados e profere: «O maior símbolo da presença judaica em Belmonte são as pessoas».



Adriano Vasco Rodrigues cedeu ao museu parte do seu espólio pessoal

Museu da resistência

Perpendicular à Rua dos Heróis da Independência, ergue-se um edifício em pedra que outrora fora um colégio. O antigo proprietário, um homem de 83 anos, ficou satisfeito por ser autarquia a querer comprá-lo «e não um judeu qualquer». Até fez um preço especial. Os representantes da Câmara Municipal tiveram que agir com cuidado ao longo de todo o processo negocial, escondendo os motivos subjacentes à aquisição do imóvel. Concretizada a compra, vieram a saber que aquele homem, durante a II Guerra Mundial, fizera uma lista com os nomes de todos os judeus da aldeia para ser entregue a Hitler caso o nazismo chegasse a Portugal. O prédio de dois andares, que exteriormente mantém a traça original, foi remodelado e acondicionado para acolher o Museu Judaico de Belmonte, que inaugura amanhã.

Sobre esta história, pode dizer-se que se escreveu direito por linhas tortas. A comunidade judaica de Belmonte existe na vila há 800 anos e sobreviveu incólume à Inquisição porque soube disfarçar as suas origens. Convertidos à força em 1496, os judeus portugueses que não fugiram tornaram-se cristãos novos, mas raras vezes abjuraram a sua fé, mantendo-a viva à porta fechada, na mais secreta intimidade. Iam à missa, comungavam, baptizavam os filhos, casavam-se pela Igreja. Em casa, continuavam a respeitar o Shabat, procurando mil e um argumentos para interromper as tarefas à sexta-feira ao fim da tarde e reconhecê-las só ao domingo. À mesa, dentro do possível, mantinham os hábitos alimentares a que obriga a Lei (Torah). Aprenderam a arte da ocultação: quanto melhores cristãos fossem, menos suspeitas atrairiam. Os ju-

deus que aqui residiam eliminaram qualquer vestígio de judaísmo e adoptaram os rituais católicos a fim de que a sinistra «feita» do Santo Ofício não os tocasse. Sem textos escritos, sem líderes, sem sinagoga, atravessaram séculos transmitindo oralmente e de pais para filhos a religião proibida — mesmo depois de a proibição desaparecer. Essa forma de judaísmo escondido e pessoal, caracterizado pela perda de alguns elementos e a incorporação de outros alheios ao culto judaico «oficial», praticou-se nesta terra até os anos 80 do século XX. Os entendidos chamam-lhe criptojudáismo. Os judeus de Belmonte aceitam a contra-gosto esta categoria. O Museu Judaico — o primeiro do país — vem afirmá-los como aquilo que, segundo eles, sempre foram. Desde a construção da sinagoga em 1996, trata-se de mais um passo para fora do isolamento até certo ponto cultivado pelos próprios membros da hoje reduzida comunidade.

Curiosamente, a maior parte das peças que compõem o espólio do museu pertencem a descendentes de judeus conversos, que as guardaram durante centenas de anos. Lá dentro, reina o silêncio e uma luz ténue ilumina as vitrinas emolduradas por uma cor azul que contrasta com o branco das paredes. Saltam à vista os objectos religiosos, a «Sefer Torah» (que contém o Pentateuco num pergaminho de couro de animal «cacher», puro), candelabros de sete e nove braços («menorah» e «hanukiah») antiquíssimos ou recém comprados, de prata brilhante ou estanho opaco. A primeira edição francesa da História dos Judeus, de Flávio Joséfo, datada de 1667, recebe o visitante, assim como umas moedas cunhadas na

Judeia, que se supõe serem do ano 790 por teceadeiras transmontanas d.C. e constituem o documento mais antigo alusivo à presença judaica no nosso país.

Mas serão, porventura, as peças menos resplandecentes as que lhe chamam com mais força. Como uma chave de casa, legando-a às gerações seguintes. Como uma «mezuzah» portátil em me- deira que descansa num dos expositores judeus de Espanha, no século res e esconde ela própria uma história entre os filhos dos filhos, hav ancestral com raízes na família Catões católicos. Do lado paterno queja Rodrigues.

«Mezuzah» é um pequeno dispositivo que as casas judias ostentam à entrada, do lado direito. Nele, em concordância com o Deuterónimo, está gravada a frase: «E tu as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas». Com a Inquisição, os judeus deixaram de poder observar esta regra, sob pena de se de denunciarem. A imaginação fez o resto: para a cumprir, criaram-se «mezuzah» de bolso. O exemplar exibido no museu, único no país, remonta ao século XVI e foi encontrado, por acaso, no interior de uma gaveta em casa dos pais de Adriano Vasco Rodrigues, que emprestou grande parte da sua coleção familiar para ser depositada em Belmonte. Este professor universitário de 78 anos, poliglota e historiador, é também sócio N.º 1 da Associação de Amigos de Portugal-Israel, ex-director da Escola Europeia de Bruxelas e escritor, nascido na Guarda e residente do Porto, faz questão de referir que apenas sente judeu do ponto de vista da perten-



«Mezuzah» de bolso, datada do século XVI

ça, da cultura. «Não sou praticante», frisa, para início de uma conversa que prosseguirá com o detalhado inventário das descobertas a que se dedicou nos últimos 30 anos, entre as quais a recolha de provérbios de origem sefardita na zona da Beira e Trás-os-Montes. O conjunto de objectos cedidos (não doados) ao Museu Judaico esteve exposto na Guarda por ocasião do oitavo centenário da fundação da cidade. Alguns, como uma colcha em lã e linho que cobria a cama da mãe de Maria da Assunção, a esposa, servem para demonstrar que as tradições do judaísmo peninsular ainda se mantêm — feita

de um judeu do ponto de vista da pertença do casal. Adriano recorda que o pai estavam sempre sep divisões diferentes, para que os associasse à celebração. Só ele, décadas depois, o tro expositor, artefactos lentes aos vários ofícios de os pelos judeus, «os primeiros liberais», estão na linciano há 500 anos. O histuma fotografia da filha, a quem a autarquia de Bmendou quadros ilustratíca quotidiana: do p m pequeno amuleto, un o anos e olhos vermelh e encontra no museu. A é um extremo da sala e um calvário medieval da — oriunda de Trás-o: região do Douro — oncto na cruz e — dois anjos um céu estrelado. À p er origem católica. Mas t enção para as estrelas i pontas e evocam a est Esta peça, testemunho



VC: Começemos por uma caracterização genérica do concelho de Belmonte.

AM: Belmonte é um concelho de Interior, com as dificuldades próprias da sua localização. É composto pelas freguesias de Belmonte, Inguias, Maçaínhas, Caria e Colmeal da Torre.

Durante muitos anos viveu da agricultura e também apresenta tradições mineiras na extracção do estanho. Nas últimas três décadas a primazia foi da indústria das confecções que, mesmo atravessando algumas dificuldades, a nível económico mantém-se o sector mais representativo do concelho. É preciso falar ainda noutra área da economia que assenta na produção frutícola, no âmbito da qual existem explorações muito bem montadas, verificando-se praticamente o mesmo com o sector do vinho, no âmbito do qual importa referir um produtor engarrafador de um produto de alta qualidade.

VC: Falando em actividade económica, qual tem sido o papel da atarquia no seu desenvolvimento?

AM: Acabámos de construir um Parque Industrial, em Belmonte Gare, composto por 24 lotes, dos quais mais de metade já foram atribuídos. O objectivo é que ali se fixem pequenas empresas de modo a criar alternativa à indústria das confecções.

VC: São muito notórias as dificuldades que a indústria das confecções atravessa?

AM: Precisamente porque essa indústria apresenta dificuldades é que temos de procurar alternativas e essas passam sobretudo pelo turismo como desenvolvimento de uma vertente económica e particularmente no turismo cultural, ambiental e religioso.

Turismo é uma das alternativas à indústria de confecções

VC: O que é que já foi feito nesse sentido de procurar alternativas?

AM: Construimos três museus que estão abertos ao público e a funcionar com regularidade. Para além disso temos também uma oferta de património próprio em termos da Vila de Belmonte e também de Caria de modo a podermos ter uma oferta de turismo de qualidade e diversificado.

Tenho de referir o Vale do Zêzere, de beleza inquestionável em termos paisagísticos, mas também a Comunidade Judaica e o Judaísmo enquanto vertente de turismo religioso e que levou à construção do Museu Judaico, único no país.

Temos uma relação muito forte com a História visto ter sido aqui que nasceu Pedro Álvares Cabral, que nos leva a ter uma presença activa e dinâmica na epopeia dos descobrimentos e é por força desse acontecimento que em breve vamos dar corpo ao projecto do Centro de Interpretação dos Descobrimentos que será um projecto âncora no programa das Aldeias Históricas, no qual fomos recentemente incluídos e nos permitirá ter mais uma peça de qualidade para oferecer em termos turísticos.

Neste momento é inquestionável que Belmonte afirma-se como ponto de atracção turística.



Amândio Melo, presidente da Câmara de Belmonte



Imprensa de Portugal e Audiovisual, Lda

CLIPPING DA IMPRENSA NACIONAL

Jornal	Revista	Boletim	Regional	Méto Analisado
Diário	Semanal	Mensal	Outro	Gazeta do Interior
				Data
				20/4/05
				Página
				78

18 BELMONTE

Gazeta do Interior, 20/4/2005

MINISTRO SANTOS SILVA RECORDA HISTÓRIA DOS JUDEUS EM PORTUGAL

Vila aposta em Turismo Cultural

Depois do Eco Museu do Zêzere e do Museu Judaico, abre portas na segunda-feira, o Museu de Interpretação do Azeite



Por ordem, Menorah do Arco de Tito, Livro de Flávio Josefo, Moeda séc. I encontrada em Mértola, Sefer Torah, Hanukkah.

Naquela que foi a primeira visita de um ministro do actual governo à Região, Augusto Santos Silva, Ministro dos Assuntos Parlamentares, inaugurou este fim-de-semana, o primeiro Museu

comunitário de judeus que fizeram muito para chegar a esta data.

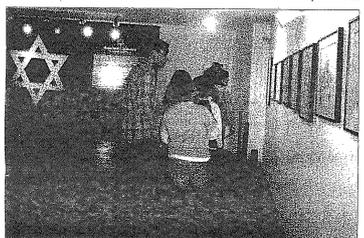
O projecto resultou de uma prioridade da Câmara, que permitiu a disponibilização da Azeite Integrada da Base Regional da Serra da

possibilidade que a AIBT tinha para Belmonte, decidimos investir nesta área, porque achamos que o museu é suficientemente importante, é um sonho", refere Amândio Melo, presidente da autarquia. O museu faz parte de uma

público aquele que será o terceiro museu da vila, o Museu de Interpretação do Azeite, instalado no museu municipal. Trata-se de um museu que faz a recriação do ciclo do azeite, desde à colheita até ao produto final e tem a par-

te ensaios gastronómicos, de forma a realçar os pratos regionais, para destacar a importância que o turismo gastronómico começa a ter no País. Amândio Melo, presidente da Câmara de Belmonte da

vila, no âmbito das Adegas Históricas e vamos recuperar os Solar dos Cabral que já é da propriedade da autarquia, com vista a criar um Centro de Interpretação da existência de Pedro Álvares Cabral. Este centro museu



A Vila acolhe o 1º Museu Judaico Português e o Ministro Santos Silva veio felicitar a Câmara pela aposta

Judaico do País. "Os judeus de Belmonte não são uma curiosidade histórica, os judeus de Belmonte não são apenas um recurso cultural que devemos preservar: são essencialmente um elemento vivo da liberdade", lembrou o governante, neste mês de Abril em que se assinalam 31 anos passados da Lei pela Liberdade. Por isso, entendemos "é uma homenagem aos que puderam resistir à perseguição e aqueles que emigraram, em condições muito difíceis, em preservar as suas identidades, convicções, crenças e cultos", sublinhou o Ministro dos Assuntos Parlamentares, garantindo que "o passado de inteligência que houve, nunca mais regressará".

As palavras de Augusto Santos Silva alocaram as celebrações dos muitos judeus presentes entre a população em grande pequeno auditório do Museu Judaico de Belmonte, a Vila que coexiste uma comunidade de cerca de 120 judeus. A Conselheira da Tribunal de Instância Regional, Irl Savion, referiu ter gostado sobretudo do espírito que se vive aqui em Belmonte e do esforço da

Breiros (AIBT), decidiu dirigir o apoio de 70 por cento para a criação deste espaço cultural, um investimento de cerca de 240 mil contos. "Da dis-

rota de museus temáticos que a autarquia está a construir, primeiro com Eco Museu do Zêzere. Na próxima segunda-feira, será aberto ao

ntinuidade de ter um lugar antigo. O espaço representa a importância que o azeite tem na nossa gastronomia e tem condições para fazer

4 noutras apostas culturais, que passam pelo facto de Pedro Álvares Cabral ter nascido neste município. "Estamos a dinamizar este

que "o desenvolvimento também se faz com cultura". Assim pensa a Câmara e assim pensa também o presidente da comunidade judaica de Belmonte, Moisés Morão. "Este museu é sobretudo divulgação de que existem judeus em Belmonte e isto torna maiores o Conselho e a nossa comunidade", garantindo que graças a este espaço, "vê-se muita gente de todo os países do Mundo a Belmonte". Moisés Morão adianta que "existem judeus interessados em instalarem-se aqui. Temos agora um casal que vem de França para se instalar em Belmonte, porque a comunidade começou a divulgar-se. Nós somos entoados e aqui pratica-se o judaísmo e por isso eles querem vir".

No Museu podem ser vistas mais de uma centena de peças que pertencem ao historiador Adriano Vasco Rodrigues. Está reservado um espaço de exposições permanentes e temporárias, um Centro de Estudos Judaicos e um outro para venda de produtos entre os quais o azeite e vinho "Kosher".

Célia Domingues



Belmonte recebe Encontro Mundial de Judeus

João Patrão, presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela, anunciou que a vila de Belmonte vai receber, no próximo ano, um Congresso Mundial de Judeus e Sefarditas. "Queremos que façam da Serra da Estrela e de Belmonte um ponto de encontro da comunidade portuguesa que não está perfeitamente organizada", afirmou o responsável regional, adiantando que os projectos culturais que estão a surgir na região, acima, não são apenas por acaso. "A Região de Turismo teve a intenção de criar uma Rede Turística e a Câmara de Belmonte decidiu apoiar. O que estamos a desenvolver, é um recurso alternativo atractivo em termos culturais para muitas pessoas que têm na sua memória, a história da história judaica portuguesa". Por isso, o Museu de Belmonte acolhe a sede da Base das Judaicas que se estende por vários concelhos da Serra da Estrela.



Imprensa de Portugal
e Audiovisual, Lda

CLIPPING DA IMPRENSA NACIONAL

Jornal	Revista	Boletim	Regional	Meio Analisado
✓ Diário	✓ Semanal			Expresso
				Data 16/04/05
				Página 217

BELMONTE

Em Belmonte, a comunidade judaica começa a abrir-se ao mundo e reaprende os rituais outrora clandestinos. Amanhã inaugura o museu que fixa as suas memórias

TEXTO DE LUCIANA LEIDERFARB FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

O judaísmo interdito



A hora em que a luz cai, aquela hora intermédia em que ainda não se acenderam os candeeiros, Belmonte recolhe-se num murmúrio abafado dentro das casas, as últimas lojas fecham-se devagar, com os donos a arrumar aqui e ali nas prateleiras, a carrinha do merceeiro passa ao lado do largo do Pelourinho e é recebida por quatro mãos que de imediato começam a retirar do seu interior frutos cujas cores con-

trastam com o cinzento do fim de tarde. Um forte cheio a vela queimada percorre o ar. Antes de o silêncio se instalar de vez, a banda ensaia as últimas notas. Tudo parece igual a milhares de outras vilas, com os velhos nos alpendres de olhos fixos no horizonte, as senhoras a apressarem-se, de avental posto para o jantar, as ruelas a encherem-se de aromas da cozinha. A julgar pela quantidade de cruzeiros e imagens de santi-

nhos espalhados, o visitante menos avisado dificilmente perceberá que esta é terra de judeus. Talvez um ligeiro assomo aos corredores apertados da judiaria (assinada com uma placa municipal) permita vislumbrar que pelo menos um dia, muitos séculos atrás, viveu aqui uma comunidade. Será preciso que chegue a manhã para descobrir uma sinagoga recente, situada no limite de uma falésia que dá para um profundo vale.

À porta, um candelabro de sete braços em ferro vermelho não deixa dúvidas. Mais tarde ficaremos a saber que recebeu o nome de Bet Eliabu, em homenagem ao pai do rabino que a construiu, Salomão Azoulay.

Do outro lado da vila, onde a estátua de Pedro Alvarez Cabral, também aqui nascido, se ergue com porte orgulhoso, há uma grande loja de esquina onde se lê «mercearias», «louças» e «miudezas», mas que vende so-

bretudo roupa e atalhados. De dentro sai um homem gorducho, de óculos e estatura baixa, que nos estende a mão. Trata-se do Moisés, o dono, cujo ar afogueado denuncia que o negócio, nesse dia, está a correr bem. O seu andar rápido, à mistura com o sotaque cerrado da Beira Alta, impede-nos de perceber o que depois se tornará claro: este comerciante de 40 anos, chamado Moisés Mendes Henriques Morão, antigo feirante e presi-

“É necessário saber tirar dividendos da capacidade que Belmonte tem para atrair visitantes”

Voz do Campo: Quais são as principais actividades e económicas da freguesia de Belmonte?

António Rodrigues: O principal suporte da nossa economia foi até há bem pouco tempo a indústria de confecções mas, actualmente, este sector encontra-se com alguns problemas e está em decadência. Depois há uma grande diversidade de actividades embora com menos representatividade de entre as quais se destacam a construção civil, o comércio tradicional e outras ligadas aos sectores da agricultura e dos serviços.

V. C.: Estão a ser pensadas/tomadas medidas no sentido de criar alternativas?

A. R.: Em relação a esta questão, não é fácil encontrar respostas concretas nem milagrosas que possam resolver o problema do emprego de um dia para o outro. Belmonte tem, de facto, um problema para resolver e tem-se responsabilizado apenas o actual executivo camarário o que, pessoalmente, acho uma injustiça.

V. C.: Mas há responsabilidades do poder local?

A. R.: Haverá algumas responsabilidades dos executivos dos últimos 12 ou 16 anos, porque já se previa esta situação. A grande questão é que a construção do Parque Industrial juntamente com outras medidas visando a diversificação da oferta de emprego, não foram tomadas no *timing* adequado. Embora ainda haja medidas que podem ser tomadas, a resolução desta questão não é fácil porque o desemprego não está a aumentar apenas em Belmonte, mas existe uma verdadeira crise a nível nacional e europeu.

“Temos de atrair investidores para o Parque Industrial”

V. C.: O que é que ainda pode ser feito?

A. R.: Se existe um Parque Industrial penso que devíamos ir à procura dos investidores e para isso temos que ser atractivos. Na minha opinião isso começa pelas acessibilidades porque como estamos equidistantes da Covilhã e da Guarda há necessidade de se construir uma ligação com dignidade à A-23. Podemos ainda oferecer os lotes e, em

A Freguesia de Belmonte é composta pelas localidades de Belmonte, Gaia e Belmonte-Gare, tem uma área total de 27,32 km² e conta com 3227 habitantes. O presidente da Junta de Freguesia, António Manuel Rodrigues, adianta-nos quais são as estratégias para os próximos anos.



António Rodrigues acredita que será possível criar alternativas à indústria das confecções

último caso, a Câmara Municipal até poderá ajudar a financiar a construção das instalações, mediante a criação de protocolos que garantam a criação de postos de trabalho durante um determinado período de tempo.

V. C.: Sendo uma Vila e um Concelho ligados à história, Belmonte tem potencial para se afirmar como destino turístico?

A. R.: Sem dúvida. A aposta no turismo é a «chave» certa não só para o desenvolvimento da nossa Freguesia mas também para o desenvolvimento da região. Através do “Tridente de Ouro” formado pela Vila Histórica, Turismo Religioso ligado à Comunidade Judaica e o “Projecto Golf” da Quinta da Bica, Belmonte tem tudo para ter sucesso. Possuímos um Património histórico-cultural valiosíssimo e uma rede de museus temáticos que é única na região centro. Temos de ser capazes de atrair turistas para um maior desenvolvimento social e comercial e assim criar mais postos de trabalho e ao mesmo tempo sensibilizar os nossos comerciantes para esta realidade.

V. C.: Falando agora em aspectos mais gerais, como se encontram servidos em termos de infra-estruturas?

A. R.: É certo que nunca se pode

dizer que nesse campo estamos completamente bem equipados mas penso que não estamos mal servidos. Belmonte tem um novo Auditório Municipal, as Piscinas Municipais, uma Praia Fluvial, um Campo de Tiro da Associação de Caça e Pesca, um Pavilhão Gimnodesportivo, um Polidesportivo e um Campo de Futebol. Na área da saúde, temos um bom Centro de Saúde que em breve funcionará aos fins-de-semana e feriados e brevemente vamos abrir um Posto de Enfermagem em Belmonte-Gare. Em relação à educação temos o Centro Educativo inaugurado este ano e onde funcionam o Pré – Escolar e o Primeiro Ciclo, mas já não estamos tão bem relativamente à Escola E. B. 2/3 Pedro Álvares Cabral, em relação à qual entendo que precisávamos de uma escola nova.

V. C.: Quais são os grandes projectos para o futuro?

A. R.: Os grandes projectos passam pela construção do Centro de Interpretação dos Descobrimientos, pela construção do Centro Cultural e Paroquial de Belmonte Gare e pela requalificação da Zona Histórica de Belmonte. Também vamos unir esforços no sentido de concretizar a construção de uma variante à Rua Pedro Álvares Cabral, um Circuito de Manutenção e um Complexo Desportivo. Iremos promover o diálogo para procurar uma solução para retirar o Mercado Quinzenal e as Feiras daquela Rua e ao mesmo tempo estamos a trabalhar na elaboração de um Regulamento de Toponímia e vamos criar uma Comissão de Trânsito para, juntamente com outras entidades, tentarmos melhorar a sinalética e o ordenamento do trânsito na Freguesia. Gostaríamos ainda de poder contribuir para aumentar as condições de segurança das crianças nas escolas, propondo, caso seja possível, a implementação de um “Programa Escola Segura” a partir do Posto da Guarda Nacional Republicana de Belmonte.

I CONGRESSO DE MARRANOS ANUNCIA ENCONTRO ANUAL EM BELMONTE A PARTIR DE 2006

Fortalecer a identidade

Fortalecer e resgatar identidades judaicas em Portugal foi o que uniu ontem os cristãos-novos naquele que foi o primeiro congresso de marranos no Porto. A marcar o certame ficou o anúncio de um encontro mundial em Belmonte e o lançamento da associação de produtos Kasher.

RAQUEL PACHECO

Passados 500 anos, fez-se história na cidade Invicta. O Porto acolheu o primeiro congresso aberto a cristãos-novos.

"Traçado o actual panorama judaico em Portugal, o encontro de marranos focou-se no resgatar da verdadeira identidade e orientou-se na criação de condições para que a comunidade possa viver melhor em Portugal.

Do congresso que, decorreu sexta-feira e ontem, saiu a garantia de que, a partir de 2006, se irá realizar um encontro anual de judeus, em Belmonte, onde reside a mais antiga comunidade judaica do País. "É como a aldeia de Astérix, Belmonte foi o único local que resistiu aos tempos da Inquisição e por isso é mais mediatório para



O Porto acolheu o primeiro congresso aberto a cristãos-novos

acolher um evento mundial", explicou Jorge Patrão, presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela.

O lançamento da Associação Portuguesa de produtos Kasher-Sephard - um organismo que pretende a curto prazo aumentar a produção destes alimentos específicos, nomeadamente bolachas, vinho, azeite, frutos secos e produtos lácteos -, foi outro impulso dado à comunidade.

A associação será liderada por Elisha Salas, rabino da comunidade israelita do Porto, que considerou ser "um passo importante para o incremento da comunidade judaica no País", salientando que "o ob-

jectivo é criar condições para que a comunidade tenha melhores condições para viver de acordo com a religião e hábitos", já que, sustentou, ainda "muitas pessoas deslocam-se especificamente a Espanha, França ou Israel para adquirir os produtos alimentares".

"Incremento da comunidade judaica em Portugal"

Os alimentos Kasher pouco diferem dos normais: a grande diferença está no seu modo de preparação e no facto de serem

benzidos antes de ingeridos.

A abertura do museu judaico português em Belmonte para dia 17 de Abril foi outro tema em destaque.

"Este congresso marcou a diferença, porque há dois anos eu prometa fazer tudo isto e agora já é uma realidade, hoje, aqui, apresentámos resultado feito", frisou Jorge Patrão, para quem o museu, os produtos Kasher na rota de judaísmo da Beira Interior eram projectos antigos. "Isto põe a Serra da Estrela na península ibérica, não só Portugal, numa vanguarda em termos do que é a presença sefardita", concluiu.

doc. 23 – Jornal O Primeiro de Janeiro, 11/04/2005, p. 16

Fonte: Biblioteca Municipal de Belmonte

Ministra diz que câmaras devem financiar a Cultura

Hugo Silva

Não é possível que nenhuma câmara municipal risque a Cultura do seu orçamento". A ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, sublinhou, ontem à tarde, no Porto, a importância do apoio estatal - através das administrações central e local - às actividades culturais. Recusando comentar o caso particular do Porto, onde o presidente da Câmara, Rui Rio, assinou um despacho que extingue todos os apoios pecuniários a partir do próximo ano, a governante foi taxativa: "O apoio à Cultura é um princípio basilar da gestão pública".

Isabel Pires de Lima falava à saída do Teatro Passos Manuel, onde presidiu à abertura de uma jornada de reflexão sobre "Serviço Público - fundamentos e funções", organizada pelo grupo que recentemente ocupou o Rivoli, em protesto contra a entrega da gestão a privados daquele teatro municipal português. A sua presença na reunião foi muito bem recebida, tendo sido bastante crítica durante o debate.

Antes, na intervenção que fez perante cerca de 200 pessoas, Isabel Pires de Lima sublinhou que "o Estado pode e deve apoiar a arte e os artistas e não apenas preservar o património legado do passado". Acrescentou que o serviço público "não deve ser regido por critérios de rentabilidade", lembrando, contudo, que se exige "responsabilidade na gestão".

"A Cultura também gera riqueza material", observou, ainda, a ministra, assinalando que um estudo da Comissão Europeia revelou que a chamada Economia Criativa (ligada às artes), em



Ministra cumprimenta Regina Guimarães, rosto principal dos "ocupas" do Rivoli, à entrada para o debate

teve empregava 5,8 milhões de pessoas, ou seja, 3,1% do total de emprego na Europa", enfatizou Isabel Pires de Lima, "para logo depois sublinhar o aumento dos apoios financeiros do Ministério da Cultura para o Norte. Ainda teve tempo para anunciar o novo regulamento de apoio aos grupos artísticos, publicado há dias em Diário da República.

"Apoiar as artes e os artistas não é um ónus, um desperdício, uma despesa, mas um investimento económico reprodutivo, mesmo a curto prazo", sentenciou, antes de abandonar a sala.

Já no exterior, a ministra considerou, ainda, que o Porto não teve capacidade para manter as conquistas obtidas com o Capí-

nho aproveitou, devidamente, o comboio da Capital Europeia da Cultura", sustentou, anunciando, ainda, para o próximo ano, uma exposição do museu russo Hermitage no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto.

Entretanto, no interior do Cinema Passos Manuel, o debate cingiu-se, salvo raras excepções, aos próprios agentes culturais. A entrega da gestão do Teatro Rivoli a uma empresa privada esteve no centro de todas as críticas.

"Como cidadãos sinto-me insomodoado com a estratégia da Câmara do Porto", referiu Vítor Nogueira, director do teatro municipal de Vila Real, cujo organismo (um milhão de euros) é suportado pela autarquia em 60%.

► Isabel Pires de Lima afirma que o Porto não soube aproveitar conquistas da Capital Europeia da Cultura

Notas soltas

Companhias do Porto em dificuldades
Francisco Alves, do Teatro Plástico, verbalizou as dúvidas que estão em muitas das companhias do Porto, quanto ao futuro e ao novo modelo de apoio financeiro do Estado. Explicou que o novo regulamento, abordado pela própria ministra, creia acordos tripartidos: Governo, câmaras, grupos candidatos. Ora, se Rui Rio já fez saber que para o ano não há financiamento da Câmara para ninguém, como é que as companhias do Porto vão conseguir apoio do Estado?

"O que fazemos a seguir?"
Regina Guimarães, rosto principal dos "ocupas" do Rivoli, na primeira sessão: "O que é que fazemos a seguir? Se não existem mecanismos legais que possam impedir a Câmara de se bonitar totalmente para os programas de desenvolvimento do Ministério da Cultura, o que se faz?". Não houve resposta concreta para a pergunta.

Muitas palmas para Manoel de Oliveira
Manoel de Oliveira, cineasta, também esteve presente no debate, embora tenha saído antes do final da sessão. Fez uma intervenção curta, sem mencionar o caso concreto do Rivoli. "Estou aqui em defesa da Cultura e em particular do teatro", sintetizou. A propósito, lembrou que na Grécia antiga era o próprio Estado que pagava as

doc 24 – Jornal de Notícias, 13/11/2006, p. 6.

Fonte: Biblioteca Municipal de Belmonte